BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLVIII)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME IX)

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1905

TRATADO

DO

SUCCESSO QUE TEVE A NAO

S. JOÃO BAPTISTA

E jornada que fez a gente que della escapou, desde trinta e tres graos no Cabo de Boa Esperança, onde fez naufragio, até Sofala, vindo sempre marchando por terra

A Diogo Soares, secretario do conselho da fazenda de Sua Magestade, etc.

AUZENTE

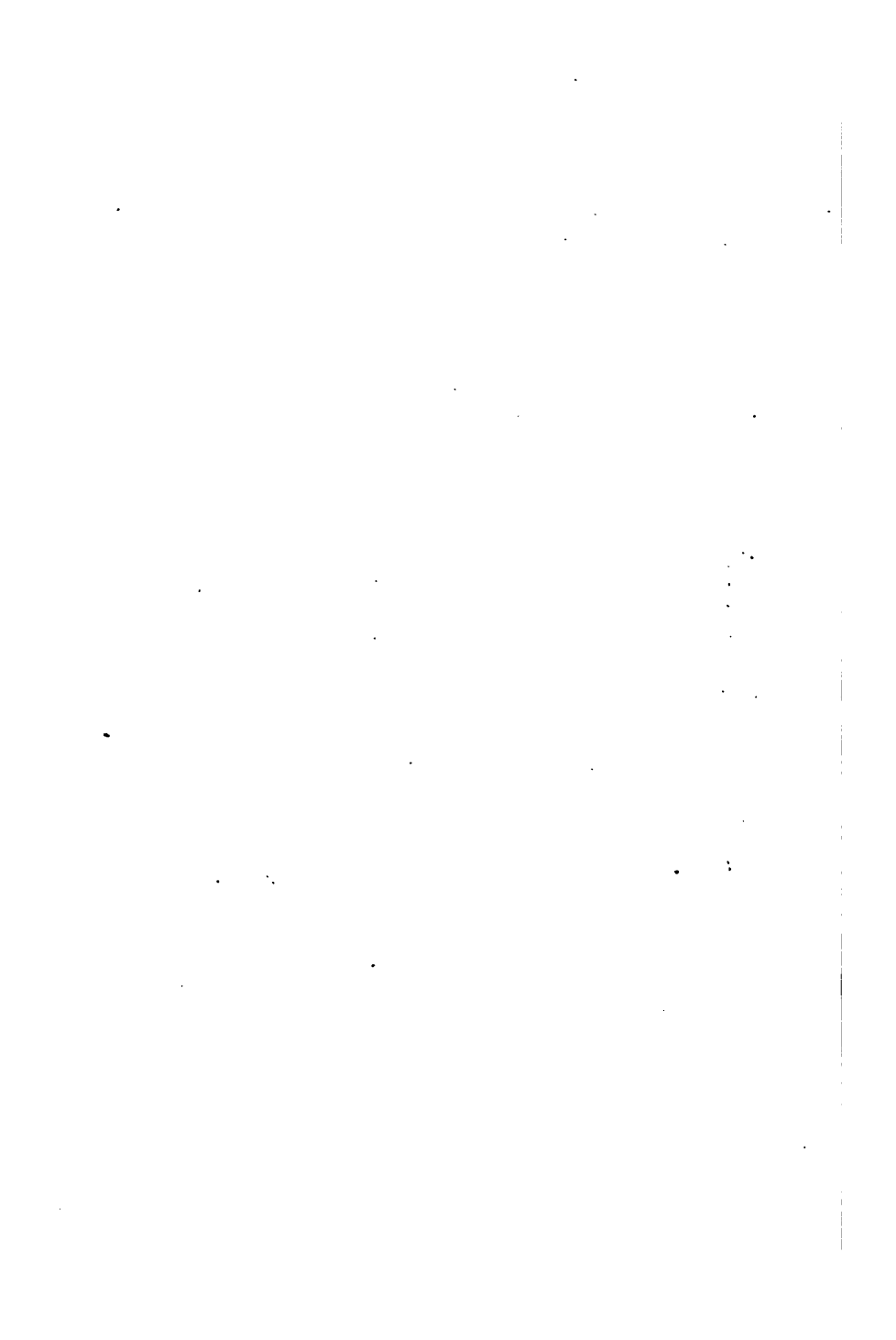
AO PADRE MANOEL GOMES DA SILVEIRA

Com licença da S. Inquisição, Ordinario, e Paço

Em Lisboa

POR

PEDRO CRAESBECK

IMPRESSOR D'EL-REI, ANNO DE 1625

A DIOGO SOARES

Secretario do conselho da fazenda de S. Magestade, etc., auzente, ao padre Manoel Gomes da Silveira

Os muitos desejos que tive de mandar a V. M. a relatoria deste successo, me obrigáram a faze-la em doze dias, antes que estas naos, que Deos salve, se partissem. E descuidei-me tanto, porque me tinha dito o padre frei Diogo dos Anjos, que foi tambem companheiro, que fazia um tratado mui copioso, contando miudamente todas as particularidades, que na jornada succederam. E pedindo-lho eu neste tempo para mandar o treslado delle a V. M. me disse, que o não pudera fazer por estar sempre doente, e por que tambem lhe não tinham dado tempo as obrigações da religião. Este foi o respeito, que me moveo a fazer este, sendo assim que me dá muita pena escrever qualquer carta larga, quanto mais tantas folhas de papel, maiormente não sabendo eu o estylo, com que se isto costuma fazer. Pelo que peço a V. M. que antes que o mostre o veja mui miudamente, emendando-lhe o estylo, e o mais de que vir tem necessidade, relevando minhas faltas como amigo. E depois que estiver para se vêr em publico, faça o que lhe parecer.

Francisco Vaz Dalmada.

Naufragio da nao S. João Baptista no Cabo de Boa Esperança no anno de 1622

Em o primeiro dia de Março dc seis centos e vinte e dous, partimos da barra de Goa a nao capitania, de que era capitão mór Nuno Alvares Botelho, e a nao S. João, de que era capitão Pero de Moraes Sarmento, e depois de termos navegado quinze, ou vinte dias indo-se ver a bomba se acháram nella quatorze, ou quinze palmos de agua, e tratando de a esgotar, não foi possivel, porque eram pequenas as bombas, que a nao trazia, por serem feitas para um galeão, de maneira que as desfizeram, e acrescentáram, e nunca pode servir mais que uma; e com barris fazendo baldes delles a puzemos em estado de quatro palmos, e fomos fazendo nossa viagem com grandes calmarias até vinte e cinco graos, que dahi por diante tivemos notaveis frios.

A dezasete de Julho nos apartámos da nao capitania de noite por se lhe não vêr o farol: outros dizem, que porque o quizeram fazer os officiaes. De mim sei dizer a V. M. como quem perdia tanto em perder a companhia do capitão mór, que toda a noite vigiei, e que nunca o vi.

Em dezanove de Julho um domingo pela manhã em trinta e cinco graos e meio largos vimos por nossa proa duas náos olandezas, e logo nos fizemos prestes, pondo a nao em armas, o que nos custou muito trabalho por estar empachada; de maneira que ainda aquella tarde lhe demos duas cargas, e fomos brigando com estas duas naos, entrincheirando-nos com fardos de liberdade, e foi este grande remedio, porque dalli por diante matáram mui pouca gente, sendo assim que nos primeiros dous dias que não tinhamos feito esta diligencia nos matáram vinte homens, até altura de quarenta e dous graos em espaço de dezanove dias, dos quaes só nove brigáram comnosco de sol a sol cada dia, e nos puzeram em o mais miseravel estado que se póde imaginar, porque nos quebráram o goroupés pelos cabrestos com bombardadas, e o mastro grande dous covados por cima dos tambores, e o traquete, e o leme, posto que era velho, que tinha sido de uma nao, que em Goa se desfez, e havia dous annos que estava deitado na praia, e já podre, que desta maneira se costumam haviar as naos nesta terra. Digo isto, porque o não termos leme foi causa de nossa destruição, porque vinha elle tal, que só duas bombardadas bastaram para o fazer em pedaços. E não foi esta só a falta, com que esta nao partio de Goa, porque não trouxe munições, nem polvora bastante para poder brigar, trazendo só dezoito peças de artelharia de mui pequena bala, e com serem estas, brigamos até nos não ficarem mais que dous barris de pólvora, e vinte e oito cartuxos.

Vendo-se que a nao não tinha arvore nenhuma, e as entenas de sobrecellente todas cheas de pelouradas, que a que tinha menos tinha nove, e a nao indose ao fundo com agua, porque nos fundiáram a pelouradas por uma braça debaixo d'agua; e o leme quan-

do quebrou levou duas femeas comsigo, abrindo os buracos das cavilhas das mesmas femeas, de modo que nos iamos a pique ao fundo sem podermos vencer a agua, nem se ter esperança de remedio algum dando de noite, e de dia á bomba, e gamotes todo o genero de pessoa, trataram os religiosos de haver algum concerto de modo que se entretivessem os inimigos, para que entretanto vissemos se podiamos vencer a agua, e tapar alguns buracos. E para isso me pediram quizesse eu ser uma das pessoas, que tratasse com os olandezes um concerto honrado, sobre o que tive algumas razões com elles, e disse, que quem queria o tal concerto, que fosse lá, e que não eram meus amigos, pois tal me aconselhavam, e me fui meter na estancia, de que o capitão me encarregou, de maneira, que não vi batel a bordo, nem olandezes, ficando odiado com muita gente da nao. Depois pediram a Luiz d'Afonseca, e a Manoel Peres quizessem ir fazer este contrato, os quaes foram, e as tormentas foram tão grandes e continuas, que não vimos mais a nao para onde estes dous homens foram. A outra nos foi seguindo sem nos querer abalroar, e mandou saber pelo batel se viramos a outra sua nao, porque tinha desaparecido della, e pela muita agua, que de continuo faziamos estando desaparelhados, e faltos de todo o remedio, veio saber, que determinação era a nossa, e estando toda a gente mui miseravel, e desconfiada lhe dissemos, que não sabiamos da nao, e com esta reposta se tornou o batel para donde viera, estando nós cada vez mais desconsolados, porque padeciamos as mais notaveis tormentas, e frios, que os homens viram, chovendo neve muitas vezes, de maneira que morreram muitos escravos com os frios, os quaes nos faziam muita falta pelo remedio da bomba, e alijar ao mar, o que tudo faziamos con-

tinuamente, e com trabalho por as tormentas, e balanços da nao não darem lugar a que se acendessem os fogões, que era causa destes trabalhos nos ficarem sendo muito maiores. Estando neste estado fizemos uma bandola do mastro da mezenà, e a puzemos na proa, e o botaló por goroupés, e iamos para onde o vento nos levava, de maneira que muitas vezes era o vento bom para virmos para terra, e a nao tomava na volta do mar, que como não tinha leme, nem governo, andava de ló para onde o vento a levava. Isto tudo aconteceo andando em quarenta e dous graos, e vindo-nos sempre seguindo esta derradeira nao. E uma noite sendo com ella na volta do mar, por ser grande o escuro, e a tormenta, amaináms a bandola, pedindo á Virgem da Conceicão, que permitisse a nao tomasse na volta da terra, ficando apartados da que nos seguia : E assim sucedeo, porque amanhecemos na volta da terra, na qual fomos muitos dias. As naos olandezas pelo que agora soubemos nos foram buscar na volta do mar até altura de quarenta e seis graos : lá se deve contar o estado, em que chegaram a Zacotorá.

A nós como tenho dito nos pareceo tinhamos mais remedio apartando-nos das naos pelas continuas tormentas, e buracos, que de novo se abriam, e por a gente vir toda desmaiada com os trabalhos, e além deste, que digo acudiam a um leme, que no convés se fez, o qual o carpinteiro da viagem meteo em cabeça ao capitão, que em tal altura, e com taes tempos o havia de meter, sendo assim, que muitas vezes deixam as embarcações de o meter estando em bahias, e rios com qualquer alteração de tempo. O capitão Pero de Moraes como não era mui experimentado, supposto que valante, não quiz tomar parecer dos officiaes da nao, nem das pessoas, que nella iam

de mais experiencia, e seguio o de um vilão pertinaz, não querendo usar do remedio de espadellas, que foi sempre o que as naos costumáram faltando-lhe leme. E por derradeiro nunca este leme se pode meter, andando quinze dias amarrado pela popa, aguardando, que tivessemos alguma quietação para o poder meter; e quebrando-nos os viradores, com que estava amarrado o perdemos uma noite, e tivemos, que fora mercê de Deos, porque nos quebrava a nao com as continuas pancadas, que sempre estava dando.

Emquanto se isto fazia, esperavamos cada hora nos fossemos ao fundo, e não tinhamos já mais esperanças, que da salvação das almas. Os religiosos, que nesta nao iam, exhortavam as mais pessoas fizessem penitencia de seus peccados, fazendo procissões os mais dos dias, a disciplina da qual senão escusava pequeno, nem grande, antes todos assistiam com muitas lagrimas. E tivemos todos nestas miserias, que fora castigo de Deos apartarem-se as naos inimigas de nós, porque tinhamos por cousa nunca acontecida vir uma nao sem leme, nem vellas de tão longe em partes tão tormentosas a porto algum. No que se vio ser manifestamente milagre da Virgem, como acima digo.

Depois que o leme desappareceo, se fizeram duas espadellas muito bem feitas dos pedaços dos mastros, e goroupés, que ficaram metidos na nao, e se póde affirmar, que não houve remedio algum humano, que senão usasse, que como cada um tratava de remediar a vida, era o trabalho geral de todos. Feitas as espadellas como não tinham bandolas, nem paos de que as podessem fazer, não ia a nao despedida. Depois destes remedios todos ficou a nao aos mares toda desfeita, porque os inimigos desfizeram a maior parte dos castellos, ficando os prégos, e a madeira em rachas, e escadeada, e com os grandes balanços, que a nao

dava caia a gente, e se feria, e por este respeito se acabaram de cortar.

Acabando nesta confusão e aperto, em vinte e nove de Setembro fomos amanhecer duas legoas da terra em trinta e tres graos, e um terço, e foi tamanha a alegria em todos como se fora à barra de Lisboa, não imaginando o muito caminho, que tinhamos para andar, e os trabalhos, que nos aguardavam ao diante. Na briga da nao não morreram homens conhecidos, salvo João d'Andrade Caminha, e João de Lucena. Lopo de Souza, que Deos tenha no ceo, e o capitão Vidanha assistiram no convez, donde pelejaram valerosamente, e ficou Lopo de Souza ferido com tres dedos menos do pé esquerdo, e o pé quebrado todo, com uma racha em um quadril, outra na barriga, outra no rosto, e duas na cabeça, e o capitão Vidanha com duas rachas, uma na cabeça, e outra na barriga. No castello de proa assistio Thomé Coelho Dalmeida, e da tolda do capitão assistio Rodrigo Affonso de Mello; e eu nas peças do leme, aonde o inimigo mais frequentava, porque todas as vezes, que vinha dar carga, dava nas primeiras peças, tendo primeiro dado no goroupés por baixo da varanda atirando ao leme. Não trato aqui do procedimento, que nesta tão comprida briga tivemos, nem o dano, que os olandezes receberam, porque espero, que elles proprios sejam os pregoeiros neste particular.

Aquelle dia não nos pudemos chegar a terra tanto como desejavamos para nella surgir, e desembarcar, mas ao outro pela manhã, que foi dia de S. Jeronymo amanhecemos mais abaixo, e mais juntos a terra, e como a nao não tinha governo, tememos, que desvairasse indo-se para o mar. E porque nos pareceo uma praia de area, e bom desembarcadouro (o que depois conhecemos não ser assim) surgimos em sete

braças com duas ancoras. Mandou logo o capitão a Rodrigo Affonso de Mello com quinze homens arcabuzeiros reconhecer a terra, e tomar bom sitio donde se defendesse a desembarcação; o que elle fez com muito cuidado como fazia tudo, e nos mandou agua doce, e hervas cheirosas, com que nos causou notavel alegria. E porque não fique caso notavel acontecido nesta viagem, quero contar a V. M. o seguinte.

Vinha nesta nao um homem por nome Manoel Domingues guardião della, ao qual o capitão tinha posto no lugar de mestre por elle ser morto. Este se fez tão soberbo, mal ensinado, e livre, que havia poucas pessoas com quem não houvesse tido historias. E como tinha a maior parte da gente do mar por si, se desavergonhou de maneira, que se foi ao capitão, e lhe disse: V. M. pela manhã ha se de meter no batel com trinta homens, que para isso tenho escolhido, e havemos de levar com nosco toda a pedraria, e saltar em terra daqui a tres legoas onde mostra a carta um areal, e havemos de atravessar essa cafraria até o cabo das Correntes, porque assim indo só trinta pessoas escoteiras com suas armas poderemos chegar aonde digo, e tratar de ir com arraial de mulheres e meninos por terras tão fragosas, e caminhos tão longe, era fallar no ar. Pero de Moraes lhe respondeo não havia de fazer tal, que não queria que o castigasse Deos, e que conta havia de dar ao mesmo Deos, e aos homens em commeter tal crueldade, e que não fallasse tão livre. Elle respondeo, que quer quizesse, quer não quizesse o havia de tomar em braços, e botar no batel. Dissimulando o capitão vendo o danado intento que este homem levava, e os muitos trabalhos, lastimas, e perdas que de tão mau conselho haviam de resultar, se deliberou ao matar, e assim o fez matando-o ás facadas o segundo dia depois de estar a nao surta, sem

embargo, que o mestre andava já de sobre aviso, cuja morte foi sentida de poucos, e festejada de muitos.

Depois se poz em terra o mantimento, e armas necessarias, ainda que foi com muito trabalho; porque era a costa brava, de maneira que todas as vezes, que o batel desembarcava alguma cousa antes que chegasse havia de surgir com uma fateixa pela popa, e haviam de saltar em terra tendo mão nelle, de modo que ficasse direito posto ás ondas, em tanto que uma vez que não surgiram pela popa, se afogaram dezoito pessoas ao desembarcar de uma só batelada. Este foi o respeito, porque depois se não tratou de fazer embarcação, porque é esta costa tão tormentosa, que se temeo que depois de feita se não pudesse deitar ao mar.

Aos tres de Outubro estando nós acabando de desembarcar as cousas necessarias para a viagem da terra, e fazendo nossas choupanas, aonde nos pudessemos recolher dos grandes frios, que naquella paragem faz, o tempo que alli podiamos estar, deram rebate os homens que estavam de vigia, que vinham negros. Tomámos armas, e elles se vieram chegando a nós, dando as azagaias que traziam a seus filhos, até que ficaram muito pegados com nosco assentados em cocaras, tangendo as palmas, e assobiando mansamente, de modo que todos juntos faziam um bom concertado, e muitas mulheres, que com elles vinham se puzeram a bailhar. Estes negros são mais brancos, que mulatos, homens corpulentos, e se disformam com as unturas de almagra, e carvão, e cinza, com que ordinariamente trazem o rosto pintado, sendo assim, que são bem afigurados. Trouxeram de Sagate esta primeira vez um boi capado grande, e fermoso, e um fole de leite, e o Rei o apresentou a Rodrigo Affonso de Mello, que então servia de capitão por Pero de Moraes estar ainda na nao. As cortezias que este Rei

fez ao capitão, que digo, foram encaixar-lhe a barba muitas vezes. E depois de nós lhe darmos o retorno do Sagate, que foram uns pedaços de arcos de ferro, e uns bertangis, se foi o Rei ao boi, e o mandou abrir, estando vivo, pelo embigo, e elle com a mór parte dos que trazia meteram as mãos no buxo do boi, que ainda estava vivo, e berrando, e se untáram todos com aquella bosta, e entendemos, que todas estas ceremonias faziam em fé, e sinal de amizade; e depois cortáram o boi, e no-lo entregáram em quartos, tomando elles para si o couro, e as tripas, que logo comeram alli mesmo posto nas brazas.

Em um mez, e seis dias, que alli estivemos se não pôde entender nunca a esta gente palavra alguma, porque o seu fallar não é como de gente, e para qualquer cousa, que queriam dizer davam estralos com a boca, um no principio, outro no meio, e outro no cabo, de modo que se póde dizer por estes: que nem a terra é toda uma, nem a gente quasi quasi.

Estando já entrincheirados em terra, fizemos uma igreja coberta com velas forrada toda por dentro de cobertores da China bordados de ouro, e de outras muitas peças ricas, de modo que toda estava cosida em ouro, na qual se diziam tres missas todos os dias, e nos confessamos e comungamos todos. Ordenou o capitão Pero de Moraes depois que os homens do mar disseram que se não podia fazer embarcação, se queimasse a nao por os cafres senão aproveitarem dos prégos, e nos ficar o resgate caro, e que a pedraria toda, que na nao vinha, se metesse em uma borçoleta nos proprios bisalhos, em que os homens, a quem se entregou a traziam mutrados, e tudo isto com papeis autenticos, dizendo, que pois o trabalho de a vir defendendo era de todos, que tambem parecia razão, que o galardão, e proveito, que disto se tivesse, fos-

se de todos, cabendo-lhe pro rata a cada um conforme seus procedimentos, e lugar.

Neste tempo iamos resgatando vacas, que comiamos, posto que não eram tantas quantas haviamos mister, e as que nos pareciam boas para trabalho as guardavamos em um curral de estacada, que para isso fizemos, acostumando-as a andar com albardas, que para isso se fizeram de alcatifas muito bem feitas, que não faltaram officiaes na companhia, que soubessem este officio. Eu neste tempo como cheguei a terra doente de gota, e mal de Loanda, e vi o muito caminho, que tinha para andar, tratei de fazer sahidas, tomando uma espingarda a melhor de sete que trazia, e me andava á caça, hora para a banda do cabo de Boa Esperança, hora para estoutro do cabo das Correntes, que como sou filho de caçador, e criado na caça, foi-me isto de gosto, e proveito, porque ao cabo de um mez, e seis dias, que nesta terra estivemos, fiquei tão forte, e bem disposto, que posso dizer, que ninguem no arraial vinha com melhor disposição que eu.

Aos seis de Novembro partimos desta terra de trinta e tres graos em um arraial formado, em que iam duzentas setenta e nove pessoas repartidas em quatros estancias, de que eram capitães Rodrigo Affonso de Mello, Thomé Coelho Dalmeida, Antonio Godinho, e Sebastião de Moraes. A companhia de Rodrigo Affonso de Mello, e de Sebastião de Moraes ia na dianteira, o capitão Pero de Moraes ia no meio com a bagagem, e mulheres, e Thomé Coelho, e Antonio Godinho vinham na retaguarda. Traziamos com nosco dezasete bois carregados com mantimentos, e cousas para o resgate necessarias, e quatro andores, em os quaes vinham Lopo de Sousa, Beatriz Alvres mulher de Luis d'Afonseca, D. Ursula mulher, que foi de

Domingos Cardoso de Mello, e a mãe de Dona Ursula. Este dia foi de muita chuva, e como as cousas não iam ainda bem concertadas, andariamos uma legoa, e assentamo-nos á borda de um rio de agoa doce, e tivemos ruim noite por chover sempre. Esta terra é toda cortada de rios de mui boa agoa, e tem lenha, mas falta de fruita, e de mantimentos, sendo assim, que parece tal, que dará tudo o que nella se semear abundantemente. A gente que nella habita não se sustenta mais que de marisco, e de umas raizes como tubaras da terra, e da caça. Não conhecem sementeira alguma, nem outro modo de mantimento; e assim andam bem dispostos, e valentes, e fazem cousas notaveis de forças, e ligeirezas, porque tomam a cosso um touro, e o tem mão sendo elles os mais monstruosos animaes de grandes, que se podem imaginar.

Ao outro dia sete de Novembro fomos fazendo nosso caminho sempre pegado pela praia, e tendo andado obra de tres legoas, á tarde assentamos o arraial á borda de um rio, e puzemos nossas tendas em redondo, metendo de noite as vacas no meio, pondo nossos postos de vigia, e rondas com muito cuidado, e vigilancia, mas não nos valeo isso para que os cafres deixassem de roubar todas as vacas, ainda que não foi muito a seo salvo, porque como estes cafres são grandes caçadores, trazem consigo seus cães de caça, e como estas vacas são criadas entre elles, e as vigiam dos tigres, e leões, que nesta costa ha, os quaes cães quando os sentem as despertam com seus ladridos, e assim andam sempre juntos, e misturados com ellas, ainda que animaes brutos, conhecem-se, e se fazem festa. E como as vacas se iam afastando da terra onde se criáram, de continuo davam berros como saudosas, e no quarto d'alva vindo os cafres botar os cães dentro com grandes assobios, e gritas, as

vacas como os sentiram saltaram por cima das tendas fugindo com os cães detrás. Fomos apoz ellas brigando com os cafres, aos quaes lhes matamos o filho do Rei, e muitos de sua companhia, e elles nos feriram tres homens.

Este dia foi para nós muito triste, porque nos levaram as vacas em que traziamos todo o mantimento, e ellas por si o eram tambem. Traziamos em nossa companhia um cafre, que veio ter com nosco onde desembarcamos, natural das ilhas de Angoxa, ao qual sómente entendiam os nossos cafres, e vinha preso, porque como nos tinha prometido vir ensinando os caminhos, e depois o não fazer, foi necessario traze-lo assim. Este nos disse, que dali a vinte dias de caminho de cafre achariamos vacas, que vinham a ser dous mezes do nosso caminho, e que tudo até lá era deserto, como depois achamos, e ainda muito mais do que elle nos affirmou. Fomos fazendo nosso caminho em ordem, comendo cada um daquillo que podia trazer ás costas; além das armas, e resgate, que com todos se repartio, de modo que vinha cada pessoa mui carregada, e eram os orvalhos tantos, que ordinariamente vinhamos molhados todos até o meio dia, que o sol os derretia, mas isto era para nós trabalho suave a respeito das chuvas, que ordinariamente nos perseguiam, e de outras miserias, e apertos maiores, em que nos vimos ao diante, e em que muitos acabáram a vida.

A vinte e um deste mez pouco mais, ou menos, decendo uma serra altissima chegámos a um rio, que passamos em espaço de dous dias, e foi o primeiro que passamos com jangadas, ao qual puzemos nome de Almiscre, por o capitão mandar deitar nelle todo o que na companhia vinha por descarregar os homens, que o traziam. E caminhando dous dias por serras altissimas de pedra, démos em uma praia toda cheia

de pedra solta, e em um rio, que passamos com uma jangada, que fizemos, e da outra banda delle achamos uns cafres caçadores, os quaes nos venderam uma pouca de carne de cavallo marinho, que foi para nós grande alento, e a este rio puzemos nome, o dos Camarões por nelle nos venderem muitos. Dali fomos caminhando por uma serra acima até voltarmos á praia de pedra solta, que nos custava muito trabalho a caminhar por ella.

Aqui aconteceo uma cousa lastimosa, e nos mostrou o tempo uma grande crueldade, e foi, que vindo na companhia uma moçasinha branca filha de um velho portuguez, que nos morreo na nao, o qual era homem rico, e a levava para a meter freira em Portugal, indo caminhando em um andor enfraqueceram os que por partido de dous mil cruzados a levavam; e como ella alli não tinha mais que um irmão moçosinho, que pudesse manifestar ao capitão a grande crueldade, que era deixar uma moça donzella, e fermosa em um deserto aos tigres, e leões, se não teve a compaixão, que em tão notavel caso se devia, ainda que o capitão fez algumas diligencias tomando o andor ás costas, fazendo-o assim todas as pessoas nobres, que iam na companhia, por vêr se com este exemplo o queriam fazer algumas das outras, prometendo-lhes muito maior partido do que antes se lhe dava. Com tudo não houve alguem, que o quizesse fazer, nem realmente podiamos pela muita fome, que então padeciamos. Foi ella até o outro dia caminhando a pé encostada a dous homens, e como vinha muito fraca o não podia fazer senão com muito vagar, e assim a trouxemos até que ella não pode mais dar passo, e se começou a queixar, e lastimar, pois era tão desgraçada, e queriam seus pecados, que aonde ia tanta gente, e se levavam quatro andores, não houvesse quem

levasse o seo por nenhum dinheiro, sendo assim que era o mais leve que ia na companhia, por ella ser muito magra, e pequenina, e outras palavras lastimosas, que dizia com muito sentimento. Pedio confissão, e depois de a fazer disse em voz alta de modo que foi ouvida : padre frei Bernardo eu fico muito consolada, que Deos ha de haver misericordia com a minha alma, que pois elle foi servido, que em tão pequena idade padecesse tantas miserias, e trabalhos, permittindo me deixem em um deserto aos tigres, e leões sem haver quem disso tenha compaixão, ha de permitir, que seja tudo para minha salvação. E dizendo estas palavras se deitou no chão cobrindo se com uma saia de tafetá preto, que trazia vestida, e de quando em quando indo passando a gente descobria a cabeça, e dizia : Ah portuguezes crueis, que vos não compadeceis de uma moça donzella portugueza como vós, e a deixais para ser mantimento de animaes; nosso Senhor vos leve a vossas casas. Eu que vinha de trás de todos consolei ao irmão, que com ella ficava, e lhe pedi andasse por diante, o que elle não queria fazer, antes mandou dizer ao capitão, que queria ficar com sua irmã, o qual me avisou, que por nenhum caso consentisse tal, e que o trouxesse comigo, como fiz vindo-o consolando, mas sua dor foi de maneira, que dahi a poucos dias se ficou tambem. Veja V. M. que cousa tanto para lastimar, de mim sei dizer, que estes e outros espectaculos semelhantes me davam maior pena, que as fomes, e trabalhos que padecia.

Fazendo assim nosso caminho tres dias, viemos ter a um rio, o qual fazia uma praia de area, e nella achamos algum marisco, que foi de nós mui festejado pelas notaveis fomes, que iamos padecendo. Aqui esperamos uma tarde que acabasse de vazar para podermos passar, mas a tardança foi maior do que cuidava-

mos, e como a gente vinha tão faminta, puzeram-se a comer todos umas favas, que pela borda do rio se achavam, as quaes nos puzeram á morte, e se não fora a muita pedra vazar, que traziamos, não escapara pessoa alguma. E com isto ser assim, cada hora nos punha neste mesmo perigo a grande fome, para remedio da qual se comia todo o genero de herva, e fruta, que achavamos, e não era bastante conhecer o mal que nos faziam, para deixar de as comer.

No meio destes apertos nos foi de grande proveito muita quantidade de figueiras bravas que nesta terra achamos, com os talos das quaes, e com muita ortiga fomos passando muitos dias. Neste rio estivemos dous dias esperando tornassemos do grande accidente que tivemos, e partindo-nos daqui nos vieram seguindo a retaguarda uns poucos de cafres, os quaes nos tinham furtado dous caldeirões, e porque nós lhe não demos o castigo, que seu atrevimento merecia, vieram a fazer tão pouco caso de nós, que nos vinham tirando com paos tostados, mas pagáram logo sua demasiada ousadia, porque o carpinteiro da viagem que mais perto se achou, lhe tirou com a espingarda, e quebrou os braços a um, e o atravessou pelos peitos. Os quaes vendo o muito dano, que uma só arma das nossas lhes fazia, deitáram a fugir, e nós viemos fazendo nossa viagem.

Foram apertando as fomes tanto com nosco, que nos obrigáram a comer immundicias, que o mar botava fora, que eram alforrecas, e mija vinagre, e era tal a necessesidade, que quem tinha alguma cousa de comer a não dava, ainda que visse perecer um amigo, ou parente. Eu em todas estas necessidades (seja Deos bemdito) passei melhor, que muitos, porque me posso gavar, que trazia a melhor espingarda da companhia, e que era o que melhor tirava, e assim nunca me faltou

caça, pouca, ou muita, posto que me custava muito trabalho busca-la e acha-la, por esta terra ser mui deserta de aves, e animaes, de maneira que nunca houve occasião, que pudesse matar animal grande: e do que matava partia com quem me parecia, e o demais escondia-o que não soubessem parte delle mais que os matalotes, e tudo era necessario pelos odios, malquerenças, e perigos, que dahi podiam succeder.

Caminhamos assim mais alguns dias até chegarmos a um rio, em que havia muitos caranguejos, e por chover infinita agua o não pudemos passar, e ao outro dia pela manhã aconteceo um notavel caso, e foi: Que nas terras atraz tinham dito ao capitão Pero de Moraes, que um Sebastião de Moraes capitão de uma estancia, que se dizia ser seu parente, tratava com a gente de que era capitão, de que a maior parte eram mancebos mal acostumados, adiantar-se com ella, e tomarnos a pedraria, apartando-se de nós, dando por razão, que queriam andar mais depressa. Ao que Pero de Moraes acudio logo, e com muito segredo abrio a borçoleta, e tirou della os oito bisalhos, em que vinha resumida toda, e os meteo em um alforge, o qual entregou ao carpinteiro da viagem Vicente Esteves, de que elle muito confiava, e dentro na borçoleta, em que a dita pedraria vinha, meteo pedras, que podiam pesar a quantidade, que della tinha tirado, e isto tudo fez com tanto segredo, que muito poucas pessoas o sabiam. E neste rio, em que estavamos, por as fomes serem notaveis, e andarmos todos esfaimadissimos, aconteceo na tenda do carpinteiro, que tenho dito, verem os seus negros andar demais um alforge, que seo amo não fiava de ninguem, e pareceo-lhes que seria arroz, e ajuntando-se com os do capitão, determinaram abri-lo de noite, como fizeram, tirando-lhe um dos ditos bisalhos, parecendo-lhes era cada um uma

medida de arroz, porque assim o costumavamos trazer repartido em atadozinhos de medida cada um. Tirado fóra o bisalho foram-no abrir ao mato, e vendo que era pedraria, temendo que os enforcassem pelo furto, fugiram com ella.

Pela manhã vio o carpinteiro o alforge rasgado, foi-se logo ter com o capitão, dando gritos, e dizendo, que era roubada a pedraria. E como nella vinha nosso remedio, tomamos as armas, e fomos muito depressa á tenda do capitão Sebastião de Moraes, e vimos a borçoleta cheia, e fechada com os cadeados, que dantes tinha, e julgamos ser tudo por zombaria. O capitão Pero de Moraes muito agastado nos contou a historia, que atraz tenho dito, dizendo-nos que alli não vinha pedraria, e mostrando-nos aonde estava, vimos o furto que se tinha feito, e tendo por certo o que o carpinteiro lhe tinha contado, sem mais verificar cousa alguma se foi á tenda de Sebastião de Moraes, e o mandou prender, amarrando-lhe as mãos atrás, e juntamente a quatro homens de sua companhia, a um dos quaes deu crueis tormentos estando cégo da paixão, sendo assim que estavam os pobres homens innocentes do que lhe tinham levantado. Este se chamava João Carvalho, ao qual lhe deram rijos tratos. O pobre homem chamava pela Virgem Maria da Conceição lhe acudisse, a qual permittio, que neste mesmo tempo se soube quem tinha furtado a pedraria, que se se não descobrira tão depressa tinha o capitão ordenado de os mandar enforcar. Como se conheceo a innocencia dos quatro homens, os mandou soltar, ficando preso o seu capitão Sebastião de Moraes.

E logo chamou o capitão os mais principaes homens, que alli vinham, os quaes eram Rodrigo Affonso de Mello, o capitão Gregorio de Vidanha, Thomé Coelho Dalmeida, Vicente Lobo de Sequeira, Antonio Go-

dinho, e eu, e a cada um de nós per si só nos mostrou um libello, que contra Sebastião de Moraes tinha feito, no qual se dizia, que era homem inquieto, e revoltoso, cabeça de rancho, amotinador, e que se temia que elle fosse causa de nossa destruição, e que fizesse com os homens de sua parcialidade divisão, e se fosse roubando-nos, e ficando o arraial enfraquecido sem aquelles homens de armas, que eram da melhor gente, que havia, e com outras palavras criminosas desta qualidade, dizendo-nos, que para quietação do arraial era necessario matar este homem, pois de sua vida podiam resultar muitos trabalhos, e com sua morte ficavam evitados todos, pedindo a estas pessoas votassem sobre a materia, as quaes votáram o que lhes pareceo, e chegando a eu haver de votar, propondo-me elle a causa, lhe disse, que eu não era desembargador para sentenciar a ninguem á morte, e que se elle o queria mandar matar lhe armasse outro caramilho. Elle me respondeo estas palavras: Que direis áquillo se o eu tenho afrontado? Calei-me, e elle se foi á cabana de Lopo de Souza a communicar o negocio, e feitos uns papeis, o mandou degolar, sem a isso lhe poder valer ninguem, nem se soube causa bastante para esta morte deixar de ser estranhada, antes se teve a grande crueldade, maiormente em tempo, que haviamos mister companheiros, e sendo aquelle de boa disposição, e mancebo.

Fomos fazendo nosso caminho por estes desertos, subindo, e decendo serras muito fragosas, passando muitos rios todos cheios de cavallos marinhos, e notaveis animaes. Aqui matamos um cafre, que atrás disse tinhamos achado onde desembarcamos, que dizia ser de Angoxa. Este nos prometteo pelo que lhe lá demos de vir com nosco, e nos ensinar o caminho, e porque nos quiz fugir por muitas vezes, o traziamos

preso, e temendo nós dissesse aos cafres alguns descuidos, que em nós havia, e como as nossas espingardas não faziam obra pelo tempo de chuva, o que elle ordinariamente vinha perguntando aos nossos negros, e via muitas vezes quererem-nas disparar, e o não poderem fazer por virem molhadas, além do que muitas vezes nos dizia uma cousa, e depois outra em contrario, e por todas estas causas se resolveram a mata-lo.

Continuamos nossa viagem até quinze de Dezembro pouco mais ou menos, e chegamos a um rio, aonde vinhamos já tão mortos de fome, que vendiam no arraial os grumetes, e marinheiros a medida de arroz por cento e cincoenta pardaos, e chegou a valer cento e oitenta, e houve pessoas, que gastaram nisto mais de quatro mil pardaos, das quaes foi uma Dona Ursula para seu sustento, e de seus filhos, e outra Beatriz Alvrez. E vinhamos mui tristes por nos ir faltando muita gente, e nenhuma de doença por ser a terra sadia.

Aqui me aconteceo uma historia, que por ser a V. M. tenho confiança para a contar, e porque tambem foi notoria a todos. Antes que decessemos a este rio encima na serra disse o capitão que fosse eu com quinze homens arcabuzeiros obra de uma legoa por cima ver se descobria alguma povoação, porque eram já limites donde o cafre nos tinha dito achariamos vacas, e indo eu obra de meia legoa na volta, que fazia o rio em uma vargea, vi estar uma povoação de quinze casas de palha, e por não causar espanto aos cafres mandei seis homens fossem ver se havia algum modo de mantimento, que nos vendessem, ao que elles se escuzáram dizendo, que aquella povoação mostrava ter muita gente, e ficavamos longe para os poder soccorrer. Com o que eu enfadado depois de ter razões com elles, escolhi os melhores quatro arcabuzeiros, que alli estavam, que eram João Ribeiro, Cypriano Dias,

Francisco Luiz, e o despenseiro, e eu com elles, e nos fomos pela serra abaixo passar um valle, que entre nós, e a povoação dos negros estava, no qual havia um rio cheio então com a maré; passamo-lo com a agua pelo pescoço, e chegamos á porta da cerca, e pedimos-lhe nos vendessem alguma cousa de comer fallando-lhe por acenos, metendo a mão na boca; que por inadvertencia, e esquecimento não levamos lingua, que lhes dissesse a que iamos, nem a pedimos ao capitão, porque estes cafres já entendiam aos nossos, que da India traziamos.

Elles como nos viram vestidos, e brancos pasmaram, e as mulheres, e meninos deram grandes gritos, chamando gente da ouira povoação, que estava no mato. E os maridos, que com ellas estavam nos foram seguindo, e atirando com paos tostados. Vendo eu o dano que nos podiam fazer, mandei a João Ribeiro, que atirasse com o seu arcabuz, o que logo fez, e não tomando fogo dentro se assanharam mais os cafres, e tiveram por feiticeria o acender-se fogo. E visto o perigo em que estavamos puz a espingarda no rosto, e matei tres de um só tiro por atirar sempre com um pelouro, e tres feitos em dados. Causaram estas mortes grande espanto, e paráram os outros com o furor, com que vinham. Tornei a carregar a espingarda, e viemos muito de vagar, e quando chegamos ao braço do rio, que atrás digo, o achamos quasi vazio, e nelle uma gamboa com dous cóvos muito grandes cheios de taínhas, os quaes abrimos, e nisto deceram os outros companheiros como ouviram o estouro da espingarda, e nos carregamos deste peixe, que em tal tempo foi um grande soccorro; mas vinhamos temerosos do que nos tinha succedido, a respeito do capitão nos haver encommendado, que nos sofressemos, e nos não descompuzessemos com os cafres, porque tinha para si,

que ficaria uma guerra alevantada por toda a cafraria, e seria causa de nossa destruição. O que foi pelo contrario, porque daqui por diante, e depois que foi forçado mata-los em algumas partes, logo das mesmas povoações nos vinham pedir alguma cousa para a mulher, ou filho do morto.

Chegando á presença do capitão lhe fiz um fermoso presente de tainhas, que elle festejou muito, e depois de estar contente com a vista de cousa tão desejada, e para estimar em meio de tantas fomes, lhe contamos o que nos cuccedera, o que elle sentio muito, e não duvido, que se deste caso resultára algum mal, que me custara caro, porque se castigava mui rigorosamente toda a desordem. Neste mesmo dia como o capitão chegou abaixo ao rio, vio-se um cafre, e tomando falla delle, disse que dalli por diante havia vacas, e algumas sementeiras, e logo pedio a Rodrigo Affonso de Mello fosse com vinte homens descobrir o que havia, e o negro foi com elle, e depois lhes disse, que se recolhessem que era tarde, e que ao outro dia viria, e os levaria aonde lhes tinha dito, o que logo fez Rodrigo Affonso, e fazendo caminho pela povoação aonde tinhamos mortos os tres negros, os achou ainda por enterrar, e lhos mostraram com muito medo, e tremendo, do que Rodrigo Affonso ficou espantado, porque não sabia do que acontecera, e lhe disseram que os mortos tiveram a culpa, porque começaram a guerra primeiro, e que já o tinham feito saber ao seo rei, e lhes deram do que tinham em sua sementeira, que eram aboboras de carneiro, e patecas verdes. Rodrigo Affonso lhes deu dous pedacinhos de cobre, que é a melhor veniaga destas partes, e veio-se recolhendo.

Ao outro dia tornou e vio o mesmo cafre, e foi Rodrigo Affonso com elle, e andou lá um dia, e uma noi-

te, e caminhando mais avante encontrou o filho do Rei, que os cafres diziam, com cem cafres de guerra bem armados todos com suas zagayas de ferro em um valle, os quaes vinham visitar o nosso capitão, e traziam o mais fermoso boi, que nunca vi, sem cornos, e fizeram saguate delle ao capitão, e ao outro dia nos trouxeram mais quatro vacas, que nos venderam, dizendo, que se quizessem esperar mais oito dias, nos trariam a vender quantas quizessemos, e quando não que esperassemos até o outro dia, que nos venderiam vinte vacas, o que fizemos, mas elles não vieram. E porque nos ia enfraquecendo a gente, principalmente os que traziam os andores, e se acabava a comida, e estavamos quedos, e tambem pelo que o cafre nos tinha dito entendemos, que seria já a terra farta, determinamos de ir por diante, e ao outro dia fomos dormir a uma alagoa, a qual não tinha raâs, do que ficamos muito sentidos. As fomes eram já intoleraveis, e se comia já no arraial todo o cão, que se podia matar, o qual é muito bom comer (fallando fóra de fomes) porque eu muitas vezes tinha vaca, e se havia cão gordo, a deixava pelo comer, e assim o faziam muitas pessoas. Os homens que traziam os andores se escusavam já de os trazer, por não poderem, e querendo o capitão forçar alguns a isso, fugio nesta passagem um marinheiro para os cafres, que se chamava o Rezão.

Indo caminhando uns poucos de dias chegamos a um rio, aonde da banda do Cabo num alto estava uma povoação de pescadores, e nós assentamos o arraial da outra banda. Elles nos trouxeram a vender uma pouca de massa feita de umas sementes mais miudas que mostarda, de umas hervas, que apegam no fato, a qual sabia muito bem a quem della podia alcançar alguma cousa. Aqui se puzeram todos os homens, que traziam os andores em um corpo, dizendo, que se ne-

nhuma pessoa do arraial podia dar passada com fome, e ficavam muitos mortos, que fariam elles, que traziam os andores ás costas, que bem os podiam mandar matar, que não haviam de passar dalli com elles ainda que lhes dessem por isso os thesouros do mundo, e que parece bastava haver mais de mez e meio, que os traziam, subindo, e decendo serras, que elles perdoavam tudo o que se lhes tinha promettido pelo trabalho atrás passado, e isto com grandes clamores, e lagrimas Ao que acudiram os religiosos, dizendo ao capitão, que elle não podia forçar a ninguem a tomarem trabalhos mortaes, e que já nos tinha fugido um para os cafres, e que estes pobres homens parecia já cada um uma semelhança da morte. O capitão ajuntou a todos, e em voz alta mandou lançar um pregãc, dizendo, que se houvesse quatro homens, que por preço de oito mil cruzados quizessem levar Lopo de Souza ás costas, e outro si a qualquer das mulheres, que nos ditos andores vinham, que logo os depositaria na mão de cada um pro rata como lhe coubesse, ao qual pregão ninguem sahio.

Neste lugar succederam por meus peccados as maiores crueldades, e os mais lastimosos espectaculos, que já mais aconteceram, nem se pode imaginar, porque a estas mulheres, que vinham nos andores se lhes perguntou se nos podiam acompanhar por seu pé, porque doutra maneira não podia ser, e a seu respeito tinhamos vindo tão vagarosamente, e estavamos mui atrazados do caminho, e era morta muita gente só de fome, e não havia quem por preço algum os quizesse trazer ás costas, e que por evitar males maiores, e por parecer de um religioso theologo se tinha ordenado de se não esperar por ninguem que não pudesse andar, por que nos iamos consumindo, que as que tivessem saude para o poder fazer se deliberassem até

o outro dia, e as que haviam de ficar, as deixariam em companhia de muitas pessoas, que no arraial vinham fracas, e doentes, na povoação de pescadores, que defronte de nós estava. Julgue V. M. agora, que nova podia esta ser para Breatiz Alvrez, que trazia alli quatro filhos, tres delles crianças, e para Dona Ursula, que trazia tres filhinhos, o mais velho de onze annos, e sua mãe velha, que de força havia de ficar, sendo-lhe já morto seu marido, e seu pae, não tratando de Lopo de Souza fidalgo tão honrado, e tão valente, e como tal tinha brigado na nao, de que ainda trazia as feridas abertas, e vinha doente de camaras, na qual dor e sentimento me coube a mim maior parte, por sermos ambos de uma criação em Lisboa, e sermos de um tempo no serviço da India.

Toda esta noite se passou em puras lagrimas, e gemidos, despedindo-se os que iam dos que haviam de ficar, e foi a mais compassiva cousa, que já mais se vio, que todas as vezes que isto me lembra não posso ter as lagrimas. Ao outro dia pela manhã se soube, que ficava Breatiz Alvrez com dous filhos dos tres machos que tinha, e uma filha de idade de dous annos linda creatura, e o filho mais pequeno lhe tomamos, ainda que contra sua vontade, por não ficar alli uma geração toda; e a mãe de D. Ursula Maria Colaça, e Lopo de Souza, e tres ou quatro pessoas muito fracas, que nos não podiam acompanhar, os quaes se confessaram todos com gnande dor, e lagrimas, que realmente parecia uma cousa cruel não nos deixarmos ficar com ellas, antes que vermos tal despedida. Por uma parte se via Breatiz Alvrez mulher delicada, e mimosa com uma menina de dous annos no collo de uma cafra, que com ella ficou, a qual não quiz nunca largar, com um filhinho de cinco annos, e outro de dezasete; o qual mostrou grandissimo animo, e amor, fazendo

a mais honrada cousa que naquelle estado pudera fazer pessoa alguma, e foi, que a mãi lhe disse por muitas vezes, que ella ficava meia morta, porque o seu mal antigo do figado a tinha entrado muito, que poucos haviam de ser seus dias de vida, ainda que ficára entre regalos, e que seu pae ia com uma nao daquellas, que brigára comnosco, e podia ser morto, que era moço que nos acompanhasse, e todos os religiosos apertáram com elle, dando-lhe muitas razões, dizendo-lhe, que não só arriscava o corpo, mas que tambem arriscava a alma por ficar em terra de infieis, aonde lhe podiam entrar os seus máos costumes, e ceremonias. Ao que respondeo com mui bom animo, que nosso Senhor haveria misericordia de sua alma, e que atégora os tivera por seus amigos, e agora os ficava tendo em differente conta, e que razão podia elle dar depois aos homens, deixando sua mãi em poder de cafres barbaros. Por outra parte se via Dona Ursula despedir da mãi, que ficava: julgue V. M. as lastimas, que se diziam uma á outra, e as que nos causariam. De Lopo de Souza se foram todos despedir, e vendo elle que eu o não fazia, mandou que fosse o andor, que o levava, e passasse pela tenda onde eu estava, e me disse estas palavras em voz alta, e com muito animo: Eia senhor Francisco Vaz Dalmada não sois o amigo, com que me criei na escola, e na India andamos sempre juntos, como me não fallais agora? Veja V. M. qual eu ficaria vendo um fidalgo, de quem era particular servidor, naquelle estado. Levantei-me, e abracei-o, e disse-lhe: Confesso a V. M. de mim esta fraqueza, porque não tive animo para ver a pessoa que eu tanto amava em tal estado; que me perdoasse, se nisso o offendera. Elle, que até então teve o rosto enxuto não pode ter as lagrimas, e disse aos que o traziam, que andassem, e querendo eu acom-

panha-lo até a povoação dos cafres, donde elle havia de ficar, o não quiz consentir, e tapando com a mão os olhos me disse: Ficai-vos embora amigo, e alembrai-vos da minha alma, levando-vos Deos a terra onde o possais fazer. Confesso que foi esta a maior dor, e sentimento, que nunca ate então tive. O capitão lhe deu cousas de resgate, como eram muitos pedaços de cobre, e de latão, que é cousa, que aqui val mais que tudo, e dous caldeirões. Aqui ficaram dous homens escondidamente, que se chamavam Gaspar Fixa, e Pedro de Duenhas.

Partimo-nos mui lastimados fazendo nosso caminho por serras altas, e fomos albergar aquella noite á borda de um rio, aonde achamos alguns caranguejinhos pequenos, que não foi pequeno bem para nós, e ao outro dia continuamos o caminho, e assentamos o arraial á noite em um rio fresco, ao longo do qual por elle acima havia tres, ou quatro povoações, ás quaes mandamos saber por um cafre lingua se havia vacas, ou quem desse razão dellas, e nós entretanto fomos esfaimados a uma ponte de pedra, que a praia fazia, ao marisco, e cortar figueiras bravas para comer. Vindo-nos recolhendo á noite ás tendas, que deixamos armadas, mui contentes, por trazermos muitas figueiras cortadas para comermos, achamos por nova, que viera o lingua, e trouxera dous negros comsigo, que diziam, que lhe dessem dous homens, e um pedaço de cobre, que elle os levaria aonde houvesse vacas, e que levassem cobre, que elles as trariam pela manhã, o que o capitão fez com muita alegria mandando Fructuoso d'Andrade, e Gaspar Dias, os quaes levavam o que os cafres pediam, e nós ficamos mui alvoroçados esperando nos trouxessem muito bom recado, porque delle dependia a vida de todos. Quiz Deos que ao outro dia ás dez horas vieram os homens mui alegres,

trazendo-nos uma vaca, e dando-nos por novas viram muitas povoações todas com vacas. Logo se mandou matar a vaca, e partir, e se comeo assada, da qual costumavamos não deitar fóra mais que a bosta grossa, porque a mais miuda, e as unhas, e o miolo dos cornos, e couro tudo se comia. E não se espante V. M. disto, porque quem comia todos os negros, e brancos, que morriam, mais facil lhe ficava este manjar.

Logo nos fomos em busca das aldeas levando por guias os cafres, que com os dous portuguezes, que trouxeram a vaca tinham vindo, e não podendo chegar lá aquelle dia posto que andamos muito, dormimos aquella noite em um valle, que tinha feno mais alto que uma lança, e ao outro dia pela manhã levantamo-nos cedo, e caminhando por uma ladeira acima terra bem assombrada, encontramos alguns negros aos quaes perguntamos pelas povoações, e nos disseram, que se caminhassemos bem, como o sol empinasse chegariamos lá. E como iamos desejosos, e necessitados, supposto que fracos, nos puzemos ao caminho subindo sempre, e chegamos á tarde acima de uma serra, da qual vimos a mais fermosa cousa, que a vista então podia desejar, porque se descobriam dali muitos val les todos cortados de rios, e serras mais pequenas, pelas quaes se viam infinitas povoações todas cheas de vacas, e sementeiras, com a qual vista decemos á serra mui contentes, e nos vinham trazendo ao caminho vasos de leite a vender, e vacas, as quaes lhe não compramos alli, e lhes dissemos, que passando um rio, que aparecia do cume, em uma serra pequena, haviamos de assentar o arraial, e estar tres ou quatro dias, pelo que fallassem uns com outros, para que quem tivesse alguma cousa de comer, e a quizesse vender por aquelle dinheiro, que eram pedaços de cobre, e latão, se fossem ter comnosco. Passando o rio chegámos

ao sol posto á paragem que digo, e pondo nossas tendas em ordem, mandou o capitão a Antonio Borges, que tinha a seu carrego comprar todas as cousas de comer, com quatro homens de espingarda de guarda afastados do arraial, para que os negros se não misturassem com nosco (costume que sempre nesta viagem se guardou inviolavelmente.) E para que V. M. saiba que vinhamos com boa ordem, digo, que traziamos todo o resgate, e cousas com que se comprava de comer repartido entre nós, trazendo o homem, que menos arma trazia, maior quantidade, de maneira que não havia pessoa nenhuma, que ficasse izenta destes trabalhos. E todas as cousas por pequenas que fossem vinham assentadas em um livro por receita, as quaes despendia este Antonio Borges como feitor, e comprador, que era, e se alguma outra pessoa queria comprar alguma cousa, era castigado mui rigorosamente, ainda que fosse com cousa que trouxesse escondida; e isto se fazia por evitar a alteração do preço, que os muitos compradores costumam fazer. Este homem dava conta ao capitão com escrivão do que despendia, e isto se guardou em vida do capitão, e depois de lhe eu succeder até ao fim, como ao diante se dirá.

Ainda neste dia se resgatáram quatro vacas, entre as quaes vinha um grande touro, que o capitão me pediu matasse á espingarda, porque estavam infinitos negros juntos, para lhe mostrar a força e poder das armas que traziamos. E andando este touro com as vacas comendo entre ellas, para fazer maior espanto, lhes disse que se afastassem todos, e que aquillo lho dizia, porque lhes não fizesse mal aquella arma. Elles fazendo pouco caso, se deixaram ficar, e eu me fui chegando ao touro obra de trinta passos, e dando um grito alevantou a cabeça, a qual tinha baixa por andar comendo, e lhe dei com o pelouro na testa caindo logo

morto. E vendo os cafres o effeito que fez a espingarda, botáram a fugir, e depois o capitão os mandou chamar, os quaes vieram mui temerosos, e ficaram ainda muito mais depois que viram o boi morto, e que meteram o dedo pelo buraco do pelouro, que na testa tinha. Todas estas quatro vacas se matáram este dia, e se repartiram igualmente por tòda a gente como sempre se fazia por pessoas, que para isso havia separadas; e ao outro dia se resgatáram dez, ou doze, e se matáram outras quatro, cabendo a cada pessoa de quatro vacas tres arrateis, a fóra o couro e tripas, porque tudo se repartia. Quiz aqui o capitão dar esta fartura á gente para ver se tornavamos a tomar forças, e disposição, matando todos os dias, que aqui estivemos quatro vacas. Mas foi esta fartura causa de nos darem camaras a respeito de comermos a carne mea crua, e assim ficamos com pouca mais melhoria da que trouxemos, que realmente nos causava espanto ver, que morriamos por não comer, e que o muito tambem nos matava. Aqui nos trouxeram tambem a vender muito leite, e umas frutas da cor e sabor de cerejas, mas mais compridas.

Esta foi a paragem, em que se resgatou maior quantidade de vacas juntas, que em toda a jornada, porque além de treze, que se matáram em quanto aqui estivemos, que foram cinco dias, levamos com nosco outras tantas, no fim dos quaes nos fomos caminhando por uma serra alta, e mui comprida, aonde nos traziam muitos cabaços de leite a vender, e das frutas que tenho dito, e alojamos no meio de uma serra rodeada de povoações todas cheas de gado, e sementeira, e um rio pelo pé. Ao outro dia acudindo negros com vacas para vender lhe compramos dez, ou onze. Aqui aconteceo mandar o capitão enforcar uma negra por furtar uma pequena de carne, que não pe-

zaria meio arratel (demasiada crueldade.) E ao outro dia acabamos de subir aquella serra, que era muito alta, em busca de uma povoação, aonde vivia o Rei de todo aquelle Concam, á qual chegamos á tarde, e era a maior que até então tinhamos visto. O Rei que era cego veio visitar ao capitão, e lhe trouxe de Saguate um pouco de milho em um cabaço, o qual, ainda que velho era bem disposto. E é cousa para notar, que sendo barbaros sem conhecimento da verdade, são tão graves, e tão respeitados de seus vassallos, que o não sei encarecer, elles os governam, e castigam, de modo que os tem quietos, e obedientes. Tem suas leis, e castigam os adulterios galantemente desta maneira, se uma mulher faz adulterio a seu marido, e lho prova com testemunhas, a manda matar, e ao adultero juntamnnte se o podem apanhar; com as mulheres do qual casa o aggravado. Quando se querem casar, o Rei é o que faz o concerto, de maneira que se não póde fazer casamento sem elle nomear a mulher. E tem por costume, que os filhos sendo de dez anncs os botam para o mato, e se vestem de umas folhas de arvore como palmeira, da cintura para baixo, e se untam com cinza ficando caiados, os quaes se ajuntam todos, e não chegam a povoado, porque lá aos matos lhes levam as mãis de comer. Estes tem por officio balharem nos casamentos, e festas, que elles costumam fazer, aos quaes pagam com vacas, e bezerros, e com cabras aonde as ha; e depois que neste officio ajunta qualquer delles tres, ou quatro cabeças de gado, e é de idade de dezoito annos para cima, vae o pae, ou a mãi ao seo Rei, e lhe diz que tem um filho de idade conveniente, o qual tem por seu braço ganhado tantas cabeças de gado, e o dito pae, ou mãi o quer ajudar, dando-lhe mais alguma cousa, e lhe pede o queira casar. El-Rei lhe diz: Ide a tal parte, e dizei a fu-

lano, que traga cá sua filha, e em vindo os concerta no dote, que o marido é obrigado dar aq sogro, e sempre o Rei nestes concertos costuma ficar com as mãos untadas. Isto é o que se usa até Unhaca Manganheira, que é o rio de Lourenço Marques.

Depois do capitão ser visitado deste Rei, como era maior que todos os que até então tinhamos visto, determinou-lhe dar de Saguate uma grande pessa, a qual foi um castiçal de latão pequeno com um prégo preso no fundo, com o qual ficava tangendo como campainha, e muito bem limpo; atado com um cordão de retroz lho lançou ao pescoço, ao que o Rei fez grande festa, e os seus ficaram espantados de ver cousa tão excellente. Dali nos fomos ao outro dia continuando nosso caminho até junto de um rio o maior que até então tinhamos visto, acima do qual dormimos, e ao outro dia caminhámos pelo meio de serras muito altas, que por junto delle estavam, com proposito de ver se lhe podiamos achar vão, ou parte em que fosse estreito, e que corresse com menos furia para o podermos passar com jangada.

Levavamos em nossa companhia vinte vacas, e supposto que matavamos cada dia uma, e cabia a cada pessoa um arratel, padeciamos grandissimas fomes. E por ser o rio muito largo caminhamos por cima de uma serra por caminhos multo ingremes, e arriscados por ficarem caindo encima do rio, dous dias até chegarmos a uma vargea, por cima da qual ficavam algumas aldeas, em que determinavamos comprar vacas. Os negros se emboscáram pela borda do rio, aonde de força haviamos de mandar buscar agua, e nos furtáram dous caldeirões que para ella serviam, mas pagáram o atrevimento, porque depois de lhe termos comprado duas vacas, vendo que não traziam mais a vender, e vindo um negro com umas canas de milho

para vender, as quaes costumavamos comprar para comer, por serem doces, me mandou o capitão lhe atirasse á espingarda, o que logo fiz, passando-o pelos peitos com um pelouro, e assim botou a fugir pela serra acima. Aqui mandou o capitão enforcar um nosso cafre por nos fugir duas vezes.

Tendo caminhado mais dous dias pela serra ao longo do rio, chegámos a uma parte onde nos pareceo mais estreito rio. Aqui mandou o capitão um mulato seu, que nadava muito bem, a ver se podia passar o rio, o qual se afogou logo em se lançando, por ser grande corrente de agua, e ir em redemoinho. Como vimos, que a agua vinha com tanta força, determinámos de ir mais acima, e ao outro dia fomos caminhando por umas serras bem assombradas, por serem cheas de povoações, e ao meio dia assentamos o arraial. E depois continuando nosso caminho com o proposito, que tenho dito, passamos por uma povoação, que estava em um alto, e ao passar della nos trouxeram a vender muita quantidade das frutas que atrás disse, as quaes nos vendiam por agulhetas de atacas.

Vindo detraz da retaguarda dous grumetes fracôs com suas espingardas ás costas, como os viram taes, e que vinham afastados de nós lhes sahiram da povoação uns poucos de negros, e lhes tomaram as espingardas. Ao que acudiram Thomé Coelho, e eu, e outros soldados, que na retaguarda vinham, e lhe entrámos a povoação, matando todo genero de pessoa, que nella achámos, e tomando quatorze novilhos, que dentro estavam presos, os trouxemos com nosco, e viemos assentar o arraial abaixo desta aldea, da outra banda de um riosinho pegado com outras aldeas, sempre com muita ordem, e vigilancia. Ao outro dia pela manhã nos mandaram dous negros velhos, a compor, e fazer amizades, ao que o capitão se mostrou muito

aggravado, dizendo, que vindo elle seu caminho sem fazer mal a alguem o roubáram, e que promettia de vingar toda a injuria, que nisto se lhe tinha feito. Elles deram suas razões, dizendo, que lhe mataramos muita gente; e em fim de razões, nos trouxeram as espingardas, e nos pagáram de composição duas vaquinhas, e pelas azagaias, que lhes tinhamos tomado nos deram outras duas, e nós lhes entregamos nove bezerros dos quatorze, que lhes tinhamos tomado, porque os cinco matámos aquella noite, e descendido a mim, e a meu matalote nos coube um, de que partimos com os amigos. A' tarde nos trouxeram outras duas vacas, e um touro, que lhes comprámos; e por ser o touro muito bravo, mandou o capitão o matassem ás catanadas, ao que se defendeo elle de maneira, que o não puderam matar, antes elle deu uma revolta teza ao capitão, e a tres, ou quatro pessoas, pelo que me pedio o matasse á espingarda, o qual antes que eu o matasse me deu uma grande estropiada, lançando-me a espingarda por hi além; e alevantando-me logo lhe atirei, e o passei pelas espadoas caindo logo morto por uma ribanceira abaixo, encima da qual me punha todas as vezes que se offereciam semelhantes occasiões, e era alvitre para mim, porque por cada touro que matava á espingarda, me davam uma mão, que naquelle estado não era pequeno bem.

Dalli fomos á borda do rio, e nos puzemos junto a elle encima duma serra, lugar forte, que escolhemos para esperar até que vazasse com menos furia, o que não fez por espaço de vinte cinco dias pouco mais, ou menos, que foi os que gastámos neste contorno, andando sempre ao longo do rio; no qual tempo nos aconteceram as cousas seguintes. Dia de Natal pela manhã mandou o capitão a Thomé Coelho Dalmeida com vinte homens subisse uma serra mui alta, que se es-

tendia sempre ao longo do rio, e caminhasse cinco, ou seis legoas por ella á vista do rio, e visse se por lá podia haver alguma passagem. E depois de andar por lá dous dias, se veio, dizendo que não achava melhor pasagem para se poder passar, que alli onde estavamos, que aguardassemos se acabassem as chuvas, e que logo o rio havia de correr com menos furia, trazendo pouca agua, e assim o fizemos. Aqui mandou o capitão enforcar dous negrinhos, um de Thomé Coelho, e outro de Dona Ursula, só por furtarem uns pedacinhos de carne, sendo assim, que o mais velho não chegava a doze annos, dos quaes se teve muita lastima, e se estranhou tanta crueldade.

A este rio puzemos o nome da fome, porque nelle padecemos as maiores que tivemos em toda a viagem. E por ver se havia remedio para se passar, prometteo o capitão cem cruzados a qualquer das pessoas, que o passesse da outra banda, levando consigo uma linha de pescar para poder passar outra mais grossa, que pudesse ter uma jangada em que passassemos como já tinhamos feito noutro rio atrás, e como ninguem o fizesse, se offereceo um meu negro por nome Agostinho sem nenhum interesse, o qual o fez com facilidade por ser grande nadador; mas depois de passar a linha a quebrou a grande corrente da agua, em que claramente se vio, que se não poderia passar como queriamos senão dahi a alguns dias; nos quaes nos fomos entretendo, pondo-nos á vista de umas povoações por ver se nos queriam vender algumas vacas, o que fizeram mais por temor, que vontade por lhas irmos comprar dentro ás mesmas povoacões já desesperados para que quando no-las não quizessem vender, lhas tomassemos por força.

Aqui indo eu a uma povoação em companhia de Antonio Godinho depois de termos comprado duas, ou

tres vacas, vendo que não havia mais que fazer me vim para o arraial, que á vista de nós estava. E depois de ter andado um pedaço virei para trás, e vendo que não vinham ainda os companheiros, me assentei á sua vista, esperando, elles viessem, ficando-me nas costas um feno muito alto, por entre o qual veio um cafre mui acachado, e se abraçou comigo por detrás, pegando-me na espingarda com uma mão pelo couce, e outra na ponta, ficando eu entre elle, e a espingarda, andando um grande espaço ás lutas comigo. E acordei-me, que trazia uma faca, e a arranquei chamando por nossa Senhora da Conceição, porque me vi sem alento nenhum, por ter o cafre muita força, e lhe fui dando com a faca até que me largou a espingarda, a qual meti logo no rosto, e indo para a disparar cahi no chão de fraqueza, e lhe não pude atirar, senão quando já ia longe, e ainda assim o tratei mal, e depois lhe apanhei a sua capa de pelles, que trazia embrulhada no braço, e a deixou com a pressa. Todos estes cafres usam de capas, que lhe dão por baixo do quadril de pelles mui bem adubadas de animaes pequenos de fermoso pelo, e segundo a qualidade do cafre se vestem com melhores pelles uns que outros, e nisto tem muito ponto; e não trazem mais vestido, que estas capas, e uma pelle mais galante, com que cobrem as vergonhas, e eu vi a um cafre grave uma capa toda de Martas Zebelinas, e perguntando-lhe onde havia aquelles animaes, disse, que pela terra dentro havia tanta quantidade delles, que todos em geral se vestiam de suas pelles. Tambem achei no chão duas azagaias, e um páosinho de grossura de um dedo, e de dous palmos e meio de comprido, forrado do meio por diante com um rabo de bugio, o qual páo costumam trazer quasi em toda a cafraria até o rio de Lourenço Marques, e não costumam fallar sem o tra-

zerem, porque todas as suas praticas são apontando com este páo na mão, a que chamam sua boca, e fazendo esgares, e meneios. Os companheiros vinham chegando, e vendo o que me acontecera apressaram o passo cuidando ficára eu maltratado do successo, e nos viemos todos ao arraial, o que estava esperando por nós com muito alvoroço pelas vacas, que estavam vendo lhes traziamos.

Estando nós neste mesmo posto, dahi a dous dias chegou um negro dos nossos, que tinha ficado na companhia de Lopo de Souza, ao qual se foi o capitão, e sem ninguem lhe dizer nada, pegando nelle lhe disse: O' cão, quem matou os portuguezes ? confessa-o senão hei te de mandar enforcar logo ; o negro ficou trespassado, e disse que elle não era culpado em taes mortes, nem nenhum dos nossos, que com elle ficáram. Pasmámos de o capitão fazer aquella pergunta sem saber nova alguma da dita gente, e lhe perguntámos quem lhe dissera tal nova, ao que respondeo, que havia dous dias, que andava sempre com a imaginação naquella gente ; e que sempre o coração lhe dissera, que os negros, que com elles ficáram os tinham mortos, e por isso fizera a tal pergunta. Disse mais este negro, que os cafres da terra matáram em uma noite a Gaspar Fixa, e a Pedro de Duenhas, e ao sobrinho do contramestre Manoel Alvrez, por lhes tomarem um caldeirão, e que os nossos negros seus companheiros ficaram em outra povoação mais abaixo apartados dos portuguezes. E perguntando-lhe como ficava Lopo de Souza, disse, que quando de lá partira havia tres dias, que estava sem falla, e sem duvida morreria no derradeiro que o vio, e que Breatiz Alvrez mulher de Luiz d'Affonseca ficava muito doente feita lazara, de maneira que se não podia bolir, e as outras pessoas muito mortas de fome, que por não terem forças para

poderem andar, não vieram com elle, e sem duvida seriam todas mortas. O capitão o mandou olhar, e achando-lhe pessas de ouro, e diamantes, que conheceram ser dos portuguezes, que lá ficáram, mandou tivessem tento nelle, com fundamento de o mandar matar de noite, o que elle não aguardou, porque dahi a pouco espaço vimos vir dous moços de sua companhia, e como elle os conhecesse temendo descobrissem a verdade fogio, e os dous que digo em chegando foram logo prezos, e dando-lhe tratos confessrram o seguinte, dizendo, que depois de nós apartados de Lopo de Souza, dahi a tres dias chegou áquelle mesmo lugar um Rei cafre, o qual trazia quarenta vacas, e disse, que era o que atrás tinha promettido vir com ellas ao capitão, pelo qual perguntára ; e dizendo-lhe como era partido, e que estivera esperando por elle, e como vira, que não viera no tempo que promettera, se fora : Respondeo elle, que por causa das enchentes de uns rios não pudera vir mais cedo, e perguntou se nos poderia ainda encontrar, ao qual disseram, que não, por haver muitos dias que eramos partidos, mas que alli ficaram dous ranchos de gente sua, um de portuguezes, e outro de negros, e que tinham dinheiro com que lhes podiam comprar algumas vacas. Respondeo, que folgava muito, porque para isso as trazia de tão longe, e logo os portuguezes compraram tres vacas, e os negros quatro, e pediram ao Rei, que se não fosse com as que lhe ficavam, que depois daquellas comidas lhe comprariam mais. Ao que respondeo, que por alli não haver bons pastos dava uma volta, e tornaria dalli a seis ou sete dias com ellas para lhes vender as que houvessem mister. Neste tempo foi o rancho dos portuguezes comendo as que tinham comprado, e faltando-lhes se foi Gaspar Fixa abaixo a outra povoação aonde estava o outro dos nossos negros,

e que ainda tinham duas vacas vivas, e lhes pedio matassem uma daquellas vacas, e lhes emprestassem a metade, que logo em tornando os cafres comprariam com que satisfazer, o que elles fizeram logo com facilidade, matando uma dellas, e dando-lhe o que pedia. Dahi a dous dias vieram os cafres, e se proveram todos de vacas, e querendo os negros lhes pagassem o que tinham emprestado, lho foram pedir em um dia, em que os portuguezes tinham morto uma vaquinha muito pequena: e respondeo-lhe Gaspar Fixa, que elles tinham morto o que viam, que por ser pequeno quinhão, a respeito do que elles lhe tinham dado, lho não davam, mas que esperassem dous dias, que era o tempo em que elles a podiam comer, e que logo lhes dariam ametade da maior que alli tinham: disseram os negros, que a matassem logo, e lhes pagassem; ao que Gaspar Fixa replicou, que então lhes ficaria a carne perdendo-se, e vendo que não se aquietavam com estas razões, agastado com reposta tão desavergonhada, e atrevida, deu uma bofetada em um negro Chingalá, que era a cabeça dos outros chamando-lhe cão, e outros ruins nomes, e elles se foram. E fazendo Gaspar Fixa, e os outros companheiros pouco caso do acontecido, estando de noite dormindo na sua povoação vieram os nossos negros com algumas azagaias, que pelo caminho tinham tomado aos cafres, que vinhamos matando á espingarda, e mandando um diante pedir lume para que lhe abrissem a porta, a qual lhe abriram, não se lembrando do que lhes podia acontecer, e entrando todos juntos matáram quantos na casa de palha estavam, tirando Lopo de Souza, que estava no estado, que tenho dito, e os mortos são os que já atrás nomeei. Tambem deram por novas que Breatiz Alvrez ficava no mesmo estado, que o outro tinha contado. Disseram tambem mais estes dous ne-

gros, que elles se não acharam em tal obra, e que a cabeça destas maldades era já morto, que o matára o negro que primeiro tinha chegado, o qual era já fugido.

Ficámos sentidissimos com tal nova, vendo que só nos faltava levantarem-se os nossos negros contra nós, e demos todos graças a Deos, pedindo-lhe misericordia.

O capitão os mandou logo enforcar aquelle dia, os quaes não chegaram a pela manhã a estar na forca, por causa das muitas fomes, que então padeciamos, e foram comidos escondidamente dos negros do nosso arraial, e de quem o não era tambem, o que se dessimulava, e senão fazia caso disso. E eu vi muitas vezes de noite pelo arraial muitas espetadas de carne, que cheiravam excellentissimamente a carne de porco, de maneira que alevantando-me á vigia, me disse Gregorio de Vidanha meu companheiro, que visse que carne era aquella, que os nossos moços estavam assando, que cheirava muito bem. Fui ver, e perguntando-o a um dos moços, me respondeo, que se queria comer, que era cousa excellente, e que punha muita força, e conhecendo eu que era carne humana me fui, e dissimulei com elles. Por aqui póde V. M. ver, a que miserias foi Deos servido que chegassemos, tudo por meus peccados.

Dahi a dous dias estando nós neste mesmo lugar, mandou o capitão enforcar um mancebo portuguez criado do contramestre por o acharem resgatando cousas de comer com um pedaço de arco de ferro que tinha tomado do alforge do sotapiloto, e tambem por ter fugido para os cafres, sendo moço forte, e que podia ser de utilidade á companhia, que realmente em meio de tantas miserias nos acabavam de consumir estes excessos de crueldades, sem embargo, que é necessario usar dellas quem houver de gover-

nar homens do mar, mas não por modo tão demasiado. Este pobre pedia o mandassem enterrar por não ser comido, mas não lhe valeo seu peditorio, porque dando lugar ao poderem fazer os mossos, que andavam muito fracos, e mortos de fome, o mandou o capitão lançar no mato, os quaes tiveram bom cuidado de lhe darem a sepultura, que costumavam dar aos outros, que morriam.

Logo ao outro dia mandou o capitão a tres pessoas passassem este desaventurado rio, que tanto nos custou a sua passagem, e que andassem da outra banda, vendo que terra era, e se havia vacas, e vissem se os negros tinham noticia de nós, o que fizeram com muito cuidado, e vindo dahi a dous dias muito contentes pederiam alviçaras ao capitão, e perguntando elle a João Ribeiro que era o principal, se queria uma peça que vallesse trezentos cruzados, respondeo que não, que antes queria que lhe fizesse mercê de lhe dar todos os corações das vacas, que dahi por diante se matassem no arraial, para elle, e para o calafate, seu companheiro, o que o capitão lhe concedeo.

Veja V. M. quão pouco se estimava então tudo por precioso que fosse, a respeito de comer. Depois que se lhe fez este prometimento, disse que da outra banda do rio dahi a quatro legoas havia muitas povoações todas com muitas vacas, e que a gente dellas parecia boa, que estavam desejosos que passassemos para nos venderem do seu gado, e que lhe fizeram bom gasalhado. Esta foi para nós muito grande nova por não termos até então sabido cousa alguma do que lá havia, e tambem porque guardavamos algumas vacas para levar para a outra banda para as irmos comendo quando lá as não houvesse, e com estes temores faziamos esta provisão, que nos custava

muito, porque por essa causa comiamos muito menos. Com estas novas fomos chegando ao rio, passando pela povoação aonde atraz disse lhes mataramos muitas pessoas, e achamos os negros de todo aquelle Concam postos em armas, que nos perseguiam a retaguarda, indo passando, com muitas azagaiadas, e pedradas, mas quiz Deos nos não fez mal nenhum de quantos atiraram. Nelle achamos a jangada, que fizemos a primeira vez, que alli estivemos, cuidando nos desse lugar de o passar a corrente das aguas, e como achámos este apparelho nos foi facil a passagem, antes do qual tivemos uma fartura por matarmos as vacas, que já disse poupavamos para a outra banda, supposto nos haverem promettido, que lá as havia. Passado o rio, em que puzemos dous dias, fomos caminhando por uma serra acima muito ingreme, que julgaram ser de altura mais de tres legoas, porque começando de andar por ellas ás onze horas não chegamos ao cume senão á noite fechada; aonde ficámos decendo por um modo de valle, em que achamos agua, mas não foi possivel fazer-se de comer, por ser já muito tarde. E ao outro dia em amanhecendo caminhamos em busca das povoações, ás quaes chegámos ao meio dia. Os cafres dellas se chegaram a nós com tres touros muito grandes, e velhos, porque estes nos costumavam vender tanto, que não prestavam para fazer filhos, e outras vacas deste teor; com tudo haviamos, que nos faziam muita mercê. E porque ainda lhes não tinhamos mostrado a estes negros o para que prestavam nossas armas, me mandou o capitão tirar á espingarda a um dos touros, que lhes tinhamos comprado, o que fiz, e elles vende-o morto fizeram os espantos costumados. Aqui estivemos esta tarde comendo-o, e esperando nos trouxessem mais a vender, e vendo que o não

faziam, nos fomos caminhando pela manhã, e elles nos vieram seguindo a retaguarda ao decer da serra, na qual por ser muito ingreme, nos puderam fazer muito dano, de que Deos nos livrou.

Seguindo nosso caminho fomos por entre aldeas até o meio dia, e jantámos por cima de um rio, ao qual lugar nos trouxeram a vender dous bois, e um delles por ser bravo se matou á espingarda, de que jantámos. Fomos dormir aquella noite por cima de tres povoações, que ficavam em uma ladeira, e tomando falla da gente della nos disseram, que dahi a quatro dias não haviamos de achar povoações, e que se queriamos vacas, que esperassemos dous dias, ao que respondemos, que não podiamos esperar, que se quizessem vende-las viessem pela manhã, porque nos haviamos de partir logo em amanhecendo, como fizemos. E tendo andado um pedaço de manhã nos sahiram ao encontro uns poucos de cafres bem armados de azagaias cuidando nos fizessem algum assalto, os quaes nos venderam uma vaca muito brava, e depois de cobrarem o porque a venderam, fugiram, e a vaca fez o mesmo. Mas nós lançámos mão de um dos cafres, e amarrado o trouxemos um pouco com nosco para ver se nos traziam a vaca, que nos haviam levado, o que fizeram logo, vindo juntamente um cafrè muito grande, desculpando o furto que os seus cafres nos pretendiam fazer.

Continuando nossa viagem por serras menos montuosas afastadas da praia tres, ou quatro legoas, chegámos a uma ribeira muito fermosa, em a qual nos trouxeram a vender muitas frutas do tamanho e feição de frutas novas, mas sem caroços, as quaes tinhamos já atraz comido, mas alli em mais quantidade. Depois conhecendo se o grande mal que estas frutas continuamente nos faziam, trabalhou o capitão muito

pelo evitar, mandando lançar pregões com penas rigurosas, o que nunca pode fazer pelas grandes fomes que padeciamos. Aqui achámos um jáo da perdição de Nuno Velho Pereira, o qual era já muito velho, e fallava mal, e com muitas lagrimas beijou os crucifixos que traziamos, e fazendo o sinal da cruz. Confesso a V. M. que foi para mim notavel alegria ver em terras tão remotas, e entre gente tão barbara um homem, que conhecia a Deos, e os instrumentos, e figuras da paixão de Christo. Este nos contou como Nuno Velho se perdera em uma praia abaixo, que será jornada de um dia: e porque elle ficára muito mal tratado dos olhos, e com as pernas feridas, se deixára logo alli ficar. Advertio-nos de muitas cousas, que com os cafres haviamos de usar, dizendo-nos, que dahi a quatro dias de caminho achariamos um negro malavar, que tambem tinha escapado da propria perdição, e dahi a nove ou dez achariamos um cafre por nome Jorge tambem da mesma, e que na propria povoação onde o cafre vivia estava um portuguez natural de São Gonçalo de Amarante, que se chamava Diogo, o qual estava casado, e com filhos.

E porque meu companheiro Gregorio de Vidanha vinha já muito cansado, determinou de se ficar com este jáo por não acertar de lhe ser necessario faze-lo em algum mato e deserto, como atraz teve feito por muitas vezes, o que foi para nós de sentimento, e perda por ser a pessoa, que atraz tenho dito. O Rei desta comarca veio ver o capitão mui authorizado, trazendo um fermoso carneiro de cinco quartos para lhe comprarem, e pedio por elle mais do que custava uma grande vaca. E vendo nós o pouco que nos remediavamos com um carneiro a respeito da vaca, que podiamos comprar com o que por elle pediam, dissemos, que nos mandassem vir vacas, que não que-

riamos carneiro, e assim o fizeram trazendo logo tres, e determinando de nos fazer algum engano, e furto, nos venderam uma vaca, e como tiveram a valia della na mão, botáram a fugir com a vaca. Mas nós fizemos preza em um delles, e querendo-o matar, disse o jáo o não fizéssemos, que elle traria logo a vaca, e que estes negros nos não conheciam, e por esse respeito fizeram isto, e que elle vinha logo com ella, pedindo-nos se não descompuzesse ninguem, o que fez com presteza. E vendo quão má gente era esta, nos fomos logo daqui, deixando Gregorio de Vidanha em casa do proprio jáo, e um marinheiro, que se chamava Francisco Rodrigues Machado em sua companhia, aos quaes demos cousas, que alli valiam, que elles logo esconderam para comprarem alguma vaca de leite, ou outra cousa, que os sustentasse até vir a novidade do milho, que então estava verde.

Passando pelo meio desta povoação nos viemos fazendo nosso caminho, no qual ficou tambem Cypriano Dias, e á nossa vista o roubáram. Depois todos os cafres desta povoação juntos nos vieram com grandes gritas perseguindo a retaguarda com muitas pedradas, e azagaiadas. E vendo o dano, que nos podiam fazer por serem muitos me deixei ficar com oito companheiros, e vindo-se elles chegando lhes tirei com a espingarda, e cahindo um paráram todos fazendo roda, e nos deixaram de perseguir, cobrando tal medo do estouro da espingarda, que muitas vezes vindo-nos assim seguindo lhe sahiam dous homens com fundas, que para isso fizeram, e com o estrallo que ellas davam se botavam no chão. Desde aqui viemos caminhando por terras muito faltas de mantimentos, até que no cabo de quatro dias decendo uma serra démos em uma povoação aonde a vanguarda, que chegou mais cedo gritou passando a palavra, dizendo

estava alli um canarim de Bradés, ao que apressamos o passo, e chegando todos, vimos que era o malavar que o jáo atrás nos tinha dito, o qual se veio a nós com muitas mostras de alegria, dizendo: Venhais embora minha christandade, e que ficassemos alli, que elle nos negocearia o que houvessemos mister, e que aquelles cafres já sabiam havia dous dias como vinhamos, e lhe tinham dito que comiamos gente, os quaes estavam armados: mas depois ao outro dia conhecendo ser tudo mentira, nos veio ver o Rei muito anojado por haver pouco, que seu pae era morto, e nos vendeo quatro vacas a rogo do malavar, o qual nos trouxe a mostrar suas filhas, que eram as mais fermosas negras, que alli havia, e perguntando-lhe quantas mulheres tinha, disse que duas, das quaes tinha vinte filhos, doze machos, e oito femeas.

Perguntamos lhe porque se não vinha com nosco pois era christão, respondeo, que como podia elle trazer vinte filhos comsigo, e que era casado com uma irmã do Rei, e tinha gados de que vivia, que ainda que elle o quizesse fazer, o não deixariam os parentes de suas mulheres, nem a nós nos vinha bem traze-los em nossa companhia, pelo dano que dahi nos podia vir, que elle que era christão, e que Deos se lembraria de sua alma. Pedio-nos umas contas, que logo lhe demos, e beijando a cruz com lagrimas as lançou ao pescoço.

Aqui nos ficáram tres moças casadas com tres cafres nossos, as duas cafras, e uma jaoa. E ao outro dia fazendo nosso caminho nos veio acompanhando o malavar um grande pedaço, e com muitos abraços, e mostras de sentimento nos disse, que tinhamos muito caminho para andar cheio de serras altissimas, e se foi embora. Os cafres daquella povoação, que era grande nos não fizeram mal nenhum, e por isso

lhe chamámos a terra dos amigos. Andámos mais tres dias, em espaço dos quaes achámos pouca gente, e nenhuma povoação, e no fim delles um dia á tarde vimos de longe andar uns poucos de carneiros pastando, e por ser já tarde não passamos dali, mas mandámos descobrir o que ao diante havia para pela manhã nos aproveitarmos do resgate, que vinhamos fazendo. E vindo as pessoas, que tinham ido saber o que havia, disseram, que por ser tarde não viram mais que muitos fogos, e em varias partes berrar muito gado, e sendo manhã nos subimos em uma serra, e vimos muitas povoações em partes muito fragosas, e desviadas do rumo, que iamos seguindo; mas logo veio a nós um cafre, e nos disse, que para todas as partes tinhamos povoações, tirando donde vinhamos, e nos enculcou umas que ficavam no caminho que nós haviamos de fazer. E vindo com nosco vimos em uma ladeira duas grandes povoações cheas de muitas vacas, e com alguns carneiros, e nos pareceo esta gente mais pulida, e farta. Aqui nos venderam uma vaca, e depois se queriam arrepender de o ter feito, e conhecendo nós isto, lhe atiráram á espingarda, o que elles sentiram, e ao que a vendeo lhe deo muita pancada um seu irmão mais velho, porque senão aconselhára com elles. Estas duas povoações tinham suas sementeiras de milho, e abobaras as quaes nos venderam, e nos souberam muito bem.

Depois de alli termos jantado fomos dormir por cima de uma povoação, aonde nos venderam tres vacas, e aquella foi a primeira onde vimos uma galinha, que nos não quizeram vender. E caminhando dous dias por entre valles, donde havia muitas sementeiras de milho, que não estava ainda para se poder comer, nos vieram vender ao caminho algumas galinhas; e chegando a uma aldea, aonde nos disseram estava o

seu Anguose, que assim cham ao Rei naquellas partes, resgatámos nella algumas galinhas, que bastáram para dar a cada duas pessoas uma: Aqui nos deixámos estar aquelle dia esperando nos trouxessem vacas, porque tinhamos já muita necessidade dellas, e em fim nos venderam um pouco de milho velho, e leite, e duas vacas. E ao outro dia nos fomos decendo a um rio, ao qual puzemos nome das formigas, por nelle haver tantas, e tão grandes, que nos não podiamos valer com ellas, no qual estivemos dous dias, e ao terceiro o passámos em uma jangada, que fizemos.

Ao primeiro dia de Fevereiro de 623 começamos a caminhar da outra banda deste rio por uma serra altissima com immensa chuva, que nos durou muitos dias, e naquelle mesmo nos fomos alojar ainda de dia em uma ladeira pegada a umas povoações, em que não havia mais, que algumas abobaras, e poucas galinhas, de que resgatámos alguma parte. Aqui nos deram por novas, que adiante pouco espaço achariámos muita fartura, o que festejámos muito por irmos sem cousa alguma de comer, e se nos faltára mais dous dias, acabaramos todos de fome se Deos nos não socorrera, porque aqui nos ficáram um marinheiro, que chamavam Motta, e um italiano por nome Joseph Pedemassole, e um passageiro, que era manco, e o filho de Dona Ursula, que foi cousa lastimosa, o qual se chamava Christovão de Mello, e seria de onze annos bem ensinado, e entendido, que vinha já tão mirrado, que não parecia senão a figura da morte, sendo-o elle de um anjo antes destes trabalhos. Como viram, que este menimo nos não podia acompanhar, fizeram ir a mãi diante e elle ficou atraz como costumava por não poder andar tanto, e como vio, que nos não podia acompanhar, disse que se queria confessar, o que fez, e depois pedio ao capitão pelas chagas de Chris-

to lhe mandasse chamar sua mãe, que se queria despedir della, ao que o capitão disse, que não podia ser porque ia longe, e o menino se queixava, dizendo: Basta senhor que me nega V. M. esta consolação? Elle dizendo-lhe palavras de amor o foi trazendo pela mão até que não pode andar mais, e ficou como pasmado, e nós nos fomos todos chorando, e é de crer, que se a mãi o vira, arrebentára com tão grande dor, e por esse respeito lhe tolheo o capitão, que não visse a mãi.

A dous dias de Fevereiro dia de Nossa Senhora das Candeas, caminhando desde pela manhã fomos jantar a um fermoso bosque, ao qual atravessava um rego de agua. Aqui nos trouxeram a vender sete cabras, com as quaes nos fomos por ver se podiamos chegar a umas aldeas onde nos disseram havia muito mantimento, e como a chuva era muito grande, não nos deu lugar para andarmos tanto, e fomos dormir aonde nos estavam esperando uns poucos de cafres com balayos cheios de milho, que depois de resgatado se repartio por todos, e coube a cada pessoa um copo de milho, e das seis cabras, que tambem se matáram, coube a cada um seu pedacinho, e o que levou a pelle ficou de melhor partido.

Ao outro dia chegámos ás povoações da desejada fartura, aonde logo nos vieram vender muitas cabras, e vacas, e bolos tão grandes como queijos de framengos, e tanto milho, que depois o não podemos levar todo. Aqui mandou o capitão matar dezoito cabras, e uma vaca, e nos couberam seis arrateis a cada um.

Tambem acodiram tantas galinhas, que deram uma a cada pessoa, e foi tanto o comer, que haveramos de morrer todos se nos não dera em camaras. Ao outro dia nos veio visitar o Manamuze daquelles lugares, e trouxe um touro muito grande de saguate, o qual me

mandou o capitão matasse á espingarda, para que a ouvissem, porque trasia muita gente comsigo, e porque tambem vissem as armas, que traziamos; e como viram cair o touro morto atirando lhe de muito longe, botou o Rei a fugir de maneira que foi necessario mandar-lhe dizer, que aquillo se fazia por festa de nos elle ter vindo ver, que tornasse, senão que o capitão havia de ir buscal o. Ouvindo estas razões tornou a viz, mas tal, que de negro que era se tornou branco. O capitão lhe botou ao pescoço uma fechadura de um escriptorio dourada, e lhe deu uma aza de um caldeirão, e foram estas pessas delle bem estimadas; e com boas palavras, e mostras de agradecimento se foi, e nós ficámos repartindo o milho, e bolos, que tinhamos resgatado, que eram dous grandes montes. E depois de tomarmos quantc cada um podia levar, nos fomos, deixando ainda algum por se não poder levar mais, e caminhámos por cima de serras, pelas ladeiras das quaes havia tantas, e tão fermosas povoações, que era uma fermosura de ver a muita quantidade de gado, que dellas sahia; e traziam-nos ao caminho muito leite a vender, o qual era todo azedo por os cafres o não comerem de outro modo.

Ao meio dia fomos assentar o arraial em um fresco rio, que estava em um vale, no qual acodiram muitos cafres, e todos traziam que nos vender, da outra banda do qual fizemos o resgate na fórma que costumavamos apartado das tendas com gente de guarda, e aqui se fez com mais segurança por acodirem mais cafres do que nunca tinhamos visto, e foi tanta a quantidade delles, que se sobiam muitos por cima das arvores só para nos verem, principalmente em cima de tres, a cujos pés fazia o resgate por ficarmos emparados do sol, que fazia, que não sei como não quebraram com tão grande pezo; e por certo,

que se podia fazer um painel daquelle sitio, e concurso de gente. Aqui estivemos até a tarde, e depois resgatámos quinze vacas, e muitos bolos, com que todos ficámos mais carregados, e aqui nos ficou uma moça de Breatiz Alvez, e outras quatro pessoas de empachadas com o muito comer, das quaes tres nos tornáram acompanhar. E fazendo nosso caminho fomos dormir em uma queimada, ao pé da qual corria um rego de boa agua, que bastou para nos matar a sede, e ao outro dia á tarde assentámos á vista de duas povoações, que estavam em uma ladeira, e os negros dellas nos trouxeram a mostrar todas as vacas que nellas havia, e não nos querendo vender nenhuma, se nos deu pouco disso, porque traziamos algumas vinte com nosco. Caminhando outro dia fomos passar a calma em uma ribeira, que estava em uma vargeasinha cuberta de arvores, debaixo das quaes estivemos.

Aqui veio ter o cafre, que o jáo nos tinha dito, e fallando portuguez nos disse: Beijo as mãos de vossas mercês, eu tambem sou portuguez; e nos contou como em uma povoação, que estava diante por onde haviamos de passar estava um portuguez, que se chamava Diogo, e era natural de São Gonçalo de Amarante. Ao que disse o capitão se queria vir comnosco, e elle respondeo, que o não haviam de deixar ir os cafres, porque lhes dava chuva quando faltava, e que era já velho, e tinha filhos; e rindo-nos do que lhe ouviamos nos disse, que elle nos mostraria a sua casa. Alli resgatamos muitas galinhas, e bolos, leite, e manteiga crua, e algumas canas de assucar. Este cafre nos pedio um panomantas, que logo lhe deram, e elle ficando contente disse em voz alta para onde estavam muitos cafres com suas mulheres na sua lingoa: Cafres moradores desta terra trazei a vender aos portu-

guezes, que agora aqui estão, e que são senhores do mundo, e do mar, todas as cousas que tiverdes de comer, nomeando-as por seus nomes, aproveitai-vos dos thesouros, que trazem comsigo, olhai que vem comendo em cousa, que vós outros trazeis por joias nas orelhas, e nos braços, chamando-lhes bestas pois não acudiam todos depressa com o que tinham. Depois de termos feito o resgate, e comido, nos fomos pondo em ordem para marchar, e antes que o fizessemos nos furtou um cafre um tachosinho, mas nós pegámos logo doutro, ao qual deu Thomé Coelho uma cutilada pela cabeça, e o prendemos, e indo nós andando nos mandáram o que nos tinha tomado, e logo seguimos nosso caminho, largando o que tinhamos preso, subindo uma serra, de cima da qual se descobriam muitas aldeas, entre as quaes estava uma muito grande, a qual nos mostrou o cafre, que atraz digo, e nos disse: Aquella cidade é do portuguez. E indo-nos chegando mais á dita povoação, na qual vimos uma casa de quatro aguas de palha, cousa que não tinhamos visto em todo este caminho, porque as outras todas eram mais pequenas, e redondas, insistimos com o cafre o fosse chamar, o qual nos disse, que nos não cançassemos, que não havia de vir.

Fizemos daqui nosso caminho, e com muita chuva fomos dormir em um alto, e nesta noite se foi o cafre, que até então nos tinha acompanhado; e como já sabia o como vinhamos, voltou aquella mesma noite por entre um mato, que nos ficava nas costas do arraial, e levantando a ponta de uma tenda aonde elle vira guardar um arcabuz, o apanhou, e fez isto com tanta sutileza, que ninguem o sentio estando todos acordados por causa da chuva, que havia dous dias não cessava tendo-nos molhado quanto traziamos, e pela manhã achando-se menos o arcabuz logo ne-

tendemos quem o levára. Querendo-nos ir por diante, no-lo não consentio a continua chuva, e nos deixámos ficar mais um dia, no qual nos trouxeram a resgatar alguns bolos, e cabras, e um fermoso touro. E vendo que se não acabava a chuva, antes parecia vinha cada vez com mais furia, caminhámos o dia, seguinte até a tarde, que chegámos a um rio grande junto do qual nos alojámos em parte alta, de maneira que nos ficava perto a lenha, e a agua, e para nos enxugarmos fizemos grandes fogueiras, que duraram toda a noite, e pondo as vigias costumadas no quarto da prima rendido sendo doze de Fevereiro nos deram os cafres um assalto, tomando-nos por tres partes. Ao que acodio toda a gente, tomando as espingardas as quaes estavam muito molhadas por haver tres dias, que continuamente chovia, e vendo que não podiam fazer obra com ellas, gritei as metessem assim no fogo, como estavam para se descarregarem da polvora que tinham dentro, o que fizeram todos, e em quanto isto tardou nos tiveram quasi desalojados donde estavamos com notaveis alaridos, e assobios, que parecia o inferno, e nos mataram Manoel Alvrez, e um bombardeiro, que se chamava fulano Carvalho, os quaes morreram logo, e nos feriram sessenta pessoas muito mal, dos quaes morreo Antonio Borges ao outro dia. Como tivemos as espingardes quentes, fomos matando nelles, e o primeiro que isto fez foi um marinheiro, que se chamava Manoel Gonçalves, e isto se conheceo por atirar a primeira espingardada. E como os cafres viram o muito dano, que lhes faziamos, fugiram, dos quaes ficou grande rasto de sangue, e quiz a Virgem Maria da Conceição, que deixou de chover em quanto pelejámos, que foi espaço grande, e aclarou o luar de maneira, que foi grande parte para nos não destruirem.

Todo o resto daquella noite estivemos postos em vigia, e subimos mais acima o arraial a parte mais forte, e ficámos tão mal tratados, que pouco bastára para nos acabar a todos.

Estes cafres pelejam com melhor modo que os outros atraz, porque usam de umas rodelas á maneira de adargas de couro de bufaras do mato, as quaes são fortes, e cobrindo-se com ellas atiram infinitas azagaias, de que ficou cuberto o arraial, e foi tanta a quantidade, que se achâram ao outro dia, que só de ferro foram quinhentas e trinta, a fora muitas, que arrancando-lhe os ferros os esconderam para resgatarem com elles: as de páo tostado foram tantas, que se não puderam contar, e faziam tanto dano como as outras. Logo pela manhã nos entrincheirámos, e se puzeram em cura os feridos, que foram tantos, que ninguem escapcu que o não fosse, ou de azagaia, ou de pedradas, e fizeram-se as maiores curas, que eu nunca vi, porque havia muitos atravessados pelos peitos de banda a banda, e pelas coxas, e cabeças quebradas, e nenhum delles morreo, e só com tutanos de vacas eram curados. Ao capitão Pero de Moraes passaram um braço pelo sangradouro.

Aqui estivemos dous dias, em os quaes fez o carpinteiro Vicente Esteves uma jangada a modo de batel, na qual remavam quatro remos. E neste tempo os proprios que nos roubáram nos vieram vender galinhas e bolos, e pombe, que é um vinho, que fazem de milho, e nós dissimulando com elles fazendo que os não conheciamos, lhe compravamos o que haviamos mister. Da outra banda do rio nos vieram tambem vender o mesmo, passando o rio em uns páus, e em cima de umas forquilhas, que ficavam da agua mais altas, aonde traziam dependurada a mercadoria. Estes nos perguntáram porque razão lhes matámos

tanta gente, e contando-lhes nós o que nos tinha acontecido, disseram, que nos passassemos para a outra banda, porque naquella havia má gente, e que elles nos ensinariam por onde se passava o rio dahi a tres dias, que eram maiores as aguas, e ficava menos agua; e nós antes disso passamos na jangada duas pessoas, e depois indo nella Rodrigo Affonso, e Antonio Godinho, e o padre frei Bento da ordem de São Francisco, e outras pessoas, se virou antes de chegar lá, e estiveram quasi afogados, e o padre largou o habito, que levava despido, no qual se perdeo muita pedraria, que era de deposito, que na sua mão se fazia de arroz, que se tinha comprado, e davam diamantes de penhor, e outros, que lhe entregáram muitas pessoas, que ficáram pelo caminho, e outras que morreram. E no dia, que os cofres tinham dito, passamos o rio mais por cima, ao qual puzemos nome, rio de sangue. Nelle ficáram quatro companheiros, e aqui vimos os primeiros elefantes, um de uma banda, e outro de outra. Ao outro dia depois de passarmos morreo o padre Manuel de Sousa.

Daqui fomos marchando dous dias por dentro de duas legoas da praia, no fim dos quaes viemos dar em um rio, que parecia alagoa, e tinha a boca na praia, na qual vimos andar um elefante com um filho, e recolhendo-se a retaguarda mais tarde encontrou com muitos elefantes, os quaes não atentavam em nós, nem em toda esta jornada nos fizeram mal nenhum. E passando este rio pela boca delle com a agua pela garganta, fomos caminhando sempre pela praia até chegarmos a outro, que tinha muitos penedos grandes na boca, aonde não pudemos passar por ser muito alto; e sobindo um outeiro ingreme vimos andar uns cafres, que nos disseram nos ensinariam a passagem, e dando-lhes uns pedacinhos de cobre, nos

passaram os meninos, e muitas pessoas, que vinham doentes. Esta gente daqui por diante é já melhor, e puzemos-lhe por nome os Naunetas, por dizerem quando nos encontráram, Naunetas, que em sua lingoa quer dizer, venhais embora, á qual cortesia se respondia Alaba, que quer dizer, e vós tambem. Aqui nos venderam muito peixe, e nos ajudavam a levar a carga, que os nossos negros levavam, cantando, e tangendo as palmas.

Fomos daqui dormir na borda da praia, aonde nos veio ver o Rei da terra, a que chamam Manamuze, o qual era mancebo, e vinha muito autorizado com tres collares de latão no pescoço, que é o que naquellas partes se estimava mais, e vendo-o o capitão lhe levou uma campainha de prata, a qual para elle não tinha comparação sua valia, e tomando a sua roupeta vermelha de escarlata, se chegou aonde o Rei estava esperando; fizeram suas cortesias, não perdendo o cafre de seu brio nada, mas depois que o capitão vio o seu modo, começou a boiir com o corpo fazendo tanger a campainha, ao que todos ficáram pasmados, e o Rei se não pode ter que se não descompuzesse, tomando-a na mão, e olhando, que era o que tinha dentro, que a fazia tanger, e bolindo com ella, e tangendo deu grandes rizadas, e nunca em quanto alli esteve tirou os olhos della. E' cousa de notar como estes brutos pelo seu modo são venerados, e como suas gerações, e familias são unidas, que já mais perdem seus filhos os lugares, e povoações, que de seus paes lhes ficáram, ficando ao maior tudo, ao qual chamam os outros pae, e como tal o respeitam. Castigam cruelmente os ladrões (sendo-o elles todos) e usam de um modo de justiça galante, e é, que se um cafre furta ao outro um cabrito, ou outra cousa menor, lhe dá o castigo o dono do cabrito com seus parentes, o que elle

quer, e ordinariamente é enterra-lo vivo. Aqui nos venderam um boi capado muito grande, e gordo, aos quaes chamam Zembe.

Caminhámos mais trez dias por dentro até que fomos dar a um rio grande, cuja passagem nos ensinaram os cafres com mostras de amizade, no qual nos ficou um marinheiro por nome Bernardo Jorge; e daqui fomos pela praia dous dias até chegarmos a outro rio, que na boca era estreito, mas dentro mui largo. E por irmos já faltos de milho esperamos um dia, ao qual acodiram tantos cafres, que cobriam os outeiros trazendo-nos muitas galinhas a vender.

Alli vi trazerem aleijados ás costas para nos verem: Passando este rio ao qual puzemos nome de lagarto, por vermos andar um nelle, fomos nosso caminho por dentro afastados da praia uma legoa, e caminhando cinco dias por entre boa gente, viemos sahir na boca de um rio, que parecia se não passaria a váo, e estando ahi um dia nos vieram a vender algumas galinhas. Aqui nesta paragem ha infinitos elefantes, e toda a noite os ouvimos bramir, mas com os muitos fogos, que ordinariamente faziamos não ousaram chegar nunca. Os cafres nos disseram que fossemos mais a dentro, que lá se passava, e indo, nos ensinaram por onde era o váo, e nos ajudáram a passar. Neste rio esteve Dona Ursula quasi afogada, porque como a agua dava pela barba, e ella era pequena, fora cobrindo, e como ella sabia nadar pareceo-lhe pudesse romper a agua, e vendo-se, que ia pelo rio abaixo, lhe acodiram trabalhosamente. A este rio puzemos nome, o das ilhas por ter algumas por dentro.

Daqui fomos por cima de uns outeiros em busca de milho, de que iamos faltos, que por não irmos carregados o não comprámos neste rio, e á noite

chegámos a umas povoações pobres, que não tinham senão abobaras, e tendo caminhado mais quatro, ou cinco dias chegamos a outro rio que teria uma grande legoa de largo, e na borda muitos espessos caniços, o qual passamos sempre com a agua pela cinta; e por aqui atraz nos foi ficando muita gente com camaras, e outras enfermidades, que por ser muita quantidade me não alembra. Todos estes males nos fez o milho, porque o comiamos inteiro, e crú, e como não eramos acostumados a este mantimento, traziamos os estamagos de muitas cousas peçonhentas fraquissimos, e debilitados. Este rio no meio fazia uma ilha, na qual vimos muitos cavallos marinhos, e pondo quasi todo o dia em o passar, chegámos á outra banda á tarde aonde dormimos. E ao outro dia marchámos por uns campos desertos, e nos veio ao caminho um cafre com uma joia redonda de latão botada ao pescoço, que lhe cobria todos os peitos, e nos disse, que fossemos com elle que nos levaria onde havia muito mantimento, e indo-nos guiando nos levou por dentro de um rio, aonde dava a agua pelo joelho, todo cheio de arvoredo tão alto, e tão espesso, que em mais de duas horas, que fomos por elle, não vimos o sol. Passado elle, e andando todo aquelle dia sem parar, por irmos faltos de milho, á tarde fomos ter ás povoações, e querendo nos prover, não achamos mais que um mantimento, que é o mesmo, que em Lisboa dão aos canarios, a que chamam alpiste, e os cafres amechueira; e foi esta gente buscar-nos ao caminho só para nos ver, do que faziam muitos espantos; e perguntando-nos qual era a causa de virmos por terras alheas com mulheres, e filhos, e contando-lho os nossos cafres torciam os dedos como que rogavam pragas a quem fora causa de nossa perdição.

Daqui marchámos por terra chã povoada de gente

miseravel, em quem achámos bom gazalhado, e no fim de dous dias chegamos a uma povoação, que estava perto da praia, na qual achámos algum peixe, e a gente se mostrou mais compassiva, que toda a outra, porque mulheres, e meninos se foram á praia atirando muitas pedradas ao mar, dizendo-lhe certas palavras como pragas, e virando-lhe as costas alevantando umas pelles, com que traziam cuberto o trazeito, lho mostravam, que é entre elles a maior praga, que ha, e faziam isto por lhes terem contado, que elle fora causa de nós padecermos tantos trabalhos, e de andarmos havia cinco mezes por terras alheas, que é o de que mais se espantavam, porque não costumam afastar-se donde nascem dez legoas, e tem isso por cousa notavel. Daqui metendo-nos pela terra obra de uma legoa, fomos caminhando por terras baixas, areentas, e de pouco mantimento, e no cabo de tres dias demos com o rio da pescaria, no qual achámos muito peixe, e a gente delle nos fez muita festa. E' este rio na boca estreito, e alto, mas uma legoa por dentro é de mais de tres legoas de largo, e em baixa mar fica em seco. Tem os cafres nelle infinitos pesqueiros, a que chamam gamboas, feitas de escadas juntas, nas quaes entra o peixe com a enchente, e com a vazante fica em seco. Como a maré foi vazia de todo, atravessamos o rio indo com nosco muitos cafres, que nos ajudavam a levar o que mais nos carregava, indo cantando com grande alegria.

Fomos este dia pela praia jantar á borda do mar, e não achando agua doce na terra, de que ficamos muito tristes, a fomos achar dentro na agua salgada, e era um olho de tanta grossura como uma concha, e metido no mar, e sahia com tanta furia, que arrebentava por cima da agua salgada um palmo de alto, e vazando logo a maré, ficou em seco, aonde todos

matámos a sede, e fizemos de comer. Caminhámos dous dias sempre pelą prai adas médas do ouro, que já aqui começavam, e no fim delles iamos já muito faltos, e só com tres vacas, e por parte onde se não achava agua, e aqui nos disse um cafre, que nos levaria onde nos venderiam muito milho, e galinhas, e cabras, e guiando-nos para uma aberta que a terra fazia nos deixou junto de uma grande fonte, e dando recado ás povoações nos acodio muito milho, e galinhas, e nos vieram ver os cafres mais principaes com differente trajo, que eram umas grandes capas de pelles, que os cobriam até o bico do pé, e elles em si muito sizudos, e graves, os quaes pediram ao nosso capitão quizesse ir fazendo caminho pelas suas povoações, que nellas se poderia prover de mais mantimento, o que fizemos logo no mesmo dia, e por ser tarde dormimos em um valle, e no outro seguinte fomos ás povoações aonde nos receberam bem, mas não achámos o que elles nos tinham dito.

Estes cafres me viram matar um passaro á espingarda, de que fizeram grande espanto, parecendo-lhes ser feiticeria, e assim falando uns com outros se veio ao capitão um aleijado de uma perna, que lhe aleijára um lagarto havia muito tempo, e assim o mostrava a ferida ser velha, dizendo-lhe, que se se atrevia a cura-lo, que lhe pagaria muito bem. Ao que o capitão respondeo galantemente, dizendo que aquella ferida havia muito tempo que era feita, e que por isso se não podia curar em pouco tempo, e mais que lhe havia de dar alguma cousa, com que fizesse a cura com boa vontade, que sem ella não podia fazer nada. Ao que o cafre disse, que era contente, e mandando buscar uma bandeja de milho, lho deu, e o capitão depois dę o tomar disse, que ainda não tinha vontade. O cafre mandou buscar mais tres galinhas, e dando-

lhas lhe perguntou se tinha já vontade, ao que respondeo o capitão, que si ; e o cafre replicou, que se a não tinha, que o não curasse, que elle bem sabia, que o não podia curar bem contra sua vontade. O capitão o curou desta maneira. Tomou uma escova, que trazia, que tinha nas costas um espelho pequeno, e pondo-lho diante dos olhos, o cafre ficou pasmado, e chamando outros que ali estavam, lhe disse o capitão, que se não bolisse, nem fallasse; e estando quedo depois de ter visto o espelho, tomou a escova, e escovou-lhe aonde tinha a ferida, e untando-lha com uma pouca de gordura de vaca lha atou com um pedaço de bertangil, e depois de isto feito lhe disse, que dahi a duas luas havia de ficar são, que por ser a ferida tão velha não sarava logo. O cafre ficou muito confiado, e lhe disse, que era pobre, que por isso lhe não dava mais, logo acodiram mais aleijados, e foram curados pelo mesmo modo.

Caminhamos mais dous dias pela praia, e chegámos no fim delles ao rio de Santa Luzia, aonde se estimavam já panos, e por elles resgatamos milho, e galinhas. Nelle estivemos um dia, e ao outro o passamos, no qual nos morreram nove pessoas de frio. E' este rio de duas legoas de largo, e como a agua nos dava por cima dos peitos, e corria com muita furia, quando o acabamos de passar, ficamos quasi mortos. Aqui endoudeceo um marinheiro velho, que se chamava Francisco Dias, o qual vinha aleijado de ambos os braços de duas azagaiadas, que os cafres atraz lhe tinham dado. Logo fizemos grandes fogueiras, em que nos aquentamos, e o marinheiro tornou em si depois de quente. Detivemo-nos aqui até o outro dia resgatando muito milho, bolos, e massa de ameichueirá, que elles costumam comer crúa, e nós o faziamos tambem. Resgatamos mais duas vacas, das quaes matei uma á es

pingarda. Fomos daqui caminhando sempre pela praia das médas do ouro, e com razão lhe puzeram éste nome, porque não parecem senão médas, sendo de uma terra de cor de ouro, e tão fina como farinha, mas dura, e toda cheia de ribeiros de agua, os quaes partem estas médas, e a agua delles é amarella da mesma cor da terra. E pelo que a diante vi nas terras de Cuama, me parece que esta deve de ter ouro, por se parecer com aquella da qual se tira muito em pó, e isto me certificou mais o ser esta pezada. Estas médas estão pegadas com a praia, e vão em corda por cima, e tem de comprido obra de quarenta legoas.

E marchando por diante passámos um rio, no qual roubáram os cafres a um marinheiro, que se chamava Antonio Martins por se afastar da companhia querendo comprar alguma cousa, que o não vissem, e indo pela praia chegámos a outro pequeno, que dava a agua pelo joelho, e nelle jantámos. E fazendo tomar o sol ao piloto, tomou de altura vinte seis gráos largos, o que causou alegria na gente, porque cuidavamos estar mais longe. E soube-se por esta altura estarmos do rio de Lourenço Marques vinte seis legoas, ou pouco mais. Aqui nos trouxeram uma bufara morta a vender, com a qual ficou a festa sendo maior, e achámos um cafre com um chapeo na cabeça, e vestido de um pano, que nos assegurou ser certo o que o piloto tinha dito. Tambem vimos outros cafres com panos, e nos disseram, que em quatro dias podiamos chegar ao Inhaca. Aqui não conhecem rio de Lourenço Marques, nem cabo das Correntes, se não o Inhaca, que é um Rei, que está em uma ilha na boca do rio de Lourenço Marques, como adiante direi. Neste riosinho, que digo, nos ficou um menino, que traziamos filho de Luiz da Fonseca, e de Breatiz Alvrez, o qual vinha muito magro, e se tinha

deixado ficar muitas vezes nas povoações atraz, e os cafres no-lo traziam ao outro dia, e como elle tinha já feito isto, pareceo-nos viesse como das outras vezes.

Marchámos mais quatro dias pela praia, e no fim delles nos sahio ao caminho um cafre acompanhado com outros seis, o qual era muito gentilhomem, e vinha bem concertado com uma cadeia de muitas voltas a tiracolo, e um pano galante cingido, e as mãos cheas de azagaias, que nisto se esmeram mais os graves. E nenhuma cousa me admirou mais desta gente, desda mais remota, que é aonde desembarcámos, que esta, que direi. Tinham tão pouca noticia de nós, parecendo-lhe sermos creaturas nascidas no mar, que por acenos nos pediram lhes mostrassemos o embigo, o que fizeram logo dous marinheiros, e depois pediram que assoprassemos, e como nos viram fazer isto, deram á cabeça como quem dizia, estes são gente como nós. Todos estes cafres até Zofala são circunsidados, não sei quem lhes foi lá ensinar esta cerimonia. Este, que atraz digo, era filho do Inhaca Sangane o verdadeiro Rei e senhor da ilha, que está no rio de Lourenço Marques, a quem o Inhaca Manganheira tinha despojado della, e elle vivia na terra firme com sua gente até ver se morrria este tyrano, que era muito velho, para se tornar á sua posse, como adiante direi.

Levou-nos pela terra dentro obra de uma legoa ás suas povoações, onde nos venderam algumas cabras, e pedindo-lhe nos levasse aonde seu pae estava, o dilatou um dia, querendo que lhe comprassemos nas suas terras alguma cousa, mas nós desejosos de chegar detivemo-nos alli pouco, e começando a fazer nosso caminho, vendo elle, que por nenhum modo nos queriamos deter, no-lo mandou mostrar. No qual

caminho vimos uma casa grande de palha, e antes que a ella chegassemos muitas figuras sem rosto, a modo de cães, e lagartos, e de homens, tudo de palha, e perguntando que era aquillo, disseram-me, que alli morava um cafre, que dava agua quando faltava nas sementeiras: todo o seu governo são feitiçarias.

Fomos jantar debaixo de um arvoredo, no qual nos trouxeram a vender muito mel em favos, e veio ter com nosco um cafre, que fallava portuguez, que trazia um recado do Inhaca Sangane pae do cafre, que atraz nos fica. Foi a vista deste cafre para nós novas de muita alegria, porque nos desenganámos com elle e tivemos por certo ser assim o que nos tinham dito. Deu seu recado, o qual era, que nos mandava dizer esse Inhaca, que nos fossemos logo para onde elle estava, que nos não faltaria nada, e nos daria embarcação para passarmos o rio da outra banda, e faria tudo o que quizessemos, e não se fiando o capitão de tudo isto, lhe mandou lá um portuguez, pelo qual lhe enviou um presente de cousas de cobre, o qual foi, e fallando com elle, e com muitos cafres, que ahi estavam se veio, e trouxe ao capitão um cacho de figos, os quaes festejamos por ser fruta da India boa.

Este homem disse, que o Rei parecia bom homem, e que não tinha força, com que nos pudesse fazer mal, e que estava esperando por nós, e que diziam os seus, que alli vinham todos os annos muitos portuguezes. E para nos fazer ir mais depressa nos mandou um marinheiro de Moçambique, que alli tinha ficado de uma embarcação, que os annos passados alli tinha ido. Com isto nos fomos, e tendo andado obra de uma legoa pela borda de uma alagoa, chegámos onde este Rei estava, que era em um alto entre dous pequenos outeiros, e como era já noite não nos fallou, e mandou pelos seus nos mostrassem um lugar apegado com

suas povoações, onde assentámos as tendas, e ao outro dia o foi o capitão ver, e lhe lançou uma cadeia douro com um habito de Christo ao pescoço, e lhe deu duas sarasas, panos, que as mulheres na India vestem, e são de estima. Elle tomou isto com muito riso, e fallando poucas palavras, disse, que se não agastasse, que havia de ir das suas terras muito contente, porque elle não tinha maior bem, que ser amigo dos portuguezes, e com isto se veio o capitão. Este negro é grande pessoa, e foi sempre leal aos portuguezes. Ao outro dia nos veio ver, e mandou trazer cabras, e carneiros, e muitas galinhas, e amechueira; e dilatando-o não nos mandar mostrar uma embarcação, que dizia tinha, nos viémos direitos á praia, e caminhando por ella dous dias, demos no rio de Lourenço Marques de nós tão desejado, a seis dias de Abril de seis centos e vinte tres, o qual nos não appareceo senão quando entrámos por elle dentro, porque esta ilha, que atraz disse, fica muito perto de terra firme da banda do Cabo de Boa Esperança, e assim quando vinhamos caminhando nos parecia tudo terra firme.

Tanto que entrámos dentro obra de um quarto de legoa, puzemos nossas tendas, e atirámos tres, ou quatro espingardadas, e sendo de noite fizemos nossos fogos, e todos com o padre frei Diogo dos Anjos Capucho, e com o padre frei Bento demos graças a Deos de nos trazer aonde nos conheciam, e vinham embarcações de Moçambique. Ao outro dia vimos duas almadias com negros, que fallavam muito bem portuguez, com o que ficámos muito mais contentes, porque até alli não tinhamos visto almadia nenhuma, nem embarcação. O capitão mandou visitar o Rei da ilha, que era o Inhaca Manganheira, que atraz já disse, pedindo-lhe nos mandasse dizer se tinha embarcação, em que pudessemos ir para Moçambique, e se

tinha mantimentos, com que nos pudessemos sustentar um mez que alli podiamos estar, até concertar embarcação, em que nos fossemos, e passassemos á outra banda para podermos ir a tempo conveniente que achassemos embarcação de Moçambique. Ao que o Inhaca respondeo, que fossemos para lá, que de tudo nos haviaria, mandando-nos tres embarcações pequenas para passarmos á ilha, o que logo fizemos. E tanto que toda a gente esteve nella, marchamos com a ordem, que traziamos até a povoação onde o Rei estava, a qual era de casas grandes todas com seus patios de paos altos, de modo que logo pareciam casas de homem bellicoso. Estava assentado em uma esteira cuberto com uma capa de perpetuana de cor de canella, que parecia ingleza, e com um chapéo na cabeça, e em vendo o capitão se alevantou, mas não se bolio, e lhe deu um grande abraço. O capitão lhe tirou a capa, com que estava cuberto, ficando nú, e o cobrio com outra de capichuela preta, e lhe deitou ao pescoço uma cadeia de prata, que foi do contramestre Manoel Alvres, com o apito, que foi pessa, que elle muito estimou. E' este negro muito velho ao que parecia, e gordo, sendo assim, que em toda a cafraria não vi cafre que fosse alcatruzado, nem gordo, senão todos direitos, e enxutos. Mandou-nos que puzessemos nossas tendas junto das povoações, e ao outro dia nos acodiriam a vender muito peixe, galinhas, e amechueira, e alguns carneiros; e o Rei veio ver o capitão, e lhe foi mostrar as embarcações, que tinha, as quaes eram pequenas, e estavam todas quebradas, e como os nossos carpinteiros as viram, disseram, que não eram capazes para mais, que para nos passar á outra banda do rio, que eram dahi a sete legoas, nem tinham hombros sobre que se pudessem fazer maiores embarcações, e que se não haviamos de esperar por

embarcação de Moçambique, a qual não podia vir senão no Março do anno seguinte, que pedisse ao Inhaca mandasse concertar as embarcações depressa, porque os cafres são muito vagarosos, ao que o capitão respondeo :—Parece-me bem passemos á outra banda, iremos marchando até Inhabane, que nos fica perto, e podemos gastar, ao mais, um mez no caminho, e não ficarmos um anno aqui esperando na terra deste cafre, que é um traidor, que matou ha dous annos aqui um clerigo, e tres portuguezes, pelos roubar, e por esta razão não tem vindo aqui pangaio ha tantos tempos, nem virá tão cedo, e o mesmo nos irá fazendo a nós pelo tempo em diante poucos a poucos. Tudo isto lhe tinha contado o outro Inhaca da outra banda, e assim tinha acontecido. E ditas estas palavras se foi ao Inhaca, e lhe pedio mandasse concertar as embarcações, porque estava resoluto a se ir, e não esperar pelas de Moçambique, as quaes havia dous annos, que não tinham alli vindo pelo gasalhado, que os tempos atraz lhes fizera, e que o anno vindouro póde ser não viessem tambem. Ao que lhe respondeo o Inhaca, que era verdade matara o clerigo, e os portuguezes, mas foi porque elles lhe matáram seu irmão, e que se nos não queriamos fiar delle, que nos fossemos para uma ilha, que está logo ahi pegado, a qual se passava a pé em baixa-mar, que alli tinhamos agua, e que nos mandaria fazer para cada dous portuguezes uma gamboa, e teriamos o mantimento, que nos bastasse, que alli tinham invernado por muitas vezes portuguezes, e que nunca se queixáram delle senão agora. Disse mais, que elle nos daria dez cafres seus, que mandasse com elles dous portuguezes a Inhabane dar recado como estavamos alli esperando, para que viessem embarcações, ao que replicou o capitão que lhe importava chegar depressa. Tornou-lhe a di-

zer o cafre, que lhe requeria não fizesse tal viagem porque o haviam de matar os Moerangas assim como fizeram á gente de Nuno Velho Pereira, que não coube na embarcação, e que eram terras muito doentias, e que elle tinha as suas casas cheias de marfim, e âmbre, e se os portuguezes lho não comprassem, não tinha elle remedio, pelo que lhe convinha fazernos muitos mimos, e não nos escandalizar, que lhe dessemos credito.

Não quiz o capitão senão ir-se, e assim lho disse, rogando-lhe mandasse concertar as embarcações, e despedindo-se delle, nos viemos estar na ilha, que tenho dito, que está obra de uma legoa dalli, na qual estivemos em quanto as embarcações se concertáram, que foi até dezoito de Abril. Aqui nos quizemos ficar Rodrigo Affonso, e eu, e nos fomos ao capitão dandolhe conta disso, e que nos não atreviamos a marchar mais por terra, que dalli iriamos quando viesse pangaio. O capitão nos levou por desconfiança, dizendo, que se espantava de querermos arripiar a carreira quando eramos a sua guedelha, que por se dizer havia ladrões adiante, o não haviamos de deixar, e que quando de todo o fizessemos, nos havia de fazer um protesto, e parece, que advinhava este fidalgo. Com estas razões nos embarcámos com a mais companhia em quatro embarcações, as quaes não puderam levar toda a gente de uma vez, e foi necessario voltar outra. E este dia, que partimos chegámos á meia noite á outra banda a uma ilha, que dentro no mesmo rio está, na qual saltámos em terra, e nella dormimos o que restava da noite.

Ao outro dia Rodrigo Affonso de Mello, que já vinha doente, amanheceo muito mal, mas ainda fallava bem, e confessando-se veio a morrer noutra ilha, donde viemos a outra noite. E affirmo a V. M. que

não puderamos ter cousa, que nos causasse mais sentimento, e a mim me coube a maior parte como seu servidor, porque além de ser tão grande cavalleiro, era um anjo de natureza, e posso dizer, que elle era causa de todos os trabalhos padecidos nos serem faceis de passar, porque era o primeiro, que ia buscar a lenha, e a agua ás costas, e se metia no mar primeiro que todos buscar o marisco, e quando os outros viam uma pessoa de tanta qualidade fazer isto, dava-lhe animo para fazerem o mesmo, e não descorçoavam. Aqui nesta ilha o enterrámos ao outro dia pela manhã, e lhe puzemos um sinal na cova. Daqui fomos por um braço deste rio ter a outra ilha de um negro, que se chama Melbomba, aonde desembarcámos, e esperamos até que as embarcações tornáram com o resto da gente, que nos ficava na ilha do Inhaca, que foi até sete de Maio. No qual tempo adoecemos todos por ser a terra má, e tambem porque nos metemos em muito comer crú, e morreram o padre frei Bento, Manoel da Silva Alfanja, Pascoal Henriques bombardeiro, Antonio Luiz marinheiro, e João Grumete. Chegou a outra gente, da qual vinha tambem doente a maior parte, e eram mortas oito pessoas das que deixámos com ellas, que por não lhe saber os nomes os não digo aqui. Nesta ilha deixámos por estarem muito doentes, e nos não poderem acompanhar Antonio Godinho de Lacerda, Gaspar Dias despenseiro, Francisco da Costa marinheiro, e um criado do capitão.

Passando-nos a terra firme marchámos sempre peia praia até chegarmos ás terras de um Rei que chamam Ommanhisa, que é o mais poderoso, que nestas partes ha, o qual a treze dias deste mesmo mez nos veio ver ao caminho onde estavamos aguardando convalecesse alguma gente; e como alguma peiorava a

deixámos com este Rei, que nos mostrou bom animo, e ordinariamente, quando a estas partes vem embarcação, na sua terra tem a maior feitoria. Pedio-nos fossemos por dentro, que era melhor gente, e nos avisou, que pelo caminho que levavamos nos haviam de roubar, e matar a todos.

E como o capitão nunca tomou conselho doutrem, e se governava só por sua cabeça, não acertou em muitas cousas, e com ser este, vinha tão unido com a gente do mar, que não fazia cousa, que lhes não parecesse bem, ainda que fosse em castigo, que nelles proprios fizesse, por este respeito senão remediou isto, e porque os homens nobres eram poucos.

Aqui ficou Dona Ursula com um filho mais velho, que se chamava Antonio de Mello, e ficaram com ella Jaques Henriques, e dous grumetes, e uma negra de Thomé Coelho. Esta Dona levaram em um andor, que fizeram de panos, com o filho nos braços, que era grande lastima de ver uma molher moça, fermosa, mais alva, e loura, que uma framenga, mulher de uma pessoa tao honrada como foi Domingos Cardoso de Mello ouvidor geral do crime no Estado da India, tão rico, em poder de cafres chorando muitas lagrimas. E por nos parecer, que não escaparia, lhe trouxemos o filho mais pequeno com nosco, o que foi cousa, que mais lhe acrescentou o sentimento. O Rei a levou comsigo, dizendo lhe não faltaria nada, e o capitão lhe prometeo de lhe dar um bar de fato pelo bom tratamento, que lhe fizesse, e pelas mais pessoas.

Tanto que o Rei se foi nos partimos, indo caminhando pela praia sempre. Já neste tempo o capitão ia doente, ao qual levaram em um andor, até chegarmos a um rio, que chamam Adoengres, que foi a dezaseis do proprio mez, no qual o capitão vendo o estado, em que estava, que muitas vezes não fallava

a proprio, ordenou de eleger com parecer de todos uma pessoa, que tivesse merecimentos, e partes para poder ficar em seu lugar, e mandando chamar a todos, lhes disse, que elle já não ia capaz para os poder governar, que vissem elles a pessoa, que alli ia, que melhor o pudesse fazer pois bem conheciam a todos, e o para que prestava cada um, que em suas mãos punha esta eleição, porque depois se não queixassem delle, e que depois de todos votarem votaria elle, os quaes votando em mim, dizendo suas virtudes, disse o capitão que esse era tambem o seu voto, e mandando-me chamar Pero de Moraes, me disse como aquelle povo me tinha eleito por capitão, e que esse fora o seu voto tambem, que esperava em Deos, que eu os governasse com mais prudencia do que elle até então o tinha feito, que como pessoa de fóra tinha sabido no que lhes dava molestia. Eu respondi, que havia de trabalhar por ver se o podia ir imitando.

E logo me fui para a minha tenda, levando comigo a maior parte da gente, aos quaes disse, que aceitára aquelle lugar, só com zelo de nos irmos conservando, e para que em nenhum tempo se pudessem queixar de mim, escolhi a seis pessoas as mais principaes, que alli iam, sem o parecer das quaes não faria cousa de consideração; e pareceo isto a todos bem por o capitão Pero de Moraes o não tomar nunca de ninguem em materia alguma. As pessoas, que para isto escolhi foi o padre frei Diogo dos Anjos, Thomé Coelho de Almeida fidalgo, Antonio Ferrão da Cunha fidalgo, Vicente Lobo de Sequeira fidalgo, André Velho Freire, e o piloto. Depois de isto feito, veio o escrivão do arraial com estas seis pessoas, e me requereram da parte d'el Rei, dizendo, que a pedraria, que vinha na borçoleta, vinha arriscada, por quanto os cafres havia tres dias nos perseguiam, e que a

apalpando com um páo na mão por onde era a passagem, e para o fazer com melhor vontade, lhe dei uma cadeia de ouro, porque elles não eram alli nossos cativos, e porque não fugissem para os da terra, era necessario trazer-mo-los contentes, o que fez logo, andando para uma parte, e para a outra, até que acertou com o váo, e pondo nelle balizas, fomos passando com a agua pela barba, e como tinhamos entrado na terra dos ladrões trabalhamos caminhar o mais que pudessemos, e assim o fizemos, indo continuamente brigando com elles, o que já a gente fazia com muito trabalho por virmos doentes, e com poucas forças pelos mantimentos serem poucos, e os cafres no-los não quererem vender. Assim fomos até o rio do ouro, o qual é muito caudaloso, e largo, e vem com tanta furia, que achámos antes que a elle chegassemos mais de oito legoas, arvores grandissimas arrancadas pelo pé em tanta quantidade, que enchiam as praias, que muitas vezes não podiamos passar com ellas, e logo entendemos haver alli perto algum rio grande. E' senhor de toda esta paragem um negro muito velho, ao qual chamam Hinhampuna. E ficámos muito desconsolados com a vista deste rio pela impossibilidade, que viamos na passagem, mas não tardou muito tempo, vimos vir por elle abaixo duas almadias, com cuja vista ficámos com menos receios, e chamando-as a nós, lhes mandei dizer se nos queriam passar, ao que responderam, que si, que viriam ao outro dia com mais almadias para o poderem fazer, e mandando lhe dar um pedaço de bertangil pela boa reposta, se foram.

E esperando nós por elles pela manhã, os homens que estavam de posta viram vir da nossa mesma banda mais de duzentos cafres muito bem armados com muitas azagaias, e frechas, e foram os primeiros, que com estas armas vimos; logo fiz pôr a todos em ordem,

e desparar algumas espingardas. Vieram-se elles chegando todos juntos trazendo o seu Rei no meio, o qual vinha vestido á portugueza galantemente com um gibão de tafecira de linha, com o forro para fóra, e um calção á comprida com à barguilha para traz, e um chapeo na cabeça, e vinha com este vestido por nos mostrar, que tinha comercio com nosco, e nos fiassemos delle, mas logo foi conhecido seu desenho. Trouxe-me de saguate dous ramos de figos, que lhe eu paguei mnito bem, dando-lhe um bertangil. E tratando nos mandasse passar pelas suas embarcações, disse que como lhe pagassemos o faria, sobre o que nos concertámos por tres bertangis, e depois de concertados pedio mais dous, ao qual refusando disse, que por elle ser velho, e nos ter vindo ver lhe dava mais os dous que pedia. Dahi a um pouco disse, que lhe haviamos de dar mais, e alevantando-me me vim para as tendas, e mandei estivessem todos com as armas nas mãos até depois de meio dia, e vendo que elles se não iam, lhe mandei dizer, que os portuguezes não consentiam nunca, que junto com elles estivesse outra gente, que lhe mandava dizer isto, porque se ia já fazendo tarde, e de noite lhe podiam matar alguem da sua companhia com as nossas espingardas, com que toda a noite vigiavamos. Elle mandou dizer, que a sua gente se ia logo, e que elle só havia de ficar com quatro cafres, esperando até o outro dia viessem as almadias para nos mandar passar, que era nosso amigo.

Tanto que vi esta gente se ia, mandei atirar duas espingardadas com pelouro por cima delles, os quaes ouvindo zunir os pelouros, deitaram-se no chão, e mandaram saber que era aquillo, que elles não queriam brigas com nosco; ao que lhe mandei dizer que fora um desastre, que descarregando duas espingardas

acertaram de passar por lá os pelouros, e assim se foram, ficando o Rei, como digo, e nós toda a noite com muita vigia, e como se acabavam os quartos, atiravamos espingardadas.

E pela manhã vendo elle como tinhamos estado toda a noite, e que não podiam fazer o que desejavam sem seu risco, se foi despedindo se de mim, dizendo, que logo mandava dous cafres para se concertarem comigo sobre a passagem, que o que elles fizessem havia por bem feito, e assim o fez mandando os dous cafres, com os quaes me coucertei em oito bertangis, que lhes não foram dados senão depois de nos terem passado. Aqui nos morreram quatro companheiros. E nesta passagem determinaram de nos assaltear desta maneira: mandáram dizer aos cafres da outra banda, que depois que ametade da gente fosse passada, dessem lá nella, que o mesmo fariam de cá, e para poderem fazer isso como o cafre desejava, trouxeram quatro almadias pequenas, e determináram passar uma, e uma, mas eu que conheci seu intento, mandei amarrar as almadias duas e duas juntas para poder caber mais gente nellas, e mandei meter ametade da melhor gente dentro com ordem que tanto que lá fossem, tomassem um lugar alto, que de cá se via, aonde se fizessem fortes em quanto passava a demais, e que tornassem em cada duas almadias duas pessoas com suas espingardas, para que nos não fugissem. E em quanto isto se fazia ficámos com as espingardas nas mãos, e murriões acesos, de modo que nunca lhe démos lugar para fazerem cousa alguma, e foi de grande acordo mandar andar os dous homeus nas almadias em quanto se fazia esta passagem, porque em nos dividindo logo eramos perdidos. E no fim passei eu com oito companheiros; e então me contáram os cafres da almadia toda sua determinação, dizendo me que dalli por

diante vissemos como iamos, porque era aquella terra dos mais máos que havia em toda a cafraria, que só por nos roubarem o que levavamos vestido, nos matariam, e que eram muitos, agradecendo-lhe o aviso, lhe dei um pedaço de bertangil, e me fui caminhando com toda a pressa possivel.

Tanto que souberam que eramos passados, vieram buscar-nos muitos cafres, com que vinhamos todo o dia pelejando, e a gente vinha descorçoada por nos ferirem de longe com suas frechas, que muitas vezes não viamos quem nos fazia mal, por nos atirarem do mato, e nós vinhamos pela praia, e eram poucos os homens que soubessem atirar com as espingardas. E temendo nos destruissem vendo nos tão fracos, me embarquei de dia, fazendo caminhar toda a noite pela borda do mar, porque alli espraia muito a maré, e ficava-nos longe o mato, e assim ficámos caminhando na baixamar de noite, para que a enchente apagasse o rasto, que faziamos na area. E vespora do Espirito Santo de noite indo caminhando vimos estar muitos fogos na praia, aos quaes furtamos o corpo, caminhando bem junto com o mar, e muito calados passamos sem sermos vistos delles, e apressando-nos andando até o quarto da lua, nos metemos no mato, e alli estivemos com vigias até que foi noite, e a maré esteve meia vazia, e começámos a marchar todos em ordem, e tendo andado meio quarto da modorra vimos estar a diante muitos fogos, os quaes tomavam desde a borda da agua até o mato, para que lhes não pudessemos escapar, e chegando perto, nos mandou dizer o Mocaranga Muquulo, que era o Rei de toda aquella paragem, que não passassemos de noite pelas suas terras, que não era costume, e que não queria brigar comnosco. Eu lhe mandei dizer, que os portuguezes não haviam mister licença de ninguem para poderem pas-

sar por toda a parte : mandou-me dizer, que visse o que fazia, que não fizesse guerra, que todos os portuguezes que por alli passavam, lhe davam a sua curva, como o faziam em outras partes. E a este recado começaram todos os da companhia com grandes vozes dizendo, que por dous bertangis, que lhes podiamos dar, os queria matar a todos, não estando nenhum para poder pelejar.

Vendo eu estes clamores chamei as pessoas, que atrás disse, para que juntos assentassemos o que melhor nos parecesse, aos quaes disse, que me parecia acertado passar pelejando de noite com estes cafres, porque não poderiam enxergar as faltas, com que vinhamos, e que as espingardas de noite causavam mais horror, e quando nos acontecesse má fortuna poderiamos mais a nosso salvo escapar a pedraria, e que se aguardavamos, que fosse manhã, como elles pediam, poderia vir mais gente da que alli estava, e verem-nos fracos, e descorçoados. A isto me responderam, que elles vinham taes, que de dia não pelejavam que fariam de noite, e que querendo eu faze-lo, haviam só de brigar dez, ou doze homens, que tinham vergonha, e os outros todos haviam de fugir; e que póde ser contentando-se com o que lhes podiamos dar se fossem, e nós ficavamos sem nos pormos nesse risco. Ao que insistindo eu em passarmos, disse por muitas vezes, que se no rio do sangue os cafres viram a pouca gente, que pelejava, que nos houveram de matar a todos, mas a noite encobrindo isto, cuidavam pelejarem todos e por esse respeito fugiram; e Deos sabe quantos foram os que defenderam esta noite que digo. Elles me responderam, que me não cansasse, que não convinha passarmos de noite, e este era o parecer de todos. E como vi esta vontade na melhor gente, disse, que elles eram testemunhas como o ficar era contra meu pare-

cer, e que disso me haviam de passar os papeis que me fossem necessarios: parece que me adivinhava o coração o que depois succedeo.

Como vi que havia de ficar até pela manhã, busquei o mais forte lugar que alli havia em um alto, e mandando fazer muitas fogueiras tomei todos os bisalhos, e mandei-os enterrar em segredo, e em cima donde elles estavam mandei fazer uma grande fogueira, estando o restante da noite todos com as armas nas mãos sem ninguem dormir. E vindo a manhã veio o mesmo Rei, com o qual me concertei em nove bertangis, e uma roupeta de escarlata, e depois pedio mais umas peças de prata das cabeçadas de um cavallo, que tambem lhas démos, e foi pedindo mais de maneira que lhe dei tudo o que pedio, e mostrando estar satisfeito se despedio de nós com mostras de amizade. Depois de elle ser ido, e não aparecer ninguem mandei tirar os bisalhos, e os tornei entregar a quem os trazia, e indo marchando pela praia nos sahiram do mato mais de mil cafres, e dando-nos um assalto na retaguarda, que só pelejou, a desbaratáram logo deixando todos os que nella vinham muito mal feridos, e despidos sem lhe ficar cousa nenhuma, com que pudessem cobrir suas vergonhas. E a demais gente como vio este disbarate fugiram para o mato sem poderem esconder nada, porque logo foram sobre elles, e os despiram, sendo assim, que se elles pelejaram não nos houveram de desbaratar, e foram atirando as suas espingardadas entretanto carregavamos nós as nossas, e assim pelejáramos, e como nós os foramos matando elles se retiráram, como fizeram outros mais valentes, com que muitas vezes brigámos.

Vendo-me eu nú, e ferido com cinco frechadas penetrantes, uma na fonte direita, outra nos peitos por onde me sahia o folego, outra que me atravessava os

hombros, da qual ourinei sangue doze dias, e de que não pude tirar o ferro, e outra na coxa esquerda, de que tambem não tirei o ferro, a outra na perna direita, que me estava vazando em sangue, determinei meter-me pela terra dentro com estes ladrões para me curarem, e ver se me queriam dar alguma cousa para me cobrir, e estando com este pensamento me mandou dizer Thomé Coelho, e os mais, que não se haviam de ir dalli sem mim, que fossemos assim caminhando, que já Inhambane devia estar perto. Ao que respondi, que não estava para nada, que fossem elles, e os ajudasse Deos, e pedi a um marinheiro, que chamavam o Tavares que tambem estava ferido em uma perna, que quizesse vir comigo, e que nos tornariamos, se Deos nos desse saude, que não podia ser, que aquelles cafres não tivessem compaixão de nos ver assim : elle o fez de má vontade, e nós fomos detraz delles uma grande legoa, de maneira que eu já não podia comigo, e alli num descampado se ajuntáram todos com os furtos, que nos roubáram, e o Rei conhecendo-me me mandou tirar as frechas, e curar com um azeite, que lá tem, a que chamam mafura, e depois de curado me deram um gibão velho sem mangas, e do mantimento, que nos tinham roubado me deram um pouco. Alli repartiram todas as riquezas que traziam, fazendo mais caso de um trapo, que de preciosissimos diamantes, os quaes tomou todos para si o Rei por lhe dizerem dous cafrinhos nossos, que já com elles estavam, que aquillo era a melhor cousa, que havia, que por cada um lhe haviam de dar um bertangil. E como fizeram esta repartição, se foram, e ficando sós nos tornámos á praia para ver se podiamos encontrar alguns dos companheiros, e trazendo um murrão aceso para fazermos fogo de noite, e tendo já andado um pouco, ouvimos de dentro do mato uns as-

subios, e virando vimos dous negros vestidos, os quaes conhecemos logo serem nossos, e fallando com elles nos disseram, que esperassemos, que iam chamar João Rodrigues de Leão, que ficava no matto, e vindo logo me abraçou, e disse, que a elle o não roubáram por se esconder bem, e despindo a sua roupeta ma deu, e me disse, que alli trazia o bisalho, que eu lhe entregára inteiro, que visse o que queria que fizesse delle. Eu lhe respondi, que pois elle o soubera guardar tão bem, que o trouxesse até Inhambane, e que alli se determinaria o que haviamos de fazer, e assim viemos caminhando de noite, porque de dia nos não deixavam estes malditos cafres esses fracos trapos que traziamos. Tambem veio ter com nosco um nosso companheiro francez, que se chamava Salamão, ao qual festejei eu bem para me sangrar, porque não me podia bulir com sangue pizado das feridas, o que fez logo com uma lanceta que trazia.

Caminhando quatro dias pela praia fomos passar um rio com a agua pelo pescoço fria como a neve, a qual me tratou bem mal. Aqui achamos a maior parte da nossa gente, os quaes estavam contentes, por os cafres lhe darem de comer logo, e veio ter comigo André Velho Freire, e disse como salvára o bisalho, que eu lhe entregára, que mandava, que fizesse delle. Ao qual lhe disse, que o trouxesse a Inhambane, e que alli se ordenaria o que melhor parecesse. E assim fomos caminhando pelas terras do Zavala um cheque, ou regulo nosso amigo, até darmos com um cafre velho de um Rei, ao qual chamam Aquerudo, o qual tanto que nos vio senão quiz apartar de nós dizendo-me, que haviamos de ir pelas terras do seu Rei, e que nos não faltaria nenhuma cousa, e assim foi depois que o encontrámos, até nos pôr em Inhambane. Aquelle dia nos fez caminhar muito para chegarmos aonde este

Rei estava, e chegando de noite nos fez muita festa, mandando-nos dar todo o necessario, emquanto alli estivemos, e nos matou uma vaca, e me vinha ver todas as noites tres vezes, trazendo-me sempre cousas de comer, e dizendo, que nos não agastassemos, que já estavamos em terra de portuguezes, e que elle o era como nós, que não tinha mais differença que ser negro. Aqui nos teve quatro dias, e no fim delles nos veio acompanhando um dia de caminho, e dando-me dous dentes de marfim, se foi, e deixou seu filho mais velho para ir com nosco até Inhambane, e o velho que atraz disse, os quaes nos foram dando de comer por todo o caminho até que lá chegámos, que foi a dezanovede Junho, onde fomos bem recebidos, e aquella noite nos não faltou de comer, e ao outro dia me veio ver o piloto, juntamente com o padre frei Diogo, os quaes havia dous dias tinham chegado á outra banda do rio com a demais gente, que nos faltava, os quaes me disseram que o Innhapata, e Matarima, dous Reis, que lá havia, estavam esperando por mim para repartirem em minha presença todas as pessoas, que daquella banda estavam, ficando eu de lhe pagar todos os gastos, que nisso se fizessem. Eu os festejei, e lhes disse, que ainda hontem chegára, que parecia razão accommodar primeiro os que estavam da banda do Chamba, que era aonde eu estava, e que depois passaria lá a fazer o que me tinham dito.

Logo no mesmo dia veio ter comigo um negro christão, que alli vivia, ao qual chamavam André, que servia de lingoa áquelles Reis quando alli vinham portuguezes ; este me levou para sua casa, e nella estive até me vir para Inhambane. Ao outro dia me veio ver o Rei que tenho dito, com o qual tratei de accommodar a gente por casas dos negros que mais posses tivessem, e elle lhe pareceo isto bem, mas disse-me que aquel-

le dia não podia ser, porque era necessario manda-los chamar, que ao outro dia viria cedo, e os traria todos, e assim o fez, e depois de os ter ahi todos me disse, que havia de pagar os gastos, que aquella gente fizesse, disse-lhe, que eu os pagaria, e elle rindo-se me respondeo, que não havia em mim, com que pudesse comprar um frango, por estar ainda despido, como se haviam elles de confiar: ao que respondi, que mais valia a palavra de um portuguez, que todas as riquezas dos cafres, e no fim de muitas palavras, que houve de parte a parte, que é o de que se mais prezam, me fez prometter de lhe pagar tudo o que com elles gastasse, e o Rei disse, que ficava por meu fiador. E logo reparti os portuguezes, segundo me dizia este negro christão, e chamando-os por seu nome me dizia: A este cafre póde V. M. dar algum homem grave, porque é bom negro, e rico; e assim ficáram accommodados todos os da banda do Chamba, que fica da parte do cabo das Correntes, e passando-me á outra banda, onde me fizeram muita festa, fiz o mesmo.

E' este rio fermosissimo, tem de largo meia legoa, e da banda do Chamba bom sorgidouro para embarcações de até trezentas toneladas, fica no meio a maior parte em seco de baixamar, aonde ha muito marisco, de que os cafres se aproveitam, a terra em si é muito sádia, e a mais farta, e barata, que já mais se vio, abundantissima de mantimentos, como é milho, ameichueira, jugos, que são como grãos, mungo, gergelim, mel, manteiga, muito fermosos bois, dos quaes val cada um por maior que seja dous bertangis, muitas cabras, e carneiros, o peixe é o melhor que comi em toda a India, e tão barato, que é espanto, porque dão por um bertangil, ou motava de contas, que ainda val menos, cem tainhas muito grandes. Os matos todos são

cheios de laranjas, e limões, tem muita madeira, de que se podem fazer embarcações.

As ventagas, que ha na terra são muito ambre, e marfim, alli tem ido muitas vezes os olandezes, e segundo me disse o Matatima, que é um dos Reis, desejavam ter alli comercio, e que os mais dos annos passando por alli, mandavam os bateis a terra resgatar laranjas, e vacas, e que depois que lhes tomáram um batel matando-lhe a gente, não os mandavam a terra, mas que os cafres iam ás naos. Muito receio senhoreem estes inimigos este porto, pelo que sei de alguma gente delle, que aqui não digo por me não alargar, e porque sei se não ha de remediar isto, por mais que escreva. Aqui estive muito mimoso destes cafres, principalmente dos Reis, e antes que me fosse morreram sete pessoas, entendo que foi de muito comer, porque vinhamos muito fracos, e debilitados, e depois com a fartura não reparáram no que lhes podia succeder, e foram os seguintes, Thomé Coelho de Almeida, Vicente Esteves, João Gomes, João Gonçalves o Balono, o Condestable, e Brás Gonçalves.

Vendo que havia dous annos, que alli não vinha embarcação, e que corria risco não vir aquella monção, me disse o Motepe, que é o negro, que servia de lingoa, que como passassem tres mezes, e os cafres não vissem donde lhes podessemos pagar os gastos, que a gente tinha feito, que a mim se haviam de tornar todos, que fosse a Zofala, que como eu era tão conhecido, não faltaria quem me emprestasse quatro bares de fato, com que viesse resgatar aquella gente, e que elle fallaria com os Reis, dizendo-lhes, que indo eu a Zofala faria vir logo embarcação com roupa para pagar os gastos dos portuguezes. Eu estava então muito doente, e disse-lhe, que me não atrevia, porque havia de morrer logo no caminho. E indo-se ter com o pa-

dre frei Diogo lhe contou o que passava, o qual me pedio mui encarecidamente, quizesse fazer esta jornada, que não houvesse medo de morrer no caminho, que quem ia a cousa de tanto serviço de Deos, elle teria cuidado particular de o guardar. Eu disse, que faria o que me pedia, que fosse o Motepe fallar com os Reis para me darem negros que me acompanhassem, o que fez logo, e elles rindo-se, disseram, que me não havia de ir de sua terra, porque eu era o penhor de toda aquella gente. Com tudo lá lhes deu tantas razões este negro, que o acabou com elles, dando-lhes uns panos que para isso me emprestou, os quaes lhes paguei tres vezes dobrados. E tendo licença ordenei de levar um companheiro portuguez comigo pelo que podia acontecer, e este foi o mais bem desposto, que havia na companhia, e se chamava Antonio Martinz, e depois de os Reis me darem vinte negros para me acompanharem, me despedi de todos com muitas lagrimas, os quaes estavam mui desconfiados de eu tornar por elles, dizendo, que de Zofala me iria para minha casa, e que elles alli morreriam. Ouvindo eu isto, tomei as mãos do padre frei Diogo, e beijando-as, fiz um voto solemne a Deos em alta voz, em o qual prometi a vir busca-los, se a morte mo não atalhasse, e com isto ficáram mais quietos, e eu me parti a dous de Junho com a companhia, que tenho dito, ficando a pedraria enterrada em um cabaço, da qual sabiamos duas pessoas, que a trouxeram, e o padre frei Diogo. E tendo andado aquelle dia todo fomos passar um rio, e dormindo da outra banda, se vieram ajuntar mais cafres á companhia carregados com marfim, e ambre para venderem em Zofala, e assim o foram fazendo por todas as terras a diante, de maneira que cheguei a levar comigo mais de cem cafres, e faziam isto pelo respeito, que por aqui se tem a um portuguez. Por

todo este caminho fui mui bem agazalhado, e o que mais pena me dava nesta jornada, era a detença que me faziam ter os regulos, que por aqui ha, que ainda que esta gente esteja mais perto de nós, que a do Cabo de Boa Esperança, fazem mais espanto quando vem um portuguez. E depois de ter andado quinze dias, fui ter á povoação de outro regulo maior, que os que tinha visto, ao qual chamam o Inhame, e tinha vinte mulheres, e querendo-me eu ir logo ao outro dia, o não quiz elle consentir, dizendo-me, que tinha seus parentes longe dalli, e que os tinha mandado chamar para me verem, porque nunca por alli tinha passado portuguez algum, e assim parecia pela muita gente que concorria a ver-me, os quaes davam muitos gritos, e alaridos, fazendo festa; e se me não importára chegar de pressa a Zofala, não me sahia isto em perda, pelas muitas cousas, que me traziam, de que toda a companhia comia, e ainda sobejava muito, que depois levåram para os caminhos onde não havia povoações.

Daqui a alguns dias fui ter com outro regulo, que está defronte das ilhas do Bazanito, que chamam Osanha, o qual me fez o mesmo. E dahi atravessei um rio, que em baixamar fica em seco, e tem de largo mais de tres legoas: passado elle fiz o caminho sempre pela praia até vespora de Santiago, que cheguei a Molomono que são já terras de um mulato por nome Luiz Pereira, o qual vive em Zofala, e é a mais venerada pessoa, que nestas partes ha. Antes que chegasse á povoação soube como nella estavam dous filhos seus, aos quaes mandei um escrito, que trazia feito para mandar a Zofala antes que lá chegasse uma legoa, em que dava conta de como vinha, e pedia me fizessem esmola de me mandar por amor de Deos uma camisa, e uns calções para poder ir diante delles com minhas vergonhas cubertas; e dando-lhes o escrito, me man-

dáram o que pedia, e uma capa, com que fui cuberto; e elles me vieram esperar ao caminho, onde os abracei com muitas lagrimas, e porque eu vinha sem semelhança de creatura, me fizeram deitar em um esquife; e pedindo lhe me fizessem mercê querer mandar quatro cafres seus com uma rede, em que eu tinha vindo em busca do meu companheiro, que me ficava atraz muito mal duas legoas, o fizeram logo, e ao outro dia me fizeram concertar um luzio para nelle passar a Zofala. Atéqui me morreram dezasete cafres por a terra ser muito chea de alagoas fedorentas, e eu, e meu companheiro estavamos muito mal, e embarcando-nos fomos dormir aquella noite a Quelvame tambem terras de Luiz Pereira, aonde me matáram um carneiro, e fizeram muita festa.

Ao outro dia á tarde vinte oito de Julho fomos a Zofala, e como os casados, e Luiz Pereira viram vir a embarcação pelo rio acima foram á borda delle, aonde os cafres com muito grandes gritos disseram: Muzungos, muzungos, e saltando logo dentro me vieram abraçar, e eu que apenas podia andar, fui com elles fazer oração á Igreja aonde pedi mandassem trazer o meu companheiro, que vinha tal, que depois de chegar pedio confissão, e confessando-se deu a alma a Deos, e alli o enterráram logo, ficando eu desconsoladissimo. Dalli me mandou levar Luiz Pereira para umas casas, aonde me mandou dar todo o necessario até que Dom Luiz Lobo veio, que era capitão da dita fortaleza, e como eu estava já muito mal, me levou para casa onde estive ungido; e depois de estar alguns dias convalecente, lhe pedi me quizesse fazer mercê emprestar ouro, com que pudesse comprar quatro bares de fato, e que lhe daria todos os ganhos, que elle quizesse, e obrigaria todas as fazendas que sabia tinha na India, e que além de não arriscar nada, me fazia muito grande mercê, e es-

mola aos homens que em Inhambane estavam, que como era morto Nuno da Cunha, que era o capitão daquellas partes, e havia pouco fato, não havia de ir lá pangaio, e elles ficariam perecendo. Elle me disse faria tudo o que lhe pedia com obrigar minhas fazendas, como logo fiz.

E porque a disposição, em que estava, lhe não parecia capaz para tanto trabalho, me requereram não fizesse tal viagem, lembrando-me qual era o estado em que estava, e as muitas mercês, que Deos me tinha feito em me livrar donde tantos acabáram, e pois estava em terra de christãos, que me deixasse ficar, que um homem era mais obrigado a si, que a outrem ninguem. Ao que eu disse, que nunca Deos quizesse, que perigos da vida fossem parte para deixar de fazer o que tinha de obrigação, que era ir buscar meus companheiros. E vendo elles esta deliberação, se não cansáram mais em me fazerem estas lembranças, e comprando um luzio grande a Luiz Pereira por cento e vinte metiquaes, meti os quatro bares de roupa que tinha comprado, e levando comigo um companheiro portuguez casado na propria fortaleza, me parti para Inhambane a quinze de Agosto, e pela detença, que fiz em Quelvame cheguei com muitas tormentas mila grosamente por cima de Inhambane dez legoas, e cuidando não tinhamos ainda lá chegado, queriam os Malemos ir por diante, e como eu conhecia a terra por haver pouco que por ella tinha passado, disse, que nos ficava atraz, e fazendo para lá nosso caminho vimos dahi a tres horas a ilha, que na boca terr, e indo entrando pelo rio acima chegámos á tarde a Inhambane, onde me vieram todos receber com muitas lagrimas, dizendo, que a mim se me devia tudo, e que eu os vinha tirar do cativeiro de Faraó, e que os cafres já lhes não queriam dar de comer, e os deitavam fo

ra de suas casas, e que se tardára mais dez dias morreram todos sem nenhuma duvida: mas durou muito pouco este conhecimento, porque depois que gastei em os resgatar tres bares de fato, despendendo, e pagando em particular quanto tinham gastado, tratando de querer ir com um bar, que me ficava ás terras do Quevendo para dahi resgatar toda a pedraria, e peças ricas que nos tinham roubado, para que seus donos me pagassem confórme isto merecia, porque tanto que cheguei a Inhambane, mandei um presente a este Rei Quevendo que foi o que depois de roubados nos trouxe a Inhambane, dando-nos de comer, como já tenho contado, o qual era dous panos de pate, e meia corja de bertangis, em agradecimento do que por nós tinha feito, o qual ficou tão grande, que logo man dando ajuntar toda a sua gente, matando muitas vacas para celebrar com festas a tão grande honra. Este me mandou dizer, que ficava esperando por mim para ir comigo onde nos roubáram a resgatar tudo quanto nos haviam tomado. E querendo-me eu fazer prestes para a jornada, deixando a todos livres, e com roupa para poderem comer largamente em quanto eu lá estivesse, me encontráram esta ida, fazendo queixa aos Reis de Inhambane, dizendo, que para que consentiam ir-me eu, levando tanta roupa fóra das suas terras, devendo ficar toda onde nos agazalharam: os quaes como ouviram isto, me mandáram dizer, que por nenhuma via me havia de bolir dalli, senão para Zofala, que empregasse a roupa, que me ficava em as mercadorias da terra, que eram ambre, e marfim, e logo determináram de me roubar o que tinha, minando-me uma noite a casa.

Vendo eu, que todos quantos iam na companhia eram contra mim, desisti da ida, que pretendia fazer, e mandei dizer ao Quevendo, que não podia ir lá, que

quizesse mandar um recado aonde estavam os furtos, que viessem, que eu os resgataria, e que mandasse seu filho com elles. Respondeo-me, que me detivesse, que dalli a tempo de quinze dias viriam todos com o seu filho, e que para isso ia elle mesmo lá ter com elles. E tanto que estes homens souberam, que eu havia de esperar pelos negros, se foram todos á embarcação, em que tinha vindo, e a botáram ao mar, e antes que fosse monção me fizeram embarcar á força, porque até o padre era contra mim. E fazendo-me dar á vella, tornámos a arribar por ser fóra de monção, e aquella costa ser muito tormentosa. Depois tornando a sahir fóra, nos deu tão grande vento do mar, que nos fez dar á costa doze legoas de Inhambane, donde até Molonone fomos marchando, e dahi em almadias até chegar a Zofala. Veja V. M. a paga que me deram de os eu ir a buscar com meu dinheiro, que se os não quizera trazer de Inhambane, e empregára l á a roupa, que com elles gastei, em ambre, sem duvida, que trouxera mais de quinze mil cruzados por ser muito, e haver dous annos, que não tinha ido roupa a este porto. E realmente, que me maravilho todas as vezes que imagino, que houve taes homens no mundo, que permitissem viesse um estranho a resgatar o que haviamos trazido á custa de tantos, e tão grandes trabalhos, e padecendo tão excessivas fomes, como já tenho dito, antes que eu, que os vim servindo a todos, sem exceptuar nenhum, e por quem derramei muito sangue, e a quem èlles tinham tanta obrigação. Seja Deos louvado com tudo: mas estimára ficára tudo isto em memoria, para que daqui por diante vissem, e attentassem os homens por quem deviam arriscar suas vidas, e perder suas fazendas

Desta fortaleza de Zofala nos fomos para Moçambique com menos quatro companheiros nossos dos que

aqui tinhamos chegado Antonio Sigala, que matáram em Zofala, Pero de Torres marinheiro, que se ausentou por um furto, que tinha feito, um grumete, que ficou casado, e Fructuoso de Andrade, que cahio no mar na barra desta fortaleza, e chegamos a Moçambique as pessoas seguintes: o padre frei Diogo dos Anjos, Antonio Ferrão da Cunha, Vicente Lobo de Sequeira, André Velho Freire e tambem o piloto Domingos Fernandes, e o sotapiloto Francisco Alvrez, Miguel Correa escrivão, Pero Diniz tanoeiro, João Rodrigues de Leão, João Ribeiro de Lucena, João Rodrigues carpinteiro, Manoel Gonçalves, João Carvalho, João Tavares, Antonio Gonçalves, Manoel Gonçalves Belem, Sebastião Rodrigues, Diogo de Azevedo, Salamam Frances, Ventura de Mesquita, Fructuoso Coelho, um grumete, que chamam o Candalatu, Domingos Salgado, Belchior Rodrigues, João Coelho, Alvaro Luis, e Luis Moreno.

Desembarcando em terra fomos tudos em procissão a nossa Senhora do Baluarte, levando uma cruz de pao diante, cantando todos as ladainhas com muita devação. E depois de darmos graças a Deos pelas muitas mercês, que nos tinha feito de nos trazer a terra de christãos, fez o padre frei Diogo uma devota pratica, trazendo-nos á memoria os muitos trabalhos, de que Deos nos tinha livrado, e lembrando-nos a muita obrigação que tinhamos todos de fazermos dalli por diante vida exemplar. Daqui se foram todos buscar embarcação para se virem para Goa.

LAUS DEO

RELAÇÃO

DA

Viagem e successo que teve a nao capitania
Nossa Senhora do Bom Despacho
De que era capitão Francisco de Mello
Vindo da India no anno de 1630

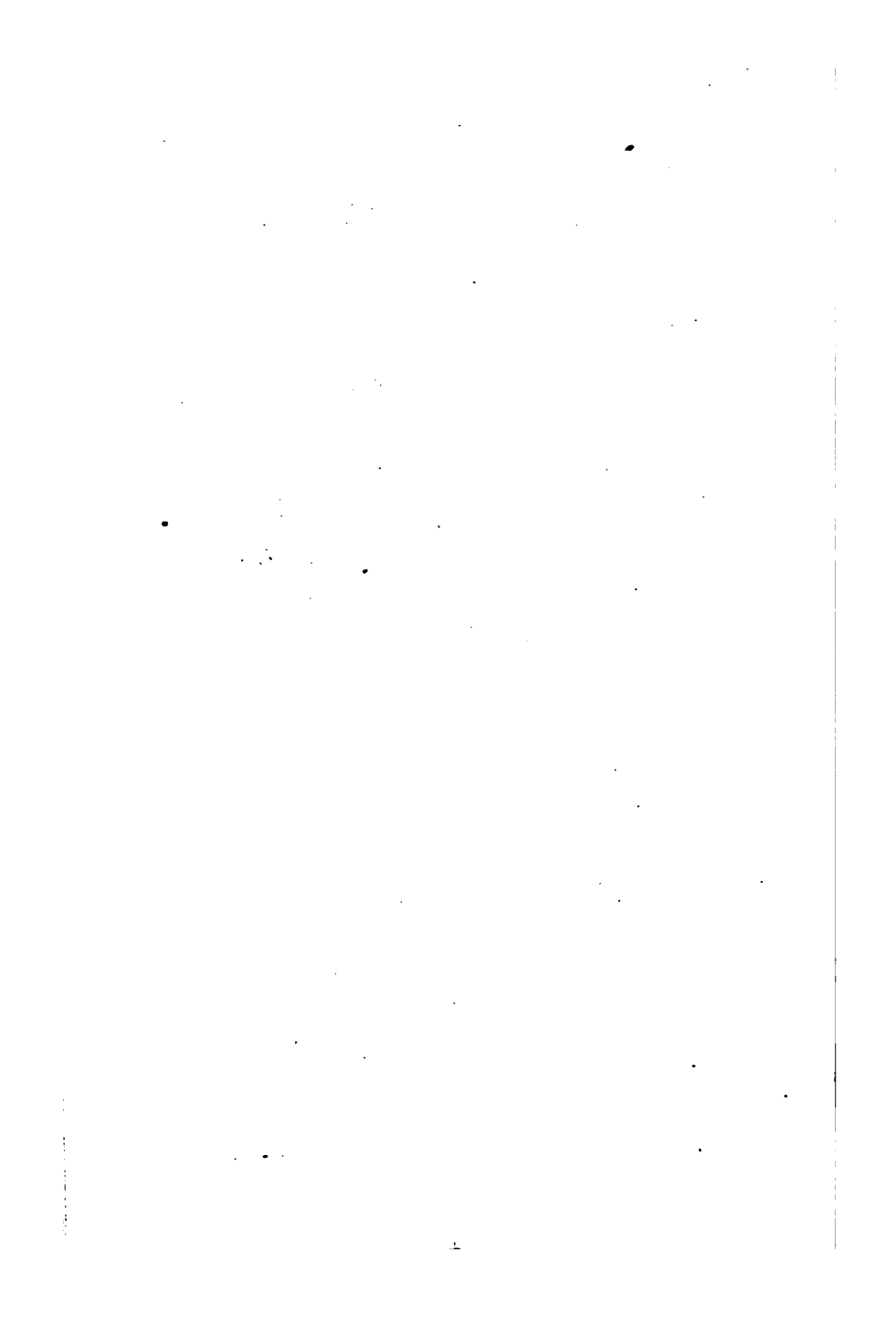
ESCRITA

PELO

PADRE FR. NUNO DA CONCEIÇÃO

Da Terceira Ordem de S. Francisco

LISBOA

Na officina de Pedro Craesbeeck
Anno de 1631

Relação do que passou a gente da nao Nossa Senhora do Bom Despacho, na viagem da India, o anno de 1630

Considerando as muitas naos, que se perderam varando em terra com a occasião de fazerem agua (sendo bastante motivo para desastrados naufragios) com que tantas, e tão extraordinarias perdas de gente, fazendas, e artelharia, tem recebido este reino acharem-se os passageiros com cinco, seis, oito, e nove palmos de agua, cujo trabalho foi causa de se desesperar do remedio, abrindo-se a porta a outros muitos maiores, com que todos acabáram a vida; me pareceo serviço de nosso Senhor, e conveniente ao bem publico escre ver esta relação do que passou na viagem da India a gente da nao capitania Nossa Senhora do Bom Despacho. Para que sirva no futuro de exemplo, e de se esperar com confiança nas misericordias de nosso Senhor, em semelhantes trabalhos, quando de nossa parte se acóde a elle (como nesta nao se fez) com grande christandade, e se não perde o animo, e acudimos á nossa obrigação com valor, e pouco medo dos perigos. Em

elle espero servirá fazerem-se notorias as razões, porque esta nao se salvou de muitas, que se virem em apertos por castigo de peccados se livrarem de naufragios, e fazerem felice viage, e Deos me é testemunha, que não deixarei de fallar verdade por affeição de pessoas, nem por encarecer o que se padeceo, e cumprirei com a obrigação de meu habito, pois só o que me move é o bem publico, e tambem do que escrevo ha as testemunhas vivas. E no tempo em que as cousas aconteceram não póde haver erro, porque me vali do livro do piloto Luis Alvares Mocarra, no qual assi por curiosidade, como por obrigação se escreve, o que passa todos os dias.

Partimos da barra de Lisboa a tres de Abril de 1629 annos, em companhia do conde de Linhares, que aquelle anno foi por Viso-Rei da India, e capitão mór Francisco de Mello de Castro das naos de viagem, que foram tres. Iam mais seis galeões para serv irem na India, os quaes por ordem de Sua Magestade aprestou no porto de Lisboa, o marquez de Castelrodrigo, e as naos, o conde de Castelnovo presidente da companhia por cuja conta se aprestáram. E por ser anno de Viso-Rei fazia o capitão mór officio de almirante: o Viso-Rei ia na nao Sacramento, o capitão mór na nao Nossa Senhora do Bom Despacho, e da nao S. Gonçalo capitão Antonio Pinheiro de Sampaio, que falleceo na viagem á ida. Os capitães dos galeões foram do galeão Santo Antonio, Luis Martins de Souza, do galeão S. Francisco, Pedro Rodrigues Botelho, do galeão Santiago, Francisco de Sousa de Castro, do galeão S. Bertholameu André Velho, do galeão S. Estevão Vicente Leitão de Quadros, do galeão Conceição André de Vasconcellos de Menezes.

A seis do dito mez se notificou o regimento de Sua Magestade aos capitães, pilotos, e mestres; pelo qual

mandava, que se não apartassem até a barra de Goa.

Aos dezasete amanhecemos sem a nao São Gonçalo, e perguntando Francisco de Mello ao piloto Luis Alvares a que rumo nos poderia ficar, respondeo, que a Loesnoroeste, e fazendo-se naquella volta, a descubrimos, e recolhemos.

Aos 16 do mesmo Abril entramos nas trovoadas de Guiné.

Aos 8 de Maio nos entraram os geraes.

A 12 do mesmo mez passamos a linha.

Dobramos os Abrolhos aos 27 levando já em toda a armada muitos doentes, e morrendo alguns, que depois vieram a ser muitos, assim nas naos, como galeões, tirando a nao Nossa Senhora do Bom Despacho, aonde não morreram mais que alguns negros, e dous, ou tres homens brancos: o que se atribuio á muita limpeza, que nella havia, porque tinha o capitão mór ordenado a dous soldados praticos, que com lenternas buscassem todas as semanas duas vèzes os ranchos, e aonde achavam immundicia obrigavam a gente do rancho a limpa-la, e tirava-lhe a reção daquelle dia.

E tambem foi grande soccorro muitos carneiros, que levou, que mandava se repartissem pelos doentes (de que se me deu cuidado) não sendo de menos effeito as diligencias, que os padres da companhia faziam acudindo a muitos soldados, e grumetes desemparados dos quaes sempre a porta da sua camara estava impedida, e com todos partiam sua matalotagem largamente. Iam nesta nao com o capitão mór em ametade dos seus gasalhados de popa dezanove padres, e por superior o reverendo padre Sebastião Vieira religioso de muitas partes, e tinha servido a Deos, e trabalhado na salvação das almas no reino do Japão, para onde tornava, e foram aqui de muita importancia, como

o são em todas as naos, que levam padres da companhia.

Ao primeiro de Junho vimos a ilha da Assumpção, uma das que chamam de Martim Vaz, e pelo mesmo rumo nos amanheceo muito a gilavento o galeão S. Francisco, de que era capitão Pero Rodrigues Botelho: chegando a elle lhe perguntamos, o que tinha, dissenos que não velejava por ir concertando o goroupez, que lhe quebrára aquella noite.

Aos 20 de Junho vimos o galeão S. Bertholameu de que era capitão André Velho pela popa da armada quatro ou cinco legoas, e chegando a elle trazia o mastro traquete quebrado: lançou-se por ordem do capitão mór o batel fóra, e acudiram-lhe com os officiaes que havia, e o concertáram.

Aos 27 do mesmo Junho abrio o galeão Santo Estevão muita agua, e assim a foi fazendo até altura de 35 graos. E em seis de Julho arribou a Angola, levando além da gente do galeão muita outra que para soccorro lhe foi das outras naos, do qual galeão senão soube mais. Entende-se, que não puderam vencer à agua, e se foram a pique, que foi uma grande perda pela gente que levava, artelharia, e dinheiro do cabedal d'el-Rei.

Aos nove de Julho ao romper da manhã vimos da nao almirante por nossa popa quatro naos, que julgamos serem de olandezes; fizemos os signaes do regimento, e o Viso-Rei virou a ellas com toda a armada, de que só tinhamos menos, o galeão Santo Estevão. Era o vento Sueste contrario a nossa viagem, e favoravel para seguir os inimigos. Estariamos do Cabo de Boa Esperança sessenta, ou setenta legoas, ganhamos-lhe o balravento, e as fomos entrando conhecendo-se notoria ventagem. A nao almirante se adiantou muito das mais, porque Francisco de Mello de Castro

se lembrou de mandar meter monetas, e içar de gavea. E mandou ao mestre Manoel Ribeiro Magrisso fizesse lestes a tolda, e convés, o que o dito mestre fez com muita diligencia, chamando a elle, e ao piloto, prometendo a cada um a escolha das melhores peças, que levava de prata, se aquella tarde abordassem com a capitania dos inimigos, e elles lho prometeram, e se confessou, e a mais gente da nao com muita alegria, e estando nós já perto da nao capitania, e contandolhe as peças tirou a capitania do Viso-Rei uma peça, e virou em outra volta, com toda a armada: A razão disto dizem, que foi vir a uma vista o galeão Santo Antonio; e querelo recolher, e tambem devia ser quebrarem as escotas da gavea grande da nao do Viso-Rei, e poder velejar menos. E Francisco de Mello não virou, porque lhe pareceo, que o Viso Rei não veria a tenção, que levava de abordar, e o estado a que reduzira os inimigos. E deixando-se ir em seguimento das naos, mandou disparar uma peça, e dahi a pouco outra indo a nossa armada já longe fazendo com isto sinal, que abordava a nao capitania, com a qual se achava muito empenhado. E o Viso-Rei respondeo com outras duas mandando-o recolher. As quaes logo voltámos e voltáram tambem os inimigos sobre nós, vendo-nos desacompanhados: dos quaes nos sahimos por ser a nossa nao melhor de vella, e aquella noite mudáram o rumo, e nunca mais os vimos. Na India soubemos, que não eram olandezes, senão inglezes; porque todas as quatro naos chegaram a salvamento a Surrate.

Deste encontro em que parece ambas as partes fizeram o que deviam um em não querer perder a ocasião de pelejar, e o outro em não arriscar uma nao da India em parte aonde a soccorreria tarde, tomou o demonio ocasião para os fazer suspeitosos (sendo dan-

tes amigos) e o Viso-Rei formou culpas a Francisco de Mello, pelas quaes, e por outras de que o informáram havendo que o deixára de soccorrer com amarras correndo as naos tempestade na barra de Moçambique, e que tambem sem ordem se apartára da armada indo daquelle porto para a India o prendeo no tronco chegando a Goa, e do processo, que a justiça formou consta a muita culpa, que teve quem deo ao Viso-Rei não verdadeira informação, por quanto se sentenciou, que o capitão mór cumprira inteiramente com o que devia a sua obrigação.

A 16 de Julho dobramos o Cabo de Boa Esperança, e porque aos 21 faleceo o piloto do Viso-Rei Aleixo da Mota mandou pedir ao capitão mór o sotapiloto Antonio Pereira, que logo lhe mandou, e porque o Viso-Rei fiava muito do piloto Luis Alvares, queria que todos os dias viessemos á falla para conferir o sol que tomava, com o que se tomava na sua nao.

E aos dous de Agosto nos deo uma terrivel manga, e já que chegamos a este passo, quero declarar o que isto é para os curiosos, que não viram, porque muitos homens, que se embarcáram muitas vezes não tiveram occasião de a verem. Não é esta manga daquellas, que parece tomam agua do mar, que nesta viaje da India se vem muitas vezes; mas é de mui differente natureza; porque não decem do ar, senão levanta-se no mar uma onda como aquellas, que fazem junto das praias, e vae correndo para uma parte trazendo comsigo furioso vento em redimoinhos, de maneira que trata mui mal qualquer embarcação, que encontra, e a nao que a vê ao mar longe vir para onde ella está amaina as vellas com muita brevidade.

Isto não pudemos nós fazer na occasião, que digo da manga, que vimos, e com passar de modo, que muita parte della tocou na nossa almiranta, e no galeão

Santo Antonio, e em outro galeão, que ia com nosco á fala, quebrou o mastareo grande ao galeão Santo Antonio, e o mastareo tambem grande a almiranta, e ao galeão S. Bertholameu esteve soçobrado, e da nossa almiranta lhe vimos a quilha, e o que mais é de espantar foi, que indo as vellas dadas não quebrou o mastareo da almiranta para diante, senão que troceo, e ficou quebrado em pedaços dentro na gavea.

Os curiosos podem praticar a filosofia deste segredo, e dar muitas graças a Deos se o entenderem: foi isto na terra do Natal em paragem de trinta e tres graos, e na almiranta se fez logo outro mastareo dando ordem a isto o mestre Manoel Ribeiro, que para estas cousas é diligentissimo.

E vendo o capitão mór, que no galeão Santo Antonio se não tratava de mastareo havendo já sete, ou oito dias, que o não trazia, e que por sua causa vinhamos amainados, e o Viso-Rei se enfadava de maneira, que começava a velejar, mandou deitar o batel fóra com o mestre Manoel Ribeiro, e dezaseis marinheiros, e cinco carpinteiros, e entrando todos no galeão Santo Antonio foi admiravel a presteza com que lhe botaram acima o mastareo, e lhe fizeram gavea, que tambem lhe tinha quebrado, e assim veio seguindo a armada: de que o Viso-Rei se mostrou mui satisfeito.

Aos dezasete de Agosto vimos a ilha de São Lou-[illegible] e desta paragem disse o piloto Luiz Alvarez escrevera ao Viso-Rei a derrota, que haviam de levar para que não fossemos cair sobre a lagem de Mogincale, com a qual derrota parece senão conformou o piloto do Viso-Rei; do que se queixava o dito Luis Alvarez até que fomos ao lugar que se temia, e surgimos mui perto da dita lagem, estando com grande

perigo a capitania e almiranta, nesta paragem se apartou de nós o galeão Santiago, de que não soubemos mais.

Daqui fazendo-nos na volta do mar, que era o que o piloto Luiz Alvarez sempre disse fomos em dous dias a Moçambique aonde estivemos surtos dez dias, o Viso-Rei esteve em terra visitando a fortaleza, e dando ordem a tudo o que convinha, que devia ser confórme ao que Sua Magestade lhe ordenava, e o capitão mór assistio no mar.

A tres de Setembro partimos de Moçambique desconfiando já os pilotos de passarmos á India por ser tarde.

E a quinze do mesmo vimos a ilha do Comoro toda a armada em conserva, menos os dous galeões, que tenho dito, e com mais seis pataxos de Moçambique, que levavam páo preto, ouro, e marfim, e em altura de qnatro graos e meio da banda do Sul. A vinte de Setembro indo a nossa almiranta a gilavento da nao do conde Viso-Rei, em distancia de tres ou quatro legoas, amanhecemos sem ella por quanto os officiaes da nao Sacramento tomáram as vellas, e mudáram o rumo de noite, e devia ser sem ordem do Viso-Rei, porque não é possivel não quizesse guardar conserva, e assim o costumam as naos, que mudam rumos em fazer sinal, querendo-se apartar, e bem se mostra, que os officiaes tiveram a culpa, e não o Viso-Rei, pois a dão ao capitão mór, e officiaes da nao capitania, e mais embarcações, que se derrotáram (o que elle não fizera se disto o advertiram). E perguntando-se ás embarcações que achavamos, pela nao do conde Viso-Rei; todos disseram ia pela proa, com o que velejamos, e nunca mais a vimos. E porque o capitão mór não tinha ordem do Viso-Rei por escrito, nem por recado de uma junta, que diziam fizera de pilotos, em que o

Viso-Rei por ser tarde dissera, que não havia de esperar por nenhuma nao: confórme ao regimento de sua Magestade chamou a cónselho, e resolveo-se, que fossem demandar a barra de Goa com muito resguardo, na fórma do regimento, e assim se fez chegando de noite a Bardes, e amanhecendo entre os Reis Magos, e Nossa Senhora do Cabo (terra que o piloto sempre disse levava pela proa). Alli mandou passar a bandeira ao mastro grande, e por estarmos em calma se disparou uma peça, ao que acudiram algumas fustas da armada, que andava fóra, e deram reboque á nao, e em breve espaço se foi cubrindo o mar de embarcações, alegrando-se muito aquelle Estado, com as novas que lhe demes de Viso-Rei, e do soccorro de galeões, gente, e dinheiro.

Dahi a oito dias chegou o Viso-Rei tendo já chegado a nao S. Gonçalo, e o galeão Santo Antonio, e um pataxo de Moçambique. Mandou o Viso-Rei prender algumas pessoas a titulo de se apartarem delle, e o principal, e primeiro, que prendeo o ouvidor geral Luis Margulhão Borges: foi o capitão mór Francisco de Mello. Esta é a relação abreviada da viagem para a India. Resta darmos conta da torna viagem, que foi o intento com que a escrevemos. E posto que se diz vulgarmente, que é alivio contar trabalhos passados, estes foram de qualidade, que a memoria os aborrece pelo temor com que os representa. Seja nosso Senhor muito louvado, que permittio, que os contassemos em Lisboa, e que chegasse a ella uma nao, que tantas causas teve de se perder.

Partimos de Goa a quatro de Março da era de 1630 a nao Nossa Senhora do Bom Despacho capitania mui carregada, e avolumada inclinada á parte de bom bordo. O contramestre Manoel Cacho se desculpava, e os guardas, dizendo, que não puderam defender o fato,

e fardos de canella, que de dia, e de noite se metiam por todas as partes da nao. E quanto a ir pendente á parte de bombordo dizia o contramestre, o fizera de industria, porque daquella parte havia de ir a nao aberta depois o mais do tempo; (chama-se o ir aberta ir amurada) e outras razões, que pareciam de receber. O capitão mór se queixava, que não tivera tempo para assistir ao concerto, e carga das naos pela dilatada prisão em que estivera, e que lhe não aproveitára lembrar o miseravel estado, em que o obrigáram a se embarcar, que pedira a nao nova Sacramento apresentando uma provisão d'el Rei para escolher nao, e que lha não guardáram. O mestre, e piloto tambem diziam, que com a prisão em que o Viso-Rei os tivera estiveram impedidos para acudir á nao, e que a companhia a sobrecarregára com arroz, e vendera curvas, que se não costumam vender; antes El-Rei as dava a soldados, que se vinham despachar a este reino, e não vinham com fazendas pezadas (disculpas, que não remediavam o mal presente.) Veio o conde Viso-Rei a bordo da nao capitania, e entregou as vias ao capitão mór, e mandou, que desamarrasse, e sem embargo de que o mestre Manoel Ribeiro lhe disse que aquella nao não estava para partir, tornou o Viso-Rei a mandar que o fizesse, e passando pelas outras naos deu a mesma ordem.

Desamarramos como tenho dito a quatro de Março: Passamos a equinocial a vinte um do mesmo. Aos desoito do mez de Abril em altura de dezasete graos foi a primeira tromenta, que tivemos: sendo assim, que dizia o piloto, nunca alli a houvera, senão ventos geraes.

Estavamos tanto avante como os baixos dos grajaos, era de noite, virou a capitania na volta de Leste em papafigos com a vella de gavea grande dada,

a respeito de estar mui perto do baixo, e temia dar nelle por haver já muitos sinaes em esta sangradura, abrio a nao cinco palmos de agua.

Aos oito de Maio em altura de 28 graos nos rendeo o goroupes pelo papa mosca, e lhe gorniram um aparelho a que chámam cabresto deitando-lhe umas someas. Neste dia alguns officiaes requereram ao capitão mór arribasse a Moçambique.

Aos 23 do mesmo Maio em altura de trinta e um graos nos abrio a nao capitania nove palmos de agua, com grande tromenta do Sudueste, e grande mar de proa, com que alojamos ao mar muita fazenda. Arrombáram-se os paioes da pimenta, e se entupiram as bombas, e com se alojar sempre da parte de bombordo, não se endireitou a nao, antes veio sempre como partio de Goa. Mandou o capitão mór alguns officiaes a ver a nao, e disseram que fazia agua por muitas partes, e que lhes parecia arribassem a Moçambique, e que quanto mais sedo melhor seria. A isto respondeo o capitão mór em publico, que lhe parecia bem o que diziam, mas que estavamos perto do cabo, e em conjunção de lua, que deviam esperar o effeito della, e se o tempo entrasse em nosso favor dobrariamos o cabo, e se fosse contra nós arribariamos em popa, e todos se conformáram com este parecer.

Aos vinte e quatro do mez de Maio mandou o capitão mór á nao S. Gonçalo, que deitasse o batel fóra, e nelle pedir a ambas as naos pastas de chumbo, estopares, e candeas, porque já na capitania tinhamos disto o que traziamos gastado. E sendo este provimento tão necessario, e de tão pouco custo até isto nos faltou, e dellas lhe mandáram o que puderam.

Aos doze de Junho em altura de trinte e cinco graos corrêndo a costa do Cabo de boa Esperança nos sobreveio de noite um grande temporal de Noroeste, ou

Esnoroeste, com que a nao capitania abrio vinte e dous palmos de agua, e amanhecendo o dia de Santo Antonio com todas as naos á vista não pudemos fallar com nenhuma pelo tempo ser muito, e julgando já que não havia remedio fomos buscar a terra para encalhar, alojando por todas as partes, de dia, e de noite, trabalhando a ambos cabrestantes, com seis gamotes, e ambas as bombas, que já tinhamos lestes, e com tudo isto a nao se nos ia a pique ao fundo, foi Deos servido, que amanhecesse, porque se o dia tardára mais meia hora a nao se perdia em um baixo sobre o qual esteve, o qual distaria uma legoa de terra. Lançavamos fóra cada vinte e quatro horas feita a conta pelos gamotes, mais de quatro mil pipas de agua, corriamos com um traquete a meio mastro, e amanhecemos a quatorze do mesmo mez, sem alguma das naos da nossa companhia. A razão porque se apartáram deixando-nos em tanto perigo devia ser urgente; pois o contrario fora uma inhumanidade, que senão podia esperar da nação portugueza mórmente, que a nao Sacramento nos tinha grande obrigação, por quanto ella foi causa das miserias que padecemos. Quebrou-lhe o mastareo, e com esta falta velejava pouco, e o capitão mór por mais que a gente desejava, que a deixasse, nunca o consentio, e veio amainando esperando por ella muitos dias, sem os officiaes o concertarem, mandando-o o capitão mór diversas vezes, e sem este impedimento dobraramos, e faltaram as tempestades, que com a demora nos alcançaram.

Nesta nau Sacramento tinhamos nosso remedio para que a gente se salvasse no ultimo tranze, pelo que foi este para todos um triste dia. O capitão mór nos consolou, e animou muito á sua custa, porque nunca o viram dormir assistindo de dia, e de noite, hora em um, hora em outro cabrestante, e pondo o peito á

barra como qualquer grumete, o mais que fazia para descançar era deitar-se em cima de uma taboa no convez, ou sobre um caixão na tolda junto ao cabrestante, e foi mercê de Deos, porque quando começou o trabalho vinha doente, e pedindo-lhe os amigos que senão levantasse o não quiz deixar de fazer, e cobrou inteira saude, e com seu exemplo todos trabalhavam.

Nas mulheres havia muitas lagrimas, e suspiros, e parece tocavam o ceo, e havia uma tão grande confusão, e tão geral, que receavam os homens de fallar uns com os outros por não ouvir peores novas, e as que se davam eram taes, que cada um fazia conta, que a melhor sepultura que podia ter seria a area da praia, e esta era a maior consolação, que cada um tinha quando viamos a terra, e cuidar, que nella dariamos; e muito pudera nesta parte alargar-me, mas minha tenção como já disse é ser breve, e contar a verdade do que passou. O mestre Manoel Ribeiro ajudava muito ao capitão, e com grande cuidado e deligencia acudia a todas as partes, indo muitas vezes de dia, e de noite, com lenternas ás camaras, porão, ao qual Manoel Ribeiro tinha o capitão mór ordenado, que tudo o que se achasse de perigo, só a elle o dissesse por não desmaiar a gente, promettia o piloto, que ao outro dia, que eram quinze do mesmo mez veriamos terra, e que buscaria bahia em que a não encalhasse, ou se remediasse: foi assim, que amanhecemos muito perto com a terra, e ainda com a mesma tormenta fomos correndo a ribeira sem achar bahia, e nisto estava o nosso remedio, que se entravamos em a bahia segundo a gente estava turbada do estado em que se via sem duvida varára a nao.

A 17 de Junho se assentou fossemos correndo a costa para o Cabo de boa Esperança, que assim convinha para algum remedio de salvar as vidas, e que

crescendo a agua mais encalhariamos a nao, e iriamos demandar pòr terra a aguada do Saldanha aonde todos os annos vão naos de olandezes, ainda que inimigos era esperança de remedio; está esta aguada trinta legoas do Cabo, e nella a mãos de cafres succedeu a morte do grande D. Francisco de Almeida Viso-Rei da India.

Aos 24 de Junho dia de S. João estando dez legoas do Cabo de Boa Esperança de noite nos sobreveio um rijo temporal. Virou a nao na volta de terra com dezoito palmos de agoa: foi o piloto buscar uma bahia, que estava da parte de leste do cabo das agulhas distante cinco legoas.

Alli tomamos a agua, e calafetamos tudo o que se pode descubrir: andamos dentro desta bahia, ou enseada dous dias, e posto que muita gente pedia ao capitão mór, que mandasse surgir com a nao, o não quiz fazer, e do mesmo parecer foram o mestre, e o piloto, os quaes disseram, que nunca nao surgira naquellas paragens, que tornasse a sair dellas.

Cinco soldados da India vinham nesta capitania, nos quaes ainda senão fallou, porque nos occupamos em muitas cousas, e não porque não mereçam fazer se delles muita memoria. Era um delles Jorge da Silva, que com muita diligencia trabalhou sempre andando muitas vezes de noite, e de dia ao cabrestante descalço, porque a agua era muita no convez, que por cima das entenas lançava o mar grandes golpes de agua, e pelas dalas das bombas, as quaes haviam mister concertadas muito a miudo. As cubertas se apartáram tanto dos trinquanis, que a agua que pelas dalas se despedia tornava a cair dentro na nao, e as bombas andavam tão gastadas, que todos os dias, ou os mais delles se concertavam, e suspendiam, ou tiravam de todo. Jorge da Silva trabalhava como tenho dito,

e assistia á alojação com muito cuidado conforme as ordens do capitão mór, e o mesmo trabalho, e cuidado tinha outro dos cinco a que chamavam Manoel de Sá. Outro era Manoel Pereira de S. Miguel, dos quaes todos faziam muita conta pela diligencia com que acudiam. O outro era Christovão Paes, que com a mesma diligencia de dia, e de noite acudia, acompanhando-os tambem João Rodrigues da Cunha, que não com menos diligencia, e cuidado trabalhou sempre.

Aos 26 do mesmo Junho tornamos a partir desta enseada, levando a proa no Cabo de Boa Esperança.

E aos 29 dia de S. Pedro nos deu uma tormenta com tanto impeto, que andando nós junto ao Cabo nos fez arribar na volta de terra tornando a nao a fazer vinte e dous palmos de agua. Chegando junto à ella abrandou o vento; e o que ventava era pela proa. Assim andamos quatro, ou cinco dias até que Deos foi servido que o vento foi mais largo, e viemos correndo a costa até o cabo falso, e muito perto delle passamos com vento de servir. Fomos correndo como digo esta costa até o Cabo de Boa Esperança aonde estivemos em calmaria defronte delle como duas legoas de terra, e pelo ponto do piloto Luis Alvares diz que tornou arribar tendo-o já passado, e nos meteo outra vez da banda de dentro estando já dez ou doze legoas da parte de fóra: foi este temporal a prima noite, e trazia a nao a vinte palmos de agua, e foi crescendo de maneira, que indo abaixo muitos officiaes correndo as camaras, contaram que se ia ao fundo a nao naquella volta, e querendo virar em outra requeria o mestre, que o não fizessem, porque havia de quebrar o mastro grande, e que esperassem que saisse a lua para ver se aplacava a tormenta. Ella era tal, que poucos se lembravam de outra semelhante. A isto disse o capitão mór, que pois naquella

volta não tinham remedio virassem na outra, e assim se houve de fazer. Permitta nosso Senhor, que nunca homens christãos, e principalmente portuguezes se vejam outra vez nas agonias, e afflições, em que nos vimos.

Ao virar da nao deu tres balanços com que poz as gaveas no mar: o mastro grande esteve de todo quebrado, e tanto por milagre escapou, que quando depois neste porto de Lisboa o quizeram tirar se fez em dous pedaços, levou-nos as vellas, quebraram-se as escotas, e não ficou homem do mar dos bons digo, que os outros estavam escondidos, que aquella noite não ficasse ferido, ou de cabos que lhe deram, ou de patescas, que cahiram, ou de leme, que os arremeçava com grandes pancadas. Acharam-se nove marinheiros naquella noite escondidos, e querendo depois o capitão mór enforcar dous delles para exemplo dos mais, tal foi o segredo, que houve entre a mesma gente, que nunca por diligencias que fez pode saber quaes eram, mas nem isso lhes aproveitára se o tempo não fora tão apertado. Puzeram um crucifixo grande atado ao mastro da mesena, e com lagrimas e suspiros ao outro dia a gente de joelhos lhe pedio misericordia: tiraram-se grandes esmolas, e fizeram-se grandes promessas: as bombas já não se buliam, e só se trabalhava com seis gamotes a ambos os cabrestantes. Descubrimos uma bahia junto ao mesmo cabo das agulhas cousa de uma legoa, terá de boca tres á parte de Leste, e dentro em fórma de meia lua occupava espaço de cinco, seis legoas, tem 19, 20, 30 braças de fundo, e nella estivemos em calma sem nunca surgir.

Por não fazer esta relação muito dilatada, não digo pelo miudo quantas vezes o capitão mór foi requerido que largasse a nao, e desse lugar a que a gente se salvasse em terra, hora por officiaes da mesma nao,

hora por religiosos, que nella vinham, aos quaes a gente pedia lhe trouxesse recados, e destes alguns se escusavam dizendo, que semelhantes recados não eram para o capitão mór, de que posso ser testemunha: porque se me deram muitas vezes, e me escuzei pela razão que digo, por conhecer a natureza do capitão mór.

Tambem o padre Mathias de Sousa da Companhia de Jesu, era importunado com os memos recados, e se escusava, e muitas vezes ia de noite com o mestre a ver a agua que fazia a nao pelas camaras, e porão; em o que havia de perigo tambem guardava segredo, e acudia aos necessitados com boa vontade com o que trazia, e um companheiro seu, com grande cuidado acudia aos cabrestantes, e trabalhava nelles como os mais.

Já neste tempo se tinha perdido a agua doce do porão, que foi grande perda, e com a que alguns homens traziam nas camaras se remediava a gente a qual era muito pouca; porque na India senão deu gente para defender a nao, e assim só trazia a da obrigação della, e no contar da gente para repartir os quartos costumava dizer o capitão mór (pondo a mão no peito,) aqui estão cincoenta homens. E isto dizia por graça, mas eu o escrevo de sizo, porque tinhamos nelle mais dos que dizia.

Vinha tambem na nao um religioso de nosso padre São Francisco chamado frei Estevão do Espirito Santo de grande exemplo, que nos foi de muita importancia trabalhando por sua pessoa, e animando a gente com suas prégações, e soccorrendo os que trabalhavam com matalotagem de uma irmã sua que vinha na mesma nao, e tinha seu marido na corte, e trazia comsigo uma dona viuva de muita qualidade, e outra tambem viuva, pessoa muito honrada, estas, e outras, que mais vinham na nao casadas, era grande

lastima ouvi-las, porque com muitas lagrimas diziam muitas magoas, e tinham causa, tanto pelo estado da nao, como porque os marinheiros, que vinham ao governo na bitacola tratavam do muito perigo em que estavamos, o que ellas tudo ouviam por virem nos gasalhados de popa. E como havia muitos dias, que se não acendia fogão pelos grandes balanços, que a nao dava, e porque todos andavam ocupados com a alojação, e gamotes. Estas senhoras tinham cuidado de acudir aos enfermos com amendoadas, e doces, e dando o tempo lugar mandavam ao fogão, e acudiram até ao capitão mór, que se não lembrava de si, e todo o mais tempo que lhes sobejava gastavam em fazer estopa com as mais mulheres que vinham na nao dos cabos, que o mestre para isso lhes dava, com a qual reparavam os calafates muitas aguas por cima, e na verdade se isto não fora nos iamos a pique; porque cada dia abria a nao muitas aguas por differentes partes, e ainda as mesmas, que se tinham tomado tornavam a deitar outra vez a estopa fóra, tanto que a nao jugava, por vir toda desconjuntada, e tanto o estava, que não podendo dar toda a estopa, que era necessaria remediavam os calafates esta falta com tiras de beirames, e meadas de algodão. Estavam tão abertas as costuras da nao, qne em mui pequeno espaço levava a nao meio beirame, e em partes duas meadas de fiado de algodão, e neste estado em que nos viamos fazia tambem o demonio seus lanços; porque entre alguns officiaes havia odios, e um delles pedio muitas vezes ao capitão mór mandasse prover o seu apito em outrem, porque se sentia doente o que lhe não quiz conceder até que neste tempo disse que queria tratar de sua alma, e o entregou, e tudo pedia o aperto.

O capitão mór o proveo em Estevão Rodriguez

guardião, que tinha servido nestes trabalhos com grande cuidado, e os sofria com bom animo, como quem se achára em muitas occasiões principalmente com Nnno Alvares Botelho nas pelejas, que teve em Jasques, com inimigos de Europa, de que o dito Estevão Rodriguez teve muitas feridas, e posto que o official que digo entregou naquelle tempo o apito não deixou de acudir sempre ao cabrestante, e servio como qualquer dos outros, e o capitão mór o chamava aos conselhos por ser homem de muita experiencia, e depois do trabalho passado, o tornou a admittir ao seu cargo.

As vezes que arribamos ao Cabo de Boa Esperança foram mais que as que tenho dito, e por não causar pena isto ler não escrevo muitas circumstancias, que passaram, quatro, ou cinco conjunções de lua nova, e cheas, que tivemos no Cabo de Boa Esperança, e todas esperou, e a mais da gente confessada por serem terribeis as tormentas com que vinha, e todas por proa.

Na bahia em que entramos, como tenho dito se calafetou a nao tomando a agua por dentro, e por fóra com homens embalçados. E vencendo a agua por toda aquella costa se matava muito peixe muito bom, que foi grande refresco para a gente, a qual andava já quasi cega da fortidão da pimenta, e principalmente grumetes; foi Deos servido que não houvesse perigos, nem trabalhos, que a gente desta nao não tivesse, e passasse, e foi de grande confusão, e espanto, estando a prima noite, o capitão mór com o mestre, e eu em sua companhia junto ao cabrestante do convés dando aos gamotes veio um pagem da nao pela escutilha de proa, que era por onde se serviam com a alojação, chorando, e dando gritos, e dizia, fogo na nao, fogo na nao.

Nova foi esta que de todo quebrou o coração a todos, deixáram os cabrestantes, acodio o capitão mor,

com cuja authoridade se deteve a gente, dizendo elle, que o fogo não podia ser muito pois estava a gente toda acordada, e ainda então se sentira, e virando-se para o mestre lhe disse. Mestre ide abaixo, e acudi áquelle fogo; em este estado deu o contramestre ao apito, e disse, agua abaixo. Acudio a gente como a necesidade requeria, mas tão perturbada, que cuidando muitos levavam agua se acharam com barris de carne, e de peixe: e outros acudiam ao batel, e outros diziam que o fumo era já tanto em baixo, que se não podia esperar. E certo que em uma occasião destas se representa o dia do juizo. Em este interim subio o capitão mór pelo cabrestante acima, e subio á xareta aonde a mais gente da nao estava junta, requerendo ao piloto, que virasse na volta de terra, e a começavam a marear, quando o capitão mór disse em voz alta, boa viagem, duas vezes, e acabando elle de dizer estas palavras o tomáram todos com grande alvoroço nos braços dando o perigo por acabado, levantando-o no ar, como a opositor na Universidade de Coimbra, dizendo-lhe que só elle era o que dava allivio a todos em tantos trabalhos, e assim se quietou toda a gente acudindo cada um á sua obrigação. E ainda depois disto chegou recado do mestre ao capitão mór, que o fogo era já de todo apagado. Não conto aqui a razão que houve por onde o fogo se ascendeo na nao, por não cançar a quem o ler, e não é de espantar acontecesse este desastre, havendo em todas as cubertas candeas, e buscando-se com ellas de contino a agua.

Nas bahias em que entravamos era muito para ver o modo de pescar de mangas de veludo, que são passaros muito alvos, e fermosos com as pontas das azas pretas, os quaes se levantavam em bandos, e de alto se deixavam cair no mar, penetrando as ondas como se-

tas, e assim tomavam o peixe, e ver isto pudera divertir a quem tivera cuidados de menos peso.

A 6 de Julho deixámos esta bahia, e chamando todos pela Virgem Nossa Senhora do Cabo, e pelas chagas de Christo, e promettendo-se grandes esmolas foi Deos servido, que passassemos o Cabo de Boa Esperança a dez de Julho, e a onze do mesmo lhe demos a boa viagem.

Abraçaram-se uns aos outros com lagrimas, dando muitas graças a Deos por tamanha mercê. Abrio o capitão mór o regimento de Sua Magestade, estando presentes os officiaes da nao, e o escrivão, e posto que nelle mandava senão tomasse terra, e sendo disso forçados, fosse á ilha de Santa Elena, se assentou por todos arribassemos a Angola, e que seria mercè de Deos se a pudessemos tomar pelo estado da nao, e pela pouca agua doce que trazia (porque como já disse toda a que vinha no porão se perdeu) de que se fez termo que todos assinaram.

A 12 de Julho nos deu uma tormenta de noite de vento Sul, em altura de trinta e dous graos, e com ser em poupa tomou a nao dezanove palmos de agua, e maior perigo foi, que a madeira das pipas arrombadas correo as escotilhas, e não puderam laborar os gamotes. A agua que crescia com os grandes balanços da nao corria com tanta furia de um a outro bordo, que era cousa temerosa de ver, e ouvir o rugido, que trazia. Deitaram-se pelas escotilhas muitos homens, embalçados, e com piques pregavam a madeira ao passar de uma para outra parte, e de mão em mão a passavam com tanta diligencia, que tornaram os gamotes a fazer seu officio, e assim fomos sustentando a agua até o cabo negro, passando primeiro pela agua de Saldanha defronte da qual vimos um ilheo da feição do palheiro do campo de Santarem. O piloto Luiz

Alvarez, em todos estes trabalhos não deixou a sua cadeira por chuvas, nem frios, que naquella região eram extraordinarios ; o mestre Manoel Ribeiro acudia não só ás cousas de seu officio, mas a tudo o que lhe parecia necessario : o sotapiloto Antonio Pereira, posto que não fallei ainda nelle, bem merece muito louvor, porque não só no que estava obrigado acudia, senão aos gamotes assistia sempre dando ordem, e trabalhando continuamente, e foi muito de notar a pouca gente, que morreo nesta nao, pela muita caridade das pessoas, que nella vinham, e cuidado dos religiosos, tres do nosso padre São Francisco, e dous da Companhia.

O estado em que esta tormenta deixou a nao foi miseravel como logo direi, e entre a muita fazenda que se botou ao mar foi muita quantidade de canella, e com ser boa parte do capitão mór da que lhe ficou repartio alguns fardos a grumetes pobres, e só a um homem, que perdeo toda a que trazia, deu doze quintas. E posto que sei que não fez isto para que se dissesse me pareceo justo que se escrevesse.

Tanto que chegamos ao cabo negro como tenho dito começamos a vencer a agua por ser o mar mui brando mas não de maneira que nos descuidassemos dos gamotes. Esta ultima tormenta nos levou a vélla grande, e cevadeira, e porque vou abreviando não conto por extenso as muitas vezes, que reformamos as véllas feitas em pedaços : ficamos só com o traquete sem escotas, que para as passar ficáram feridos dez, ou doze marinheiros os melhores, que a nao trazia, e assim foram servindo as amuras por escotas. Ao tempo que o vento levou a vélla grande ficaram nas relingas de uma, e outra parte cinco, ou seis panos, e pelo meio passava o vento ao traquete de proa, e assim foi muitos dias governando a nao, e com grande magoa se via o lastimoso estrago, que o tempo

nella tinha feito, e a dezaseis do mesmo Julho em altura de vinte e cinco graos metemos a vélla grande, que até esta paragem a não pudemos meter; porque traziamos toda a gente occupada com os gamotes.

Aos dezasete do mesmo nos arrebentaram as estagas, e veio a vélla grande abaixo, que se nos afigurou que cahira o ceo sobre o mar, sem que matasse, ou ferisse pessoa alguma havendo tido o dia dantes em si quarenta homens ao metter da vélla, e costumando a estar sempre gente assentada, ou encostada no prepao: foi cousa que se teve por milagre, quebrou a verga em tres pedaços, e do maior recorrendo-se os penoes fizemos uma verga pequena, que servio para um traquete, e assim fomos a Angola, aonde chegamos a cinco de Agosto da era de 1630.

Avisou logo o capitão mór ao governador, que então era Fernão de Sousa, o qual foi á nao com muitos pilotos, e outros officiaes, e muita gente para os gamotes. E tomando-se o parecer de todos assentáram, que se descarregasse a nao, e se lhe dessem pendores, e de tudo se fizeram autos, porém despois de descarregada não bastáram os pendores; porque abrio de novo pela quilha uma grande agua, com a qual a mais da gente era de parecer que não convinha arrisca-la outra vez a fazer viagem, porém a instancia do capitão mór se lhe deu querena sendo o piloto do mesmo parecer, e outros posto que poucos.

Depois da nao descarregada esteve no porto muitas vezes quasi perdida principalmente na querena, porque por vir por muitas partes aberta pelos altos tomava muita agua.

Antes de dar querena mandou o capitão mór armar uma tenda na praia do Penedo da Cruz, que distará da cidade de Loanda meia legoa, lugar que a gente da terra tem por muito doentio aonde esteve

em quanto a nao deu querena, e dalli mandava muitas pessoas todos os dias á cidade pelo que faltava confórme aos avisos que tinha do mestre, que estava na nao, e dava ordem ao amaçar de galagala, e ao coser do breu, que sem estas diligencias fora impossivel tornar a nao a este reino, e eu sou testemunha, porque o acompanhei das onças, e grande cantidade de lobos, que de noite vinham ter com nosco.

Era isto sendo já governador Dom Manoel Pereira Coutinho, e ainda no tempo de Fernão de Sousa descarregamos a nao, e a fazenda se meteo nos almazens de Sua Magestade, dando o mesmo Fernão de Sousa ordem a que a roupa, que vinha molhada da agua salgada se repartisse pelos moradores para a mandarem lavar, porém ella em grande cantidade vinha em estado, que com todos estes beneficios teve pouca melhoria, e não só nisto mostrou Fernão de Sousa muita diligencia, e zelo do serviço de S. Magestade; porque havendo de vir para este reino, temendo a gente embarcar-se na nao pelo estado em que estava, elle quiz vir nella, tendo um navio muito bom, e com artelharia, que por ordem de Sua Magestade lhe fora fretado d'este reino, em o qual foi o novo governador Dom Manoel Pereira, que acabou uma cousa tamanha como foi a querena, concerto, e carga desta nao, de que ao governador Dom Manoel Pereira, se deve muito louvor.

O dia que a nao mostrou a quilha, se achou presente a principal gente da cidade, e todos se admiravam da grande maquina de uma nao da India, e com muita razão por serem estas as maiores embarcações, que navegam o mar, porém como a nao estava aberta por tantas partes, assim do muito que tinha trabalhado como do sol de Angola, que é terrivel, o dia que metteu a bordadura na agua, e mostrou a

quilha esteve perdida; porque a gente que trabalhava com o calhao no porão ouvindo dar um grande estalo de madeira, que com o peso da nao arrebentou, e ouvindo tambem dizer vai se a nao ao fundo, deixando o que faziam todos, começaram a subir pelas escadas, e o mestre Manoel Ribeiro se atravessou diante delles pedindo-lhe não desemparassem a nao dEl-Rei: mas tal foi a furia da gente que o derrubaram, e trataram muito mal por querer sustentar o peso da gente. Meteo-se o capitão mór em uma canoa, emborcação de um só pao, a qual era de um negro pescador, mas só cabia nella o negro, que a remava com um remo, e elle chegando á nao se meteo dentro nella animou a gente a que continuasse com o trabalho, e assim o fizeram. Entrou a poz o capitão mór o sindicante Fernão de Mattos, que é grande servidor dEl-Rei, e Dom Manoel Pereira, neto do governador, e com isto se segurou a gente, e se deu a primeira querena naquellas partes, e permita nosso Senhor seja a derradeira, e que a ellas não chegue outra nao em tal estado.

Despois de começar a tomar carga esteve algumas vezes com muito perigo pelas trovoadas, que ha naquelle tempo, e naquelle porto, principalmente uma noite que sobreveio uma trovoada muito rija, e que durou mais que as outras: achou-se a nao com pouca gente por andar em terra ocupada em muitas cousas, mas achou-se dentro nella o capitão mór, que antes que a nao endereitasse da querena se foi para ella, e a não deixou até estar de vergadalto, foi tal a trovoada, que digo, que não havia remedio para passar uma candea de popa a proa, e só se pode sustentar dentro de uma quarta, que servia de agua. O guardião Estevão Rodrigues fazia o officio de contramestre, estava sempre na nao, e trabalhou muito

aquella noite com os poucos marinheiros que comsigo tinha. Tinha a nao ao mar duas amarras, e a que estava da parte da ilha, portando muito por ella arrebentou, e veio caindo para a parte de pouco fundo, e chegou a estar em quatro braças, e alguns marinheiros affirmavam que nelle tinha posta já a quilha, e parecendo ao capitão mór, que não podia isto ser pela nao estar só em lastro a mandou alar ao cabrestante para mais fundo, e disparar duas peças, que ouvindo-se em terra julgaram serem do navio em que fora o governador Dom Manoel Pereira, e assim acudiram a tempo, que já a gente da nao a tinha fóra de perigo. Deitou-se outra anchora no batel, que a largou da parte do mar, e alando-se ao cabrestante ficou a nao em doze braças onde tomou a carga.

E antes que diga da partida deste porto para o reino me veio á memoria que no tempo de nossos trabalhos, antes de dobrarmos o Cabo de Boa Esperança andava a gente neste tempo tão certa que a nao havia de varar por não haver outro remedio, que se ajuntavam em magotes, e não se fallava em outra cousa, e do que se tratava era avisado o capitão mór, porque o ouvia passando de noite ás escuras pelas partes onde mais nisto fallava, e muitos homens do mar vinham já ao leme, e á cadeira com armas, e se aparelhavam para no ultimo trance morrerem sobre o batel, ou defendendo algum pao em que lhes parecia poderiam salvar a vida, e com isto ser assim é muito para considerar o animo de verdadeiros portuguezes, que estando a nao muitas vezes nas enseadas, e bahias que ia a buscar para remedio, e saindo dellas na volta do mar aonde tanta gente cuidava que tinha a morte certa não houve pessoa, que contra o capitão mór dissesse palavra que parecesse principio de motim. Antes queixando-se nisto publi-

camente diziam morramos todos já que o capitão mòr assim o quer. E não menos animo mostráram nas occasiões que tivemos das naos, que encontramos vindo de Angola para este reino.

Partimos do portò de Loanda a cinco de Abril da era de 1631 aonde começou outra vez a nao a abrir agua de maneira, que de dia, e de noite se veio com as bombas na mão até este porto de Lisboa.

Vio o piloto a ilha da Assumpção a 26 de Abril, passamos a linha a sete de Maio. Na altura das ilhas encontramos sete vellas, e outros dias diversas vezes outras : não posso deixar de encarecer o grande animo da gente da nao, eu não vi outra mais aparelhada para pelejar, nem soldados, que com mais alegre rosto acudissem aos lugares, que lhe estavam repartidos, mas foi mercê de Deos não pelejar em alguma destas ocasiões, e passarem por nossas naos pacificas, porque a juizo dos officiaes melhor entendidos só com o jugar da artelharia se fora a nao ao fundo, em tal estado vinha, e ainda depois de partir de Angola foi necessario cortar-lhe por dentro muita madeira para se lhe tomarem as aguas que de novo abrio. E sobre tudo conhecemos a particular assistencia, com que nosso Senhor nos defendia como foi que pela grande continuação, que as bombas tinham em deitar a agua fóra, cada dia se concertavam tres, e quatro vezes, e se suspendiam tambem muitas vezes, e com o mestre trazer grande quantidade de tachas para concerto dellas vieram a faltar a meia viagem, e além disto nos quebráram os ferros das bombas, e não tinhamos já outros de que nos pudessemos valer. Permittio Deos nosso Senhor, que nesta nao viesse um homem sarralheiro chamado Domingos Dias Cativo, obrigado á nao : o qual foi de tanta importancia, como nós o experimentámos nesta jornada, porque sem falta se elle

não fora ainda em Angola correra muito risco o concerto desta nao, e homem de muita habilidade, elle arrimou dentro na nao ũma forja em uma tina chea de terra, e calhao, e tambem lhe poz alguns pelouros ao redor para que assim lhe ficasse mais segura. Os foles fez de um couro das bombas, e os canos de uns que tirou de frascos de mosquetes, a bigorna foi uma peça de artelharia, o martello da enxó de um tanoeiro, e as tanazes de arcos de ferro das pipas, e desta maneira fez muita cantidade de tachas, e remediou os ferros das bombas, e já outra vez armou outra forja na ilha de Santa Elena quando alli descarregou a nao Conceição no anno de 1625.

Quiz nosso Senhor tomar-nos tanto á sua conta como tenho dito, porque o dia que chegamos a Cascaes nos disseram os pilotos da barra, que havia mui pouco que dalli se tinha ido uma esquadra de dezasete naos de turcos, as quaes o tempo do mar deitou em Galiza, e sem duvida passaram por nós sem haverem vista da nao pelas grandes nevoas de que o mar amanhecia cuberto todos os dias. Não sendo menos milagre haver ventos do mar em Julho naquella paragem. E porque em tudo se mostrasse quanto Deos fazia pela salvação desta nao o dia que vimos as Berlengas mandou o piloto Luis Alvares virar na volta do mar por não perder balravento da barra por o vento ser escasso aos que vinhamos por muita altura, e a gente desejosa de terra, começou a murmurar, e enfadar-se de a tornar a perder de vista, e se vieramos por diante aquelle dia se entendemos acharamos ás dezasete naos que tenho dito.

Aos tres dias de Julho surgimos em Cascaes : ao outro dia seguinte entramòs pelo rio de Lisboa, aonde meteram muita gente para dar ás bombas, e se descarregou com brevidade. Depois de descarregada fez

a gente della uma petição a Sua Magestade, pedindo-lhe que por seus officiaes da Ribeira mandasse ver aquella nao para que depois se definisse aos requerimentos dos homens que nella vieram conforme ao serviço que fizeram a Sua Magestade em a trazer a este porto de Lisboa. Os officiaes que a viram se espantáram jurando que nunca outra nao chegára áquelle porto tão destroçada, e que em suas consciencias entendiam que se de Angola para este reino tivera alguma tromenta se fora ao fundo a pique, e se fez disto um auto em que todos assináram no qual declaráram com meudesa os muitos liames, curvas, contracurvas, pés de carneiros, cordas, contra-cordas, e entremichas, e dormentes, que todas acharam quebradas, e assim se inviou a Sua Magestade de cuja grandeza todos esperam a remuneração de seus trabalhos.

Louvado seja o Santissimo Sacramento, e a Immaculada Conceição da Virgem Senhora nossa concebida sem peccado original.

Vale iterumque vale.

TRASLADO

Do Termo, que os senhores governadores mandaram fazer aos officiaes da Ribeira, vistoria da nao Nossa Senhora do Bom Despacho

Em cinco de Setembro de mil e seiscentos e trinta e um: sendo presente o provedor dos almazens, e armadas Vasco Fernandes Cesar, foi vista a nao Nossa Senhora do Bom Despacho, que veio darribada a esta cidade, em tres de Julho passado pelo patrão mór: Mestres da Ribeira, e contramestres de carpintaria, e calafeto, e pelos mais mestres, e of-